



**A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE -
CONCEÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES E PROFESSORES**

Maria Izaura Costa Alegre

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção
de grau de Mestre em Educação Especial – ramo de Problemas de Cognição e
Multideficiência

2018



**A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE -
CONCEÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES E PROFESSORES**

Maria Izaura Costa Alegre

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de Mestre em Educação Especial – ramo de Problemas de Cognição e Multideficiência

Orientador: Prof^a Doutora Isabel de Lacerda Pizarro Madureira

2018

RESUMO

Com este estudo pretende-se conhecer as percepções e as práticas de educadores e professores sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais (NEE) na escola, no contexto da República Democrática de São Tomé e Príncipe (STP).

O objetivo geral do trabalho é duplo. Por um lado, pretende-se conhecer a percepção dos docentes sobre a inclusão de crianças com NEE no ensino regular, por outro, interessa-nos conhecer as práticas que estes desenvolvem na sala de aula e as necessidades de formação sobre a problemática da inclusão escolar.

A abordagem metodológica assentou na investigação qualitativa que envolveu a realização de processos de observação direta e indireta; com efeito, realizaram-se dez entrevistas e quatro observações de aulas de dois Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico e de duas Educadoras de Infância de estabelecimentos escolares selecionados na ilha de São Tomé e Príncipe.

Este trabalho permitiu identificar o nível de conhecimento que estes educadores e professores do ensino regular têm sobre a legislação em vigor e conhecer as atitudes e conceções positivas que revelam face à inclusão de alunos com NEE nas salas de aula. Estas conceções vão ao encontro da legislação publicada em STP relativamente à organização da educação especial, em particular o artigo 18º da Lei de Bases do Sistema Educativo.

Outra constatação fundamental refere-se aos meios e recursos disponíveis face às necessidades de formação. Por um lado, o contexto educativo estudado nem sempre dispunha de recursos humanos e materiais necessários para responder às necessidades dos alunos com NEE. Por outro, nas observações foi possível constatar a existência de um elevado número de alunos, quer nas turmas de Educação Pré-escolar, quer nas de 1º Ciclo do Ensino Básico. A falta de formação inicial e contínua no âmbito da educação inclusiva foi também referida pelos participantes, sendo evidente a urgência de responder a esta necessidade.

Se efetivamente se pretende construir uma educação inclusiva, a análise das condições estruturais da escola e das salas de aula deverá constituir objeto de reflexão e de mudança por parte das entidades competentes, no sentido de ser possível reduzir o

número de alunos por turma, disponibilizando assim salas de aula mais acolhedoras. Além disso, os resultados sugerem a necessidade urgente de atualizar os programas, os métodos e meios de ensino, explorando as potencialidades didáticas das novas tecnologias da informação.

Por fim, e não menos importante, considera-se que a formação em Necessidades Educativas Especiais e Educação Inclusiva é de especial relevância para todos os que trabalham com crianças e jovens em contextos de educação, dado que o conhecimento dos vários tipos de Necessidades Educativas Especiais e das suas problemáticas auxiliam o professor e os técnicos a compreenderem melhor estas crianças e a desenvolver metodologias de ensino inclusivas.

Palavras-Chave: Necessidades Educativas Especiais; Educação Inclusiva; Necessidades de Formação; Educadores e Professores.

ABSTRACT

This study intends to know the perception and practice of educators and teachers about the inclusion of children with special educational needs (SEN) at school, in the context of the Democratic Republic of São Tomé and Príncipe (STP).

The overall objective of the work is twofold. On the one hand, it is intended to know the teachers' perception about the inclusion of children with SEN in classrooms; on the other, we are interested in learning about the practices they develop in the classroom and the training needs on the issue of school inclusion.

The methodological approach was based on the qualitative research that involved the realization of direct and indirect observation processes; in fact, ten interviews and four observations of classes by two Elementary School Teachers and two Kindergarten Educators from selected schools in the island of São Tomé and Príncipe were conducted.

This work allowed to identify the level of knowledge that educators and teachers of regular education have on the current legislation and to know the positive attitudes and conceptions that they reveal in relation to the inclusion of students with SEN in the classrooms. These concepts meet the legislation published in STP regarding the organization of special education, in particular article 18 of the Framework Law of the Educational System.

Another key finding relates to the means and resources available to training needs. On the one hand, the educational context studied did not always have the human and material resources necessary to respond to the needs of students with SEN. On the other hand, in the observations it was possible to verify the existence of a high number of students, both in the classes of Pre-school Education and in the 1st Cycle of Elementary Education.

If an inclusive education is to be constructed, the analysis of the structural conditions of the school and the classrooms should be the subject of reflection and change by the competent authorities, to reduce the number of students per class, thus making available more welcoming classrooms. In addition, the results suggest the urgent need to update the programs, methods and means of teaching, exploring the didactic potential of the new information technologies.

Finally, special education needs, and inclusive education are considered to be of particular relevance to all those working with children and young people in educational settings as knowledge of the various types of Special Educational Needs and their problems help the teacher and the technicians to better understand these children and to develop inclusive teaching methodologies.

Keywords: Special Educational Needs; Inclusive education; Training Needs; Educators and Teachers.

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste estudo não teria sido possível sem o apoio incondicional de várias pessoas, que de todas as formas, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

O espaço dedicado aos agradecimentos será seguramente limitado, não me permitindo agradecer, como devia, a todas as pessoas que, ao longo do meu Mestrado me ajudaram, direta ou indiretamente, a cumprir os meus objetivos e a realizar mais esta etapa da minha formação académica.

Desta forma, deixo apenas algumas palavras, poucas, mas um sentido e profundo sentimento de reconhecido agradecimento:

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Madureira, pelo modo incansável como me aconselhou ao longo deste trabalho, pelo apoio, paciência, amizade, compreensão, tempo dispensado e todos os conhecimentos transmitidos durante todo este projeto de investigação. Ficarei sempre grata, pela disponibilidade e atenção sempre manifestada, pela elevada competência, pela palavra amiga e motivadora.

Aos docentes do Mestrado em Educação Especial da Escola Superior de Educação de Lisboa pelos ensinamentos e desafios proporcionados ao longo desta jornada.

Aos meus colegas, obrigada por todos os momentos que partilhamos, cumplicidades, por todos os trabalhos que construímos, acima de tudo obrigada pela amizade. A todos os que me ajudaram a avançar e a não desanimar, com uma palavra de conforto e incentivo.

Aos professores e educadores, que em São Tomé colaboraram no processo de investigação e contribuíram bastante e de boa vontade nas entrevistas e no fornecimento de informações para a elaboração do estudo.

À minha família, em especial ao meu marido, aos meus filhos e netos, um enorme obrigado por acreditarem sempre em mim e naquilo que faço e por todos os ensinamentos de vida. Pelo apoio e compreensão pelo facto de ter estado mais ausente durante todo este processo. Espero que esta etapa, que agora termino, possa, de alguma forma, retribuir e compensar todo o carinho, apoio e dedicação que, constantemente, me oferecem. A eles, dedico todo este trabalho.

LISTA DE ABREVIATURAS

AO	Assistentes Operacionais
AC	Análise de Conteúdo
CEB	Ciclo do Ensino Básico
E1	Educador 1
E2	Educador2
E3	Educador3
E4	Educador4
E5	Educador5
EB	Ensino Básico
EE	Educação Especial
ER	Ensino Regular
ESES	Escola Superior de Educação de Santarém
EFOPE	Escola de Formação de Professores e Educadores
IIE	Instituto de Inovação Educacional
ME	Ministério da Educação
NEE	Necessidades Educativas Especiais
ONU	Organização das Nações Unidas
P1	Professor1
P2	Professor2
P3	Professor3
P4	Professor4
P5	Professor5
RIQUEB	Reforço Institucional e Qualitativo do Ensino Básico em São Tomé e Príncipe
STP	São Tomé e Príncipe
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UR	Unidades de Registo

ÍNDICE GERAL

RESUMO	III
ABSTRACT	V
AGRADECIMENTOS	VII
LISTA DE ABREVIATURAS.....	VIII
ÍNDICE DE FIGURAS	xii
ÍNDICE DE TABELAS	xiv
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1. Inclusão e Educação Inclusiva.....	5
1.1. Conceito de Inclusão, Educação Inclusiva e Escola Inclusiva	5
1.2. Educação de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE)	10
1.3. Inclusão de alunos com NEE na escola	11
1.4. Atitude dos educadores e professores perante a inclusão de alunos com NEE no ensino regular	12
2. Papel do professor na escola inclusiva.....	13
2.1. Mudanças nas práticas	14
2.2. Necessidades de formação de professores face à inclusão	16
3. Educação inclusiva em São Tomé e Príncipe (STP)	19
3.1. Organização do sistema educativo de S.T.P.	19
3.2. Legislação referente à educação inclusiva existente em STP.....	20
CAPÍTULO II - METODOLOGIA DO ESTUDO	25
1. Questão orientadora e objetivos do estudo	25
2. Métodos de estudo	27
3. Participantes e plano do estudo.....	28
4. Métodos e técnicas de recolha e análise de dados.....	30
4.1. Entrevista	30
4.2. Observação naturalista.....	34
4.3. Pesquisa documental.....	36
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	37
1. Caracterização dos participantes.....	37
2. Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos educadores de infância 41	
2.1. Perceção sobre a inclusão de crianças com NEE no ensino regular.....	43
2.2. Perceção sobre as práticas de inclusão de crianças com NEE no ensino regular	49
2.3. Necessidades de formação.....	51

3. Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores.....	53
3.1. Percepção sobre a inclusão de alunos com NEE no ensino regular	55
3.2. Percepção sobre as práticas de alunos com NEE no ensino regular.....	57
3.3. Necessidades de formação	58
4. Resultados das observações naturalistas aos educadores e professores	60
4.1. Estratégias utilizadas pelas educadoras de jardim de infância	60
4.2. Estratégias utilizadas pelos professores	63
5. Discussão dos resultados	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	87

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1..... Descrição das fases do plano de investigação	29
--	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	39
<i>Caracterização dos participantes quanto à idade, género, tempo de serviço, habilitações académicas e instituição de formação inicial</i>	39
Tabela 2	40
<i>Caracterização dos participantes quanto à experiência docente com alunos com nee</i> .	40
Tabela 3	41
<i>Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos educadores de infância</i>	41
Tabela 4	48
<i>Resultados obtidos no 1º tema: percepção sobre a inclusão de crianças com nee</i>	48
Tabela 5	50
<i>Resultados obtidos no 2º tema: percepção sobre as práticas de inclusão de crianças com nee</i>	50
Tabela 6	52
<i>Resultados relativos às necessidades de formação de educadores de infância</i>	52
Tabela 7	54
<i>Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores</i>	54
Tabela 8	56
<i>Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores: percepção sobre a inclusão de alunos com nee</i>	56
Tabela 9	58
<i>Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores: percepção sobre as práticas de inclusão de alunos com nee</i>	58
Tabela 10	59
<i>Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores: necessidades de formação de professores</i>	59
Tabela 11	61
<i>Estratégias utilizadas pelas educadoras com grupo e com crianças com nee</i>	61
Tabela 12	62
<i>Estratégias utilizadas com grupo de crianças</i>	62
Tabela 13	64
<i>Síntese das estratégias usadas pelos professores/comportamentos observados</i>	ERRO!
	MARCADOR NÃO DEFINIDO.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, diversos documentos internacionais de política educativa apontam para a necessidade de as escolas efetivarem princípios de educação inclusiva, isto é, uma educação que acolhe e valoriza a diversidade dos alunos, respondendo adequadamente às necessidades educativas e sociais (UNESCO, 1994). De acordo com esta organização, a efetivação da educação inclusiva significa que os sistemas educativos fomentem através das práticas; i) a participação dos alunos, pais e outros agentes educativos nos processos de tomada de decisão e na implementação de políticas de educação inclusiva; ii) a flexibilização do currículo e do ensino, de modo a responder adequadamente às necessidades das crianças e jovens e aos diferentes contextos e estilos de aprendizagem; iii) a diversificação dos processos de avaliação abordando as diferentes necessidades de desenvolvimento dos indivíduos; iv) a promoção da aprendizagem construtiva em ambientes que tenham em conta a interação e a participação de todos os agentes educativos nos processos de aprendizagem. Posteriormente, a UNESCO publicou um importante documento onde se afirma:

Um conceito alargado de Educação Inclusiva pode ser concebido como um princípio e uma orientação geral para fortalecer a educação, com vista a um desenvolvimento sustentável, aprendizagem ao longo da vida para todos e acesso igual de todos os níveis da sociedade às oportunidades de aprendizagem (UNESCO, 2008).

A Educação Inclusiva (EI) é uma reforma educacional que abarca diferentes níveis de mudança. O objetivo da educação inclusiva não se resume a uma mera mudança curricular ou mesmo a permitir o acesso de alunos com condições de deficiência ou incapacidade à escola regular: trata-se de uma reforma bem mais profunda abrangendo os valores e as práticas de todo o sistema educativo.

A educação inclusiva descreve o processo através do qual a escola tenta responder a todos os alunos enquanto indivíduos, reconhecendo e reestruturando a sua organização curricular e a provisão e utilização de recursos para melhorar a igualdade de oportunidades. Através deste processo,

a escola constrói a sua capacidade de aceitar todos os alunos que a desejem frequentar provenientes da comunidade local e, fazendo isto, reduz a necessidade de excluir alunos (Sebba & Ainscow, 1996, p.112).

Com efeito, a educação inclusiva pressupõe que todos os alunos, independentemente das suas necessidades, efetuam as suas aprendizagens nas Escolas de Ensino Regular (Lourenço & Leite, 2014).

Portugal é um dos países que tem vindo a assumir progressivamente, no campo legislativo, este pressuposto. No entanto, no campo da prática, a inclusão tem sido um processo demorado e difícil, quer ao nível das atitudes e ações dos principais atores, quer ao nível das formas de organização e funcionamento das escolas e do ensino.

Estas medidas abriram portas das escolas de Ensino Regular aos alunos com NEE que necessitam de respostas muito específicas, nomeadamente aos alunos que apresentam problemáticas de baixa frequência e alta intensidade (Simeonsson,1994), tais como a cegueira e a surdez, o autismo, a paralisia cerebral, a síndrome de Down, entre outras (Lourenço & Leite, 2014).

A inclusão de crianças com necessidades especiais em ambientes educacionais regulares está a tornar-se cada vez mais comum (Ainscow & Cesar, 2006; Cook, Cameron & Tankersley, 2007) e resultou em mudanças dramáticas nas escolas de forma concetual, organizacional e estrutural (Gavish & Shimoni, 2011). O aumento da inclusão tem sido impulsionado por seus benefícios documentados, pelo qual os alunos com necessidades especiais em salas de aula inclusivas são mais capazes de aprender, fazer mais progresso em habilidades académicas e desenvolver comportamentos adaptativos em comparação com alunos educados em escolas especiais (Desaemontet, Bless, & Morin, 2012).

Neste contexto, pretendemos conhecer o que pensam os educadores e professores sobre a inclusão de crianças com NEE na escola de STP, que práticas desenvolvem na sala de aula e que necessidades de formação manifestam face a esta problemática.

Para a identificação destas inquietações, procuramos conhecer:

- as perceções que os educadores e professores têm sobre a inclusão de alunos com NEE no ensino regular;
- os aspetos que poderão facilitar ou dificultar essa inclusão;

- as dificuldades que os educadores e professores encontram no trabalho com alunos com NEE;
- as estratégias utilizadas na sala de aula no sentido de facilitar a inclusão da criança com NEE nas atividades;
- as necessidades de formação contínua que se colocam a educadores e professores perante a inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino;

Neste contexto, os objetivos específicos do estudo são: conhecer a opinião dos educadores e professores do 1º ciclo sobre a inclusão de alunos com NEE no ensino regular;

- Saber como tem sido aplicado o Decreto Lei nº 2/2003 em STP;
- Conhecer as atitudes dos educadores e professores face à inclusão de alunos com NEE;
- Conhecer as estratégias e práticas de ensino desenvolvidas no sentido da inclusão dos alunos com NEE na sala de aula
- Identificar as carências de formação de educadores e professores para dar resposta à inclusão de alunos com NEE;

Relativamente a aspetos estruturais, organizamos o trabalho em três capítulos, para além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo integra os pressupostos teóricos que serviram de base a este estudo, começando por uma abordagem aos conceitos de inclusão e escola inclusiva, atitude dos educadores e professores perante a inclusão, assim como os modelos que lhe estão associados. Abordamos também algumas conceções sobre o papel do professor na escola inclusiva, as mudanças na prática e apresentamos algumas conceções sobre necessidades de formação apontamos alguns estudos sobre este tema. Apresentamos a organização do sistema educativo e a legislação que estabelece os fundamentos, princípios e objetivos do ensino de STP, centrando-nos em particular nos normativos legais sobre a educação inclusiva.

No segundo capítulo, referimos as orientações metodológicas para a elaboração deste estudo, começando por delimitar a problemática, as questões da investigação e os objetivos que nortearam o estudo. De seguida, descrevemos a metodologia utilizada, os participantes do estudo, os métodos e técnicas de recolha de dados, os procedimentos adotados para se proceder à recolha de dados e o tratamento dos mesmos.

No terceiro capítulo, procedemos à apresentação e análise dos resultados, estando este organizado de acordo com os objetivos definidos para o estudo e as questões que o orientaram. Posteriormente, apresentamos os resultados das entrevistas e das observações naturalistas realizadas nas salas de aulas de dois professores e de duas educadoras de infância entrevistados. Finalmente, procedemos a comparação e interpretação dos resultados da observação.

Por último, nas considerações finais, tecem-se algumas conclusões a que foi possível chegar, tendo em conta os objetivos delineados e sugerem-se formas de intervenção que julgamos poderem facilitar os processos de construção de uma educação e de uma escola inclusiva.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Inclusão e Educação Inclusiva

1.1. Conceito de Inclusão, Educação Inclusiva e Escola Inclusiva

O conceito de inclusão não é de fácil definição, uma vez que não tem sido possível encontrar um consenso entre os diversos autores no que respeita ao seu significado. A ideia de educação inclusiva pode ser definida de muitas maneiras (Ainscow, Farrell & Tweddle, 2000).

Segundo vários autores, ‘Inclusão’ significa atender ao aluno com NEE, incluindo aquele que apresente Necessidades Educativas Especiais (NEE) severas, na classe regular, com apoio dos serviços de educação especial (Boatwright, 1993; Alper & Ryndak, 1992).

Correia (1995, 2003) define ‘inclusão’ como a inserção do aluno na classe regular, onde sempre, que possível, deve receber todos os serviços educativos adequados, contando-se para esse fim, com um apoio apropriado (e.g., docentes de educação especial, outros técnicos, pais, etc.) às suas características e necessidades.

Quando se fala em inclusão, muitos teóricos apontam as classes regulares para todos os alunos, sem atenderem à especificidade das suas necessidades e sem perceberem a natureza das práticas educativas que melhor podem responder a essas mesmas necessidades. Assim, as escolas inclusivas encontram-se numa linha de aceitar a diversidade, de alargar o currículo, de adaptar um ensino e uma aprendizagem interativos e de dar apoio ao corpo docente.

A noção de inclusão “implica uma reforma nas escolas em termos de currículo, avaliação, pedagogia e formas de agrupamento dos alunos nas atividades de sala de aula” (Mittler, 2003, p.34). ou seja, pressupõe um sistema educacional que considera a necessidade de todos os alunos, devendo o mesmo ser estruturado em função dessas carências.

A inclusão baseia-se, portanto, nas necessidades da criança, vista como um todo, e não apenas no seu desempenho académico. O princípio da inclusão apela para uma

Escola que tenha em atenção a criança-todo, e que respeite três níveis de desenvolvimento essenciais: académico, socio emocional e pessoal.

Tal como refere Ferreira (2005), a educação inclusiva é um movimento que começou essencialmente na década de 90, com grandes conferências internacionais em todo o mundo e que, tem vindo a desenvolver-se com base no pressuposto de que toda a criança tem direito a uma educação de qualidade e de que, portanto, os sistemas educacionais têm que mudar para poder responder a essas necessidades. Na educação inclusiva todas as crianças são especiais, todas têm direito ao acesso à educação e a conviver com outras crianças do seu próprio meio e todas merecem igual atenção, cuidado e oportunidades de se desenvolverem de forma agradável.

Nesta ordem de ideias surge a necessidade de identificação de metodologias de ensino facilitadoras da inclusão, da participação e da aprendizagem de todos, o que significa a transição do paradigma centrado no aluno para o paradigma centrado na escola (Lopéz, 2012). Tal implica que a escola se reestruture no sentido de acolher todos os alunos, independentemente das suas deficiências ou origem (Bossaert, Colpin, Pijl, & Petry, 2013). A escola passa a privilegiar a identificação e análise de barreiras que poderão limitar a participação e a aprendizagem (Ainscow & Miles, 2013; Booth & Ainscow, 2002).

Segundo Ainscow (1997a, 1997b), Bénard da Costa (1996) e Niza (1996), a Declaração da Conferência Mundial de Salamanca, em 1994, na sequência da Declaração Mundial da Escola para Todos, na Conferência da UNESCO em Jomtien (1990), vem clarificar e reafirmar, o princípio educação inclusiva. A declaração e o enquadramento de Acção (1994) aprovados entendem como necessidades educativas especiais (NEE) as que se referem as deficiências ou dificuldades escolares. Nos documentos aprovados na conferência de Salamanca, (1994) reconhecem a premência destes alunos serem escolarizados no sistema de ensino regular e a necessidade das escolas se ajustarem a todos os alunos, mesmo que possuem graves incapacidades. As estratégias utilizadas devem ser adequadas flexíveis e respeitar o ritmo de cada aluno.

Assim, no enquadramento de ação (UNESCO, 1994) refere que:

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em que todos os alunos devem aprender juntos, sempre que possível independentemente das

dificuldades que apresentam. As escolas inclusivas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola (p.12).

Com efeito, Ainscow (1995) reconhecendo o desafio que se coloca à comunidade educativa em alcançar que a generalidade dos alunos consiga ter sucesso na sua aprendizagem, focaliza o desenvolvimento de escolas inclusivas, destacando a ação da UNESCO¹ e a realização da Conferência de Salamanca, (UNESCO, 1994)² com os contributos capazes de promoverem a aprendizagem do currículo comum por parte de todos os alunos, para além de apontarem estratégias favorecedoras da escola inclusiva em relação a aspetos organizativos e de recursos especializados.

Na perspetiva de Wang, Reynolds e Walberg (1995), cada vez mais a própria educação especial considera que é na escola regular que os alunos com NEE vão encontrar o seu ambiente mais apropriado. A inclusão baseia-se na visão da criança como um todo. Correia (1997) perspetiva um modelo de inclusão progressiva a desenvolver-se no espaço escola regular.

Sanches (2011) refere que “numa escola inclusiva, só pode existir uma educação inclusiva” (p.41). Uma educação em que a diversidade é valorizada e encarada como um desafio ao profissionalismo e criatividade pelo professor, e não um problema, pois quanto

¹ O autor aponta a iniciativa do Instituto de Inovação Educacional (IIE), enquadrada na ação de âmbito mundial da UNESCO, denominada “Necessidades Especiais na Sala de Aula”, que utiliza como instrumento fundamental um “Conjunto de Materiais para a Formação de Professores”; para além de um artigo seu (“Educação para Todos: Torná-la uma Realidade”, apresentado no Congresso Internacional de Educação Especial, em Birmingham, em 1955), que considera consubstanciarem de forma exemplar os princípios e as práticas que caracterizam a escola inclusiva.

² Neste caso, o autor refere dois artigos apresentados na Conferência Mundial de Salamanca sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade (realizada em junho de 1994), um deles da autoria da Prof. Margaret Wang, da Universidade de Temple (E.U.A) e outro do Prof. Gordon Porter, responsável por um departamento educativo do estado de New Brunswick (Canadá).

mais diversas forem as características dos alunos, mais os processos educativos se vão aprimorando, criando-se assim bases firmes para a melhoria da escola e para a formação contínua dos professores.

Ainscow (1997) identifica três fatores que influenciam a criação de salas de aula mais inclusivas, ou seja, que permitam ao professor ensinar sem excluir nenhum aluno; a planificação para a classe como um todo; isto é, planificar a aula de forma a que seja possível atender às necessidades de todos os alunos, incorporando nesse plano de trabalho, a planificação individual dos alunos considerados com NEE; utilização mais eficiente dos recursos da sala de aula. Reconhecendo que este é sobretudo um processo social, sendo por isso necessário que se organizem ambientes mais ricos sob o ponto de vista educativo, através da utilização do trabalho de grupo cooperativo; capacidade de improvisação, pois ensinar, é uma tarefa complexa e imprevisível e por isso requer que o professor tenha capacidade a esse nível de modo a conseguir reajustar a sua prática à luz do feedback ou modificá-la de acordo com as reações dos seus alunos.

A educação inclusiva foi, e será, um grande desafio que se oferece à escola, pois, como tal refere Leitão (2010) a heterogeneidade da população escolar tem vindo a aumentar rapidamente e esta mudança não tem sido acompanhada pelos necessários ajustamentos do sistema educativo, ou seja, as escolas não têm mudado significativamente para responder adequadamente a essa heterogeneidade.

Sendo certo que a educação inclusiva tem vindo a ser reconhecida como uma meta a atingir pelos sistemas educativos em todo mundo, alguns autores sublinham a urgência de criar comunidades de aprendizagem inclusivas para todos os alunos (Curcic, 2009; Katz, 2012; 2013; UNESCO, 2009, citados por Nunes & Madureira, 2015). Tal exige mudanças significativas não só na forma de perspetivar o papel e as funções da escola e dos professores no processo educativo, como também na forma de desenvolver práticas pedagógicas eficazes que garantam a aprendizagem de todos.

A nível internacional, existe uma controvérsia à volta do conceito de educação inclusiva podendo este ser definido de muitas maneiras (Ainscow, Farrell & Tweddle, 2000). É importante salientar que também nos países desenvolvidos, nem todos os pedagogos apoiaram a filosofia de inclusão. No entanto, alguns resistem a esta ideia (Brantlinger, 1997; Freire & César, 2002; Fuchs & Fuchs, 1994).

Na maioria dos países da Europa continua a existir uma contradição entre legislação e práticas nas escolas ou salas de aula, “Tanto a legislação como o discurso dos professores se tornaram rapidamente “inclusivos”, mas as práticas nas escolas nem sempre são consistentes com estes discursos.” (Rodrigues, 2006, p.3).

Na sequência da já citada Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e dos compromissos assumidos pelos vários Estados, onde se inclui Portugal, o movimento para o desenvolvimento de uma educação inclusiva tem, nesta última década, conduzido a mudanças nas escolas, sendo já normal encontrar uma enorme diversidade de alunos com um leque muito variado de necessidades e capacidades.

Mais do que na dificuldade do aluno, o conceito de educação inclusiva coloca sobretudo a ênfase nas mudanças dos sistemas, metodologias e práticas. Daí a necessidade de que todo o sistema se torne mais flexível, mais colaborativo e mais inclusivo, de forma a responder a todas as diferenças (Wilson, 2000; Rodrigues, 2006).

Regulamenta-se que é na classe regular que todas as crianças e jovens devem ser educadas, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. As diferenças individuais são perspectivadas não como algo negativo, que é necessário combater, mas sim como um valor de referência, já que fundamentam e justificam mudanças na gestão do currículo das escolas e, conseqüentemente no processo de ensino aprendizagem (UNESCO, 1994).

Ainscow et al. (1997) salientam-nos que:

está em curso um movimento que tem por objetivo a reestruturação das escolas com vista a um atendimento mais eficaz das crianças que necessitam de apoio educativo complementar e de serviços complementares apropriados. A característica mais importante deste processo reorganizativo tem sido descrito como “inclusão crescente”; ou seja, um aumento gradual do número e percentagem de alunos com necessidades especiais que recebem serviços de ‘educação especial’, frequentando escolas e classes regulares. (p.51)

Para Daniels e Garner (1999) explicam-nos a importância da educação inclusiva, ao referirem que ela

não constitui a reforma da educação especial. Ela constitui o resultado da reestruturação do sistema público de educação, indo ao encontro das

necessidades de uma sociedade em mudança. Mais do que a adaptação do sistema de educação especial, que já mostrou ser malsucedido para o maior número de estudantes que serve, ela é o desenvolvimento de um sistema unitário que traz benefícios para todos os alunos; não só para os que têm necessidades especiais. É um sistema que providencia educação de qualidade para todas as crianças. (p.15).

De modo a garantir a todos o acesso a uma educação de qualidade e a assegurar a plena participação e integração na sociedade considera-se que a escola e a sala de aula em particular constituem ambientes adequados para uma educação inclusiva (UNESCO, 2001). Nesse sentido, todas as crianças têm o direito de aceder a ambientes inclusivos de aprendizagem com recursos educacionais relevantes e receber uma educação adequada às suas necessidades específicas (Agbenyega & Klibthong, 2013; Allen & Cowdery, 2012; Florian & Black-Hawkins, 2011; Klibthong, 2013).

Preconiza-se assim, uma escola e uma pedagogia centrada no aluno, tornando-se imprescindível a implementação de processos de formação inicial e contínua de professores que assegurem o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas (Nunes & Madureira, 2015).

1.2. Educação de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE)

De acordo com Correia (2008a), existe um vasto leque de alunos, comumente designados por alunos com necessidades especiais, cujas características, capacidades e necessidades obrigam, frequentemente, a Escola a organizar-se no sentido de melhor poder elaborar respostas educativas eficazes de os conduzir ao sucesso. Estas crianças e jovens portadores de características que os colocam “em risco” quanto à sua realização académica e social. Têm uma grande probabilidade de vir a experimentar problemas de comportamento e de aprendizagem. Fatores como álcool, drogas, gravidez na adolescência, negligência, abuso, ambientes socioeconómicos e socioemocionais desfavoráveis podem colocar estes alunos numa situação de alto risco educacional.

Nos últimos anos o conceito de Necessidades Educativas Especiais tem recebido algumas críticas pela sua falta de clareza e concretização (Warnock, 2005; Terzi, 2007). O termo é muito ambíguo e inclui um amplo conjunto de características e necessidades

que, em muitos casos, não estão relacionados. Além disso, existe um problema em como avaliar e determinar as necessidades especiais dos alunos e com que sistemas e instrumentos se deve levar a cabo esta avaliação. Para tal, convém definir e diferenciar com maior precisão o conceito de NEE no contexto educativo inclusivo.

Sendo certo que a interpretação dos termos ‘necessidades especiais de educação’, ‘educação inclusiva’ e ‘escolas inclusivas’ é muito variável em toda a Europa, torna-se importante e útil discutir, clarificar e consensualizar uma série de conceitos e respetivas definições. Meijer (2003) reforça esta ideia ao afirmar que os conceitos de ‘deficiência’, ‘necessidade especial’ ou ‘incapacidade’ resultam em diferenças que: “estão ligadas a processos administrativos, financeiros e regulamentos processuais, não refletindo variações na incidência e nos tipos de necessidades especiais nos países”. (Agência, 2009, p.13). Uma das dimensões do conceito de NEE tem a ver com o desenvolvimento da criança e a necessária adequação curricular. Um outro aspeto tem a ver com o currículo, ou seja, o modo como o programa deve adaptar-se às diferentes características dos alunos.

No mesmo seguimento, Correia (1999) afirma que o termo NEE deverá referir-se aos alunos que revelam uma aprendizagem atípica. Isto é, que não consigam acompanhar o currículo normal sendo, por isso, necessário fazer adaptações/adequações curriculares para os mesmos. De acordo com este autor, as NEE poder-se-ão dizer permanentes ou temporárias e ambas implicam a adaptação do currículo, poder-se-ão manter durante todo, ou grande parte. Do seu percurso escolar, enquanto as segundas podem estar presentes apenas em determinado momento do seu desenvolvimento, exigindo a modificação parcial do currículo escolar.

1.3. Inclusão de alunos com NEE na escola

A escola inclusiva assenta no pressuposto de que todas as crianças e jovens têm direito a ter uma vida o mais normal possível. Baseia-se no princípio de que a escola deve incluir todas as crianças e jovens, independentemente de qualquer condição social, emocional, cultural, intelectual ou física (Florian & Rouse, 2010). Para intervir com qualquer aluno que apresente NEE, é fundamental o diagnóstico, efetuado o mais precoce possível, assim como o plano de intervenção pedagógica. Esta abordagem pretende minimizar as dificuldades da criança, para que ela possa integrar-se e desenvolver-se. A

educação inclusiva de forma geral, depende de uma série de condições das escolas, devendo estas possibilitar a participação de todos os alunos, sem discriminação. É fundamental que a escola intervenha de uma forma eficaz propiciando o acesso ao currículo, bem como, promovendo uma intervenção em todas as áreas que necessitem de ser melhoradas. Isto pressupõe o apoio de vários intervenientes. No sistema inclusivo, todas as intervenções devem constituir uma mais valia para as realizações do aluno nos seus diversos contextos da escola, nomeadamente no ensino regular em colaboração com os docentes do ensino regular e outros profissionais responsáveis por apoios aos alunos com NEE.

1.4. Atitude dos educadores e professores perante a inclusão de alunos com NEE no ensino regular

É importante assinalar que a atitude dos professores “é um elemento fundamental no sucesso da inclusão na sala de aula. Atitudes positivas dos professores perante a inclusão refletem-se nos seus comportamentos na sala de aula inclusiva (Leatherman & Niemeyer, 2005). A qualidade da inclusão é baseada na criação de um ambiente, onde o professor apoia e inclui todos os alunos, numa comunidade inclusiva que apoia comportamentos positivos de todos os alunos.

Muntaner, (2014) defende que a educação tem sempre como um dos objetivos promover, oferecer a aprendizagem, em consequência, uma educação de qualidade deverá estar em função do tipo de aprendizagem que promove aos alunos. Assim, para que se promova a aprendizagem, será necessário que três condições estejam interligadas Farstad, 2004, citado por Muntaner (2014):

- Motivação dos alunos: esta é a condição indispensável do êxito da educação, a educação deve ter sempre em conta as necessidades, interesses e a implicação dos alunos;
- Motivação e capacidade do professor para organizar o ensino, apresentar os conhecimentos e as atitudes que facilitem ao aluno entender e aprender a partir da aplicação de metodologias variadas e oportunas;
- O conteúdo da educação deverá ser pertinente, pois o aluno deve apreciar a sua utilidade, a oportunidade dos conteúdos que aprende, observa e experimenta,

diretamente relacionado consigo mesmo, com seu contexto, com objetivo de aumentar a sua motivação e em consequência a sua aprendizagem;

No entanto, Ainscow & Miles (2013) acrescentam ainda que a falta de recursos ou da experiência de profissionais, a inadequação de programas, de métodos de ensino e de atitudes podem ser fatores que condicionam negativamente à presença, a participação e a aprendizagem por parte de certos alunos (Ainscow & Miles, citado por Nunes & Madureira, 2015).

2. Papel do professor na escola inclusiva

Alguns profissionais da educação consideram necessitar de uma melhor formação que os prepare para o trabalho com alunos com NEE.

Vários autores (Giangreco et al., 1993; Janney et al., 1995; Keith & Ross, 1998) demonstraram que o papel da experiência é fundamental na mudança das atitudes dos docentes face à inclusão dos alunos com NEE, através da qual, muitos pressupostos infundados foram ultrapassados.

Desta forma, os dados referem que, a maioria dos docentes não se sentem seguros relativamente às suas capacidades e competências para ensinar crianças com NEE. No entanto, estas reservas iniciais por parte dos docentes são facilmente ultrapassadas desde que lhes seja concedida a oportunidade e tenham vontade de trabalhar com tais alunos (Pinheiro, 2001).

Por outro lado, é também importante constatar que os professores que se julgam capazes e com conhecimentos para ensinar crianças com NEE, manifestam mais vontade de incluir estes alunos nas suas turmas. Este facto também se verifica nos docentes que frequentaram cursos de formação no âmbito da educação especial.

Nesta ordem de ideias, Correia et al. (1999, p. 161) salientam que “o sucesso da inclusão dependerá do desenvolvimento de programas de formação para professores que promovam a aquisição de novas competências de ensino, que lhes permitam responder às necessidades educativas da criança, e do desenvolvimento de atitudes positivas face à inclusão”. Isto significa que os docentes necessitam de algum “treino”, em matérias relacionadas com a inclusão, para adquirirem mais competências (Pinheiro, 2001).

Estes professores apresentam um nível moderado de confiança na sua capacidade para implementar a inclusão.

Esta posição surge do facto de estes professores admitirem que a sua formação inicial é insuficiente para dar resposta à problemática da inclusão escolar. Alguns profissionais da educação consideram necessitar de uma melhor formação, que os prepare para o trabalho com alunos com NEE.

2.1. Mudanças nas práticas

A escola inclusiva, enquanto escola para todos (Ainscow, 1998), é um objetivo que implica a participação de todos, num processo de partilha e envolvimento entre alunos, pais, professores, especialistas e decisores políticos. Assume a necessidade de derrubar barreiras e promover a aprendizagem bem-sucedida para todos, tanto os que possuem Necessidades Educativas Especiais (NEE) como os que não se enquadram neste grupo. Se os primeiros procuram potenciar as suas capacidades, tendo em consideração as suas dificuldades e a procura da constante superação, aos restantes cabe o desenvolvimento duma maior abertura e envolvimento para a promoção de competências e aptidões de todos, dos alunos com necessidades educativas especiais como dos colegas num processo colaborativo e rico de experiências significativas (Sanches & Teodoro, 2006).

De acordo com o projeto *Improvement through Research in the Inclusive School* (IRIS) (2006) a escola inclusiva é um tipo de comunidade educativa cujas práticas respondem à diversidade dos seus alunos, atendendo às necessidades emocionais, académicas e sociais que manifestam na escola.

Qualquer escola que deseje seguir uma política de educação inclusiva terá de desenvolver políticas, práticas e culturas que respeitem a diferença e a contribuição ativa de cada aluno para a construção de um conhecimento partilhado. Procura por esse meio alcançar, sem discriminação, a qualidade académica e o contexto sociocultural de todos os alunos.

A educação inclusiva só existe se forem introduzidas nas salas de aula estratégias e práticas diferentes daquelas que tradicionalmente se praticam (Sanches, 2005). Estas dependem largamente da atitude, conhecimento, competência e capacidades dos

professores para inovarem e criarem contextos para um ensino que vá de encontro às necessidades e potencialidades dos seus alunos.

Criar uma sala de aula inclusiva é um desafio. Os professores devem criar ambientes de aprendizagem que valorizem a criatividade, o potencial individual, as interações sociais, o trabalho cooperativo, a experimentação e a inovação. Além do mais, é essencial o suporte que os professores podem receber, a vários níveis, dentro e fora da escola.

É importante notar que a atitude dos professores é um elemento fundamental no sucesso da inclusão na sala de aula. Atitudes positivas dos professores perante a inclusão refletem-se nos seus comportamentos na sala de aula inclusiva (Leatherman & Niemyer, 2005).

Uma perspetiva inclusiva altera o foco do individual para o contexto (Moen et al., 2007). A qualidade da inclusão não é meramente determinada pela posição do aluno, antes é baseada na criação de um ambiente que apoia e inclui todos os alunos. Para atingir este fim, as práticas devem promover a comunhão, facilitar a amizade e colaboração (Soodak, 2003). O projeto IRIS (2006), defende que baseando na descrição de práticas inclusivas no critério estabelecido pela “Plataforma Ciutadana per una Escola Inclusiva” (2006) pode dizer-se que as boas práticas são aquelas que: (i) Incluem todos os alunos; (ii) Promovem uma cultura de escola inclusiva; (iii) Realizam um trabalho colaborativo eficiente entre os agentes educativos; (iv) Usam recursos diversificados e estratégias educacionais diversificadas, (v) Têm um modelo organizacional flexível; (vi) Têm uma programação sistemática e específica; (vii) Realizam avaliação sistemática do progresso dos alunos em várias áreas (cognitiva, emocional, social, relacional, etc.) e propõem medidas para superar as dificuldades; (viii) Promovem atividades extra curriculares; e (ix) Valorizam a colaboração com a comunidade.

É essencial que a avaliação das práticas de ensino e das estratégias educativas resulte de um envolvimento ativo de todos os atores responsáveis pelo processo educativo (professores, outros especialistas educativos, estudantes e as suas famílias). É também crucial que as escolas adaptem estes critérios de acordo com o contexto educativo específico. O acesso, conhecimento e contacto com experiências diferentes e boas práticas ajudam os professores a aplicar a inclusão no seu próprio contexto.

2.2. Necessidades de formação de professores face à inclusão

A definição do conceito de necessidades de formação (Mesa et al., citado por Estrela, Madureira & Leite, 1999), surge como um conjunto de preocupações, desejos, carências e problemas sentidos ou percebidos pelos professores no desenvolvimento do processo pedagógico. Esta definição leva os autores a um paradigma desenvolvimentista sem desvalorizar, no entanto, a importância que a consciência dos aspetos defectológicos pode ter no processo de desenvolvimento profissional, conjugando as carências dos professores em relação às novas funções que lhe são exigidas (no caso específico pela inclusão de alunos com NEE) e o seu desejo de um melhor desenvolvimento profissional.

De acordo com Lourenço e Leite, (2014) relacionando a formação de professores com a inclusão de alunos NEE nas escolas de ensino regular, verifica-se que a efetivação da educação Inclusiva tem encontrado algumas barreiras relacionadas com a falta de formação adequada dos professores para atender à diversidade de Necessidades Educativas apresentadas pelos alunos (Allan & Slee, 2008; César, 2007). Uma resposta adequada a nível educativo depende, em grande parte, da compreensão que os professores têm relativamente a esta problemática. A investigação desenvolvida a este nível mostra que muitos professores não têm conhecimento suficiente para apoiar eficazmente a aprendizagem e a participação de alunos com NEE (Batten & Daly, 2006; HMIE, 2006; Humphrey & Lewis, 2008).

Estrela, Madureira e Leite, (1999), referem alguns indicadores de necessidades de formação contínua de professores para a integração de alunos com NEE:

- as preocupações dos professores face as disposições legais, quanto a integração de alunos;
- as dificuldades encontradas na prática pedagógica; (nomeadamente, a educação especial e as famílias);
- as dificuldades no trabalho em cooperação com outros agentes educativos (nomeadamente a educação especial e a família)

- as carências de formação percebidas pelos professores em termos das novas competências exigidas para a prática pedagógica com alunos integrados;
- as expectativas face a formação desejada;
- as preferências/desejos expressos em relação a temática a abordar na formação;

Estrela, Madureira e Leite, 1999, sublinham que (...) há já largas décadas vários autores vêm fazendo à utilização do conceito de necessidade na formação de professores (Charlot, 1976; Bolam, 1978; Lang, 1987; Nixon, 1989). A escassa e inadequada conceptualização sobre o que são necessidades e conotações que estas têm com o termo deficiência (Wilson & Easen, 1995) justificam as críticas referidas, bem como os diversos estudos desenvolvidos nos últimos anos no sentido da sua clarificação.

Alguns autores referem as dificuldades de os professores se pronunciarem sobre temas face aos quais têm um conhecimento escasso, tornando-se, portanto, mais pertinente equacionar a identificação de necessidades com base nas carências e dificuldades que experimentam e expressam (Wray, 1989; Alward, 1992, citado por: Estrela, Madureira & Leite, 1999).

É importante referir que a formação deve efetivamente dar resposta às necessidades da prática docente, sendo, portanto, relevante equacionar estratégias diversificadas que permitam abranger as diferentes significações do conceito. (Estrela, Madureira & Leite, 1999). Assim, revela-se fundamental desenvolver processos que favoreçam a tomada de consciência progressiva das necessidades por parte dos professores, o que implica o uso de metodologias dinâmicas, em que a sua participação seja efetiva. As autoras referem ainda, a conveniência de reformular o conceito de necessidades de formação (definição de Mesa et al., 1990) e de precisar o conceito de preocupação, para a necessidade de se utilizarem metodologias complementares que se inscrevam na própria planificação da formação e garantam uma perspetiva desenvolvimentista da mesma.

Efetivamente uma sociedade em mudança como a nossa, a dinâmica de formação dos professores tem que ser outra, que lhes permita adaptarem-se às mudanças e mesmo

reconverterem-se para fazer face ao imprevisto (Tavares, 1996), isto é, uma formação que responda aos desafios e exigências, da sociedade atual, apelidada de pós-moderna.

É exigido ao professor que seja promotor do desenvolvimento pessoal dos seus alunos, de forma a desenvolver neles o pensamento crítico, criativo, reflexivo e autónomo. Fullan e Hargreaves, (1992) reforça a ideia de que os professores constituem, a chave da mudança em educação. Esta perspetiva assenta numa nova conceção da profissão docente, que reconhece ao professor funções cada vez mais complexas e multifacetadas.

A atribuição de um papel fulcral ao professor na mudança em Educação, leva à necessidade de repensar a formação inicial, num quadro de desenvolvimento profissional orientada para a ação e saberes profissionais, perspetivando-se como um processo global, construtivo, crítico e interativo (Roldão, 2000).

A investigação acerca de necessidades de formação de professores para inclusão evidencia a pertinência de se desenvolverem processos de formação individualizados que tenham por base a análise e problematização da intervenção profissional do professor (Madureira & Leite, 2007).

A formação de Professores deverá ter como finalidade última a preparação e desenvolvimento de profissionais capazes de participar em processos que conduzam à construção de uma escola que educa e ensina a todos, respeitando e valorizando as diferenças individuais e procurando que cada aluno atinja o nível mais elevado possível em termos de desenvolvimento e aprendizagem. (Madureira & Leite, 2007, p.13).

Ao reconhecer o direito à formação contínua de professores a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86) refere no seu artigo 35º que “a formação contínua deve ser suficientemente diversificada de modo a assegurar o complemento, aprofundamento e atualização de conhecimentos e de competências profissionais”, apontando para uma diversificação da formação, que “ os professores deixem de ser meros consumidores ou executores passivos, assumindo um papel ativo na conceção, implementação e avaliação de projetos educativos adequados aos contextos educativos em que desenvolvem a sua atividade” (Madureira & Leite, 2007).

3. Educação inclusiva em São Tomé e Príncipe (STP)

A Educação para Todos e os compromissos do Millennium; A Convenção internacional dos Direitos da Criança; a Declaração de Salamanca promovida pela UNESCO em 1994 e a Convenção dos Direitos das pessoas com deficiência conduziram a que São Tomé e Príncipe como Membro das Nações Unidas visse reforçada a sua vontade política em reforçar o direito a que as crianças portadoras de deficiência possam preservar a sua identidade, sendo-lhes devido o respeito pelas suas capacidades educativas.

Essa vontade política é demonstrada através de algumas âncoras nacionais nomeadamente: o artigo 15º da Constituição da RDSTP em que declara a igualdade de direitos de todos os cidadãos, consagrando o direito à educação através do artigo 55º; A Lei 2 /2003- (Lei de Bases do Sistema Educativo), através do artigo 2º afirma que todos os santomenses têm direito a educação e à cultura nos termos da Constituição Política; nos artigos 16º e 17º consagra a educação especial como uma modalidade especial da educação escolar que visa o atendimento e a integração sócio - educativo dos indivíduos com necessidades educativas específicas; através do artigo 18 afirma que a educação especial se organiza preferencialmente segundo modelos diversificados de integração em estabelecimentos regulares de ensino, podendo processar-se em instituições específicas quando comprovadamente o exijam o apoio e o grau de deficiência do educando; o ponto 7 do mesmo artigo afirma caber ao Ministério da Educação definir as normas gerais da educação especial, nomeadamente, nos seus aspetos pedagógicos e técnicos, apoiar e fiscalizar o seu cumprimento e aplicação.

3.1. Organização do sistema educativo de S.T.P.

O sistema educativo de STP é estruturado segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) - Lei nº2/2003 e compreende a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extraescolar. A Educação pré-escolar destina-se às crianças de idade 0 - 6 anos. A frequência é facultativa, no reconhecimento de que à família cabe um papel fundamental no processo educativo. Incumbe ao Estado apoiar a existência de iniciativas no âmbito do desenvolvimento pré-escolar. A rede da educação pré-escolar é constituída

por instituições próprias de iniciativa do poder central, regional ou local e de outras entidades, coletivas ou individuais, designadamente, associações de pais e de moradores, organizações cívicas e confacionais, organizações sindicais, de empresas e instituições de solidariedade social. Compete ao Ministério da Educação a coordenação da política educativa e definir normas gerais de Educação Pré-escolar, nomeadamente nos seus aspetos pedagógico e técnico, apoiar e fiscalizar o seu cumprimento e aplicação.

O Ensino Básico (EB), da 1ª à 6ª classe, é baseado nos princípios da gratuidade, da universalidade e obrigatoriedade e tem a duração de seis anos; compreende dois ciclos sequenciais, sendo o 1º de quatro e o 2º de dois anos, organizados nos seguintes termos: O 1º ciclo, que vai da 1ª à 4ª classe, sendo o ensino globalizante, da responsabilidade de um professor único, que pode ser coadjuvado em áreas especializadas; o 2º ciclo, que vai da 5ª à 6ª classe, organiza-se por disciplinas de formação básica.

O Ensino Secundário (ES) compreende dois ciclos, sendo cada um de três anos e organiza-se segundo formas diferenciadas, integrando cursos orientados para a vida ativa ou para o prosseguimento de estudos. No 2º ciclo do ES, existem componentes de formação de sentido tecnológico e profissionalizante, de cultura santomense e língua portuguesa, adequadas à natureza dos diversos cursos. Como modalidades especiais da educação escolar salientam-se a educação especial, o ensino recorrente de adultos, a formação profissional e o ensino à distância. A educação extraescolar integra-se numa perspetiva de educação permanente, visa a globalidade e a continuidade da ação educativa e tem como objetivos:

- Permitir a cada indivíduo aumentar os seus conhecimentos e desenvolver as suas potencialidades, em complemento da formação escolar ou em suprimento da sua carência;
- Complementar a preparação para a vida ativa iniciada no ensino básico e integrada na dinâmica no mundo do trabalho.

3.2. Legislação referente à educação inclusiva existente em STP

No que concerne à educação especial (Artigo 17º da Lei n.º 2/2003), afirma-se que a educação especial visa o atendimento e integração socio educativas dos indivíduos com necessidades educativas específicas e que integra atividades dirigidas aos educandos e ações dirigidas às famílias, aos educadores e às comunidades (ponto 2 do artigo 17º),

assumindo especial relevo: o desenvolvimento das potencialidades físicas e intelectuais; a ajuda na aquisição da estabilidade emocional; o desenvolvimento das possibilidades de comunicação; a redução das limitações provocadas pela deficiência; o apoio na inserção familiar, escolar e social de crianças e jovens deficientes; o desenvolvimento da independência a todos os níveis em que se possa processar, e a preparação para uma adequada formação profissional e integração na vida ativa (ponto 3 do artigo 17º).

Relativamente à organização da educação especial, o artigo 18º refere que se “organiza preferencialmente segundo modelos diversificados de integração em estabelecimentos regulares de ensino, tendo em conta as necessidades de atendimento específico e com apoio de educadores especializados”.

Com base nos suportes legais referidos, verificamos que as preocupações referentes à educação de crianças/jovens com necessidades educativas especiais estão visíveis quer na Constituição, quer na Lei de Bases do Sistema Educativo Santomense (LBSE). Na LBSE, são dignos de destaque, o artigo 2º onde se dá ênfase ao princípio de igualdade e o direito a educação, direito este defendido no artigo 55º da Constituição, ao considerar que o sistema educativo se dirige a todos os indivíduos independentemente da idade, sexo, nível socioeconómico, intelectual ou cultural, crença religiosa ou convicção filosófica de cada um.

Face à iniciativa da Educação para todos a UNICEF, Ministério da Educação Cultura e Formação e o Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Educação financiou um programa que teve a cobertura a nível nacional e visou a sinalização (referenciação) das crianças, dos 0 aos 11 anos, com alguma deficiência ou em risco de desenvolvimento. Foi elaborada através de uma consultoria para o atendimento a crianças com NEE em São Tomé e Príncipe, por Inês Sim –Sim & Ana Vera Cruz (2010) “Estratégia de Desenvolvimento para a Educação Especial em STP” que promove a educação das crianças com necessidades educativas especiais permanentes dentro do sistema educativo de São Tomé e Príncipe. A preparação desta estratégia de desenvolvimento, tendo em consideração as particularidades do país no que respeita a este domínio, considerou a necessidade de implementar três grandes eixos:

1. Sinalização e identificação das crianças em risco de deficiência;

2. Organização dos serviços para o atendimento das crianças com necessidades educativas permanentes;
3. Qualificação de professores para o atendimento a crianças com necessidades educativas especiais.

Vários projetos e instituições têm dado o seu contributo, Projeto “Reforço Institucional e Qualitativo do Ensino Básico em São Tomé e Príncipe (RIQUEB) financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em que a Escola de Santarém (ESES) está a colaborar com o Ministério da Educação apoiando a organização de centros de recursos, a construção de materiais para a formação inicial e contínua de docentes e para a formação dos diretores das escolas, a par do apoio ao desenvolvimento de um modo global de formação em que uma das áreas privilegiadas é a da educação especial.

De acordo com o artigo 52º da Constituição de STP, “as crianças têm direito ao respeito e à proteção da sociedade e do Estado, com vista ao seu desenvolvimento integral”.

No que se refere especificamente à educação, o artigo 55º postula que esta “é um direito reconhecido a todos os cidadãos, visa a formação integral do homem e a sua participação activa na comunidade” (ponto 1). No mesmo artigo (pontos 3 e 4), afirma-se que o Estado assegura o ensino básico obrigatório e gratuito e que promove gradualmente a igual possibilidade de acesso aos demais graus de ensino.

Por sua vez, a Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei n.º 2/2003, de 2 de junho³, refere que a educação é um direito fundamental do ser humano. É uma condição essencial de desenvolvimento durável, assim como da paz e da estabilidade no interior do país e conseqüentemente, o meio indispensável para uma participação efetiva na economia e na vida da sociedade do século XXI.

O artigo 2º, ponto 1, da referida Lei diz que “Todos os são tomenses têm direito à educação e à cultura, nos termos da constituição política”; reforça que “É da especial

³ Lei n.º 2/2003, de 2 de junho de 2003, publicada no DR n.º 7, disponível em:

<http://www.unesco.org/education/edurights/media/docs/7539fd8bc67f3c75ea08afeafa3bc2837698b064.pdf>

responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares” (ponto 2).

A afirmação de uma Educação para Todos é postulada em vários artigos da Lei n.º 2/2003, destacando-se na alínea h) do artigo 5º que entre os objetivos da educação Pré-escolar se salienta “Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança”.

Na alínea j) do artigo 7º pode ler-se que é objetivo de o Ensino Básico “Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, as deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades” e, na alínea n) do mesmo artigo, “criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos”.

No que respeita à educação especial (artigo 17º), afirma-se que esta “visa o atendimento e integração sócio educativas dos indivíduos com necessidades educativas específicas” e “integra atividades dirigidas aos educandos e ações dirigidas às famílias, aos educadores e às comunidades” (pontos 1 e 2).

CAPÍTULO II - METODOLOGIA DO ESTUDO

1. Questão orientadora e objetivos do estudo

A escolha do tema do nosso trabalho está relacionada com o interesse pessoal da investigadora, em conhecer e compreender melhor como se processa a inclusão na educação pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) de STP. A questão de partida que fundamenta o estudo é a seguinte: o que pensam, os educadores e professores sobre a inclusão de crianças com NEE na escola, que práticas educativas desenvolvem na sala de aula e que necessidades de formação é possível identificar?

Este tema é ainda pouco investigado em STP, uma vez que a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais é um conceito muito recente no país. Neste contexto, consideramos que seria importante desenvolver uma investigação na área da inclusão. Nota-se que uma parte das crianças de STP, com NEE não vai à escola por falta de informação de alguns pais, falta de acessibilidade, falta de recursos financeiros ou também pelo receio de falta de aceitação por parte da sociedade.

A Lei de Bases do Sistema Educativo de STP- Lei n.º 2/2003, de 2 de junho⁴, refere que “a educação é um direito fundamental do ser humano. É uma condição essencial de desenvolvimento durável, assim como da paz e da estabilidade no interior do país e conseqüentemente, o meio indispensável para uma participação efetiva na economia e na vida da sociedade do século XXI”.

O artigo 2º, ponto 1, da referida Lei diz que “Todos os são tomenses têm direito à educação e à cultura, nos termos da constituição política”; reforça que “É da especial responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares” (ponto 2).

No sentido de perceber um pouco mais sobre a problemática, e tendo em conta a questão de partida, definimos como objetivo geral do nosso estudo, conhecer as

⁴ Lei n.º 2/2003, de 2 de junho de 2003, publicada no DR n.º 7, disponível em:

<http://www.unesco.org/education/edurights/media/docs/7539fd8bc67f3c75ea08afeafa3bc2837698b064.pdf>

concepções e práticas de educadores e de professores do ensino regular face à inclusão de alunos com NEE e suas necessidades de formação.

Decorrente da problemática exposta, as principais questões norteadoras do estudo são:

- Quais são as percepções dos educadores e professores sobre a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?
- Que aspetos poderão facilitar ou dificultar essa inclusão?
- Quais as dificuldades que os educadores e professores encontram no trabalho com alunos com NEE?
- Que estratégias utilizam na sala de aula no sentido de facilitar a inclusão da criança com NEE nas atividades?
- Que necessidades de formação contínua se colocam aos educadores e professores perante a inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino?

Neste contexto, os objetivos específicos do estudo são: conhecer a opinião dos educadores e professores do 1º ciclo sobre a inclusão de alunos com NEE no ensino regular;

- Conhecer as percepções dos educadores e professores face à inclusão de alunos com NEE;
- Identificar os aspetos facilitadores e dificultadores da inclusão na perspetiva dos educadores e professores;
- Conhecer as estratégias e práticas de ensino desenvolvidas no sentido da inclusão dos alunos com NEE na sala de aula
- Perceber as carências de formação de educadores e professores para dar resposta à inclusão de alunos com NEE;

Pretendemos que os resultados deste estudo possam vir a contribuir para a compreensão do processo de inclusão de crianças e jovens com NEE nas salas de ensino regular e para a identificação de eventuais necessidades de formação.

2. Métodos de estudo

No contexto educacional, uma investigação é uma atividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos sociais. É através da investigação que se reflete e problematizam os problemas nascidos na prática, que se suscita o debate e se edificam as ideias inovadoras. (Coutinho, 2013, p.7). Para esta autora, a investigação em Ciências Sociais Humanas (CSH) deve ser pautada pela sistematização, pelo rigor científico e ser adequada ao objeto de estudo.

O presente estudo inscreve-se no paradigma qualitativo ou interpretativo, pois Patton (1989), afirma que “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas das situações, acontecimentos, interações entre as pessoas e comportamentos observados, citações diretas das pessoas sobre as suas experiências, atitudes, crenças e pensamentos e excertos ou passagens inteiras de documentos, registos e histórias de caso” (p.22). Tal como Ludke e André (1986), entendem que o estudo qualitativo “é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (p.18). O estudo qualitativo preocupa-se mais com o processo do que com o produto, é indutivo e tem características exploratórias (Merriam, 1990).” (...) porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é, o significado tem um valor enquanto inserido nesse contexto” (Pacheco, 1993, p.28), adotando a postura de quem “... tenta compreender a situação sem impor expectativas prévias ao fenómeno estudado” (Mertens,1998, citado por Coutinho, 2013, p.28).

Não é fácil encontrar uma definição unívoca para investigação qualitativa. Alguns manuais limitam-se a considerar qualitativa a investigação que não é quantitativa, uma vez que “...descreve os fenómenos por palavras em vez de números ou medidas” (Wiersma, 1995, p.12). Wolcott também refere que “a descrição de fenómenos, a análise dos dados recolhidos por temas, categorias, a sua interpretação e, finalmente traçar conclusões sustentadas em construtores teóricos e sob a perspetiva pessoal do investigador” (Wolcott, citado por Creswell, 2002, p.182). Deste modo, o investigador deve criar as condições para que cada participante no estudo, encontre o meio de

responder de acordo com o seu ponto de vista acerca do mundo que o rodeia. Flick (2002) enumera como aspetos peculiares da investigação qualitativa “a correta escolha de métodos e teorias apropriados; o reconhecimento e análise de diferentes perspetivas; a reflexão do investigador sobre a investigação, como parte do processo de produção do saber, a variedade dos métodos e perspetivas” (p.4).

A nível metodológico “a investigação qualitativa é descritiva”, uma vez que os dados recolhidos são expressos sob a forma de palavras e imagens, destacando-se a expressão escrita, tanto no momento de recolha de informação como na disseminação dos resultados. Bogdan e Biklen (1994, p.48) estabelecem as seguintes considerações para este método de investigação:

- a) “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos”, isto é, tem permitido compreender, como é que as expectativas se representam nas atividades, nos procedimentos e nas interações, diárias em vez de somente identificar uma mudança;
- b) “os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva”, é a partir dos dados que recolhem que vão interligando as diferentes peças e construindo “teorias”
- c) “o significado é de importância vital na abordagem qualitativa”, uma vez que, numa perspetiva qualitativa, os investigadores interessam-se pelo modo como as diferentes pessoas dão sentido às suas vidas, procurando certificar-se de que estão a apreender as diferentes perspetivas de forma adequada (Bogdan & Biklen, 1994, pp.47-50).

Na nossa opinião, e com base na pesquisa efetuada, esta seria a abordagem mais adequada aos objetivos do presente estudo, que permite obter um conhecimento mais profundo do objeto de estudo.

3. Participantes e plano do estudo

O trabalho de investigação decorreu no segundo semestre do ano letivo 2015/2016. Atendendo aos objetivos do estudo este trabalho foi realizado com algumas preocupações iniciais relacionadas com o acesso e colaboração dos participantes. Assim, numa primeira fase decidimos estabelecer os contactos no sentido de conseguir a colaboração de muitos dos intervenientes no processo e de obter as autorizações

necessárias das entidades relacionadas com o ensino regular e com a educação especial. Neste sentido, o estudo implicou contactos e autorizações das seguintes entidades: (10) encarregados de educação;(5) educadores de infância;(5) professores do 1º CEB;(1) professora responsável pela educação especial;(1) Diretor do Ensino Básico de STP.

Enquanto se aguardava as diversas autorizações, manteve-se sempre o contacto informal com a professora responsável pela educação especial. Nesta primeira fase, decidiu-se recolher informação sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais no ensino regular para uma melhor delimitação do objeto do estudo. Decidiu-se, elaborar um guião de entrevista com o objetivo de recolher informação sobre o que pensam e o que fazem os educadores e professores do 1º CEB, sobre a inclusão de alunos com NEE no ensino regular e as suas necessidades de formação. Para conhecer as práticas, acordou-se com os educadores e com os professores os dias e os momentos mais adequados para realizar as observações.

Este estudo foi realizado em contextos escolares de STP que se localizam em meio rural e meio urbano.

Apresentamos de seguida a figura 1 onde estão apresentados a *descrição das fases do plano de investigação*

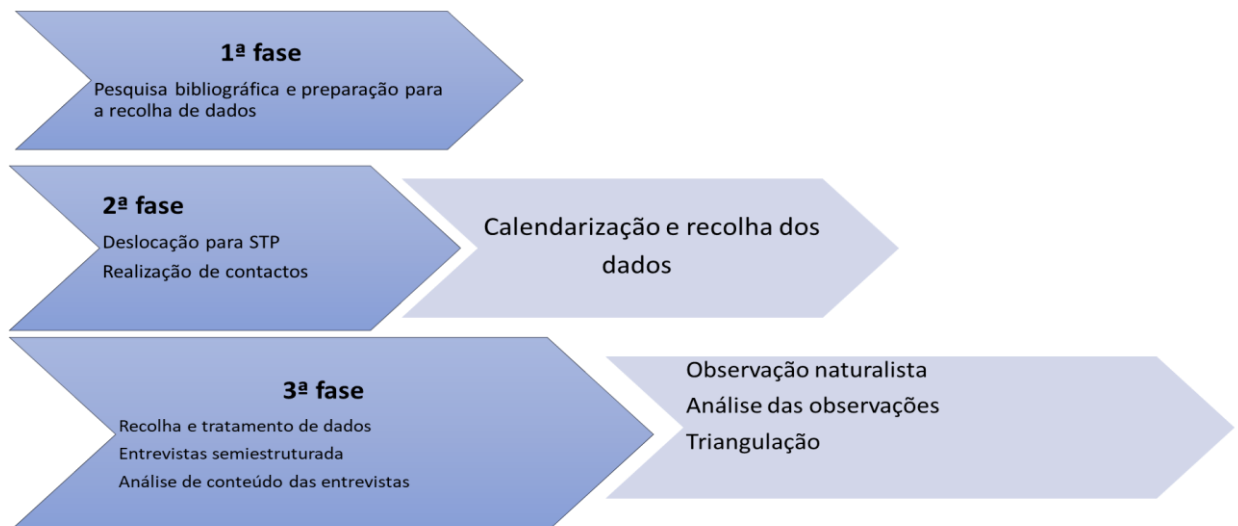


Figura 1. Descrição das fases do plano de investigação

4. Métodos e técnicas de recolha e análise de dados

Neste estudo recorreremos a vários métodos para dar resposta ao estudo sobre as perceções e práticas de educadores e professores face à inclusão dos alunos com NEE e as suas necessidades de formação. Deste modo, utilizamos a técnica de entrevista aos educadores de infância e aos professores do primeiro ciclo do ensino básico, a observação naturalista das práticas realizadas pelos mesmos docentes, identificando as estratégias utilizadas com os alunos na sala de aula, no grupo/turma e com alunos com NEE; e por último a análise documental de documentos existentes relacionados com os alunos com NEE. Importa referir ainda que antes de se iniciar o estudo se solicitou o pedido de autorização e de consentimento informado aos participantes (ver anexos A e B).

Passamos a descrever as técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados para concretizarmos os objetivos do estudo.

4.1. Entrevista

A entrevista é um processo de recolha de dados particularmente adequado para conhecer

o sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das suas próprias experiências, etc.” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p.193).

Para Coutinho (2013, p.141)

a entrevista visa a obtenção de informação através de questões que são colocadas ao inquirido pelo investigador. As questões a colocar podem ser abertas, fechadas ou uma mistura de ambas”. As técnicas de entrevistas são uma “poderosa técnica de recolha de dados porque pressupõem uma interação entre o entrevistado e o entrevistador, possibilitando a este último a obtenção de informação que pode sempre pedir esclarecimentos adicionais (p.141).

Neste estudo privilegiou-se a realização de entrevistas semiestruturadas, com questões de natureza relativamente aberta, aos educadores e aos professores do primeiro

ciclo do ensino básico (CEB), procurando obter informações necessárias para resposta às questões de investigação. Optou-se pela utilização de entrevistas semiestruturadas, dado que constitui uma técnica de recolha de dados frequentemente utilizada na investigação associada aos paradigmas interpretativo e construtivista.

O procedimento utilizado na recolha de dados das entrevistas foi o registo em gravador digital, após autorização prévia dos entrevistados. Coutinho (2011) refere que as entrevistas devem ser gravadas e transcritas para posterior análise e interpretação o que implica recorrer a técnicas de análise de conteúdo. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente e tiveram a duração de 60 a 90 minutos.

Para a realização deste estudo foi elaborado um guião de entrevista (anexo C), que serviu de guia, com diferentes blocos: A- legitimação da entrevista; B- Educadores e professores face à legislação sobre a inclusão; C- atitudes de educadores e professores face à inclusão de alunos com NEE; D- práticas de educadores e professores do 1º CEB e da escola face à inclusão; E- processo de inclusão de alunos com NEE; F- necessidades de formação.

Neste estudo, dado tratar-se de uma investigação qualitativa, a entrevista constitui uma particular relevância (Burgess, 1984), consistindo numa “conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra” (Morgan, cit.in Bogdan & Biklen, 1994, p.134). Bogdan e Biklen (1994) definem a entrevista como técnica de metodologia qualitativa, e é indicada para: “recolher dados descritos na linguagem do próprio sujeito permitindo o investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam as situações que vivem” (p. 135). Nesse contexto, ainda segundo o mesmo autor, “nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre vários sujeitos” (...) (p. 135).

Quivy e Campenhoudt (2005) referem que “a entrevista é um método de recolha de informações, no sentido mais rico de expressão” (p. 192). A utilização de perguntas abertas e reações perante as respostas permite, desta forma, que haja um contato direto entre o investigador e o entrevistado, possibilitando o investigador obter “informações que nunca seriam conseguidas através de um questionário, uma vez que se pode pedir esclarecimentos adicionais” (Coutinho, 2013, p. 141).

De acordo com múltiplas situações em que podem ocorrer, “as entrevistas assumem diversos formatos de modo a adequar-se convenientemente às contingências do ambiente e aos objetivos que o investigador se propõe atingir” (Carmo & Ferreira, 1998, p.129).

Silverman (2000) também reforça que as entrevistas são uma poderosa técnica de recolha de dados porque pressupõe uma interação entre o entrevistador e o entrevistado, possibilitando a este último a obtenção de informação, que nunca seria conseguida através de um questionário, uma vez que pode sempre pedir esclarecimentos adicionais ao inquirido no caso da resposta obtida não ser suficientemente esclarecedora. As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista (para uma discussão compreensiva, produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspetivas dos respondentes. (Biggs, citado por Bogdan & Biklen, 1994, p.136)

Nesta entrevista os educadores e professores “relataram o seu pensamento, nas suas próprias práticas, de forma a expressar as suas perspetivas pessoais” (Patton,1990). Segundo Ghiglione e Matalon (1993), a entrevista é particularmente indicada para compreender fenómenos como: as atitudes, as opiniões, as preferências, as representações, só acessíveis, de uma forma prática, pela linguagem. Permite saber qual é o significado que os indivíduos atribuem aos seus comportamentos.

Obtido o acordo dos educadores e professores, as entrevistas formais foram gravadas e, posteriormente, transcritas (Patton,1990). Ao longo das sucessivas entrevistas, tentamos estar atentos a elementos não-verbais, assim como escutar, fitar, encorajar por meio de “sim, sim”.

Posteriormente, os dados recolhidos foram transcritos, reduzidos (codificados, formatados) para serem, em seguida, tratados e feita a respetiva análise de conteúdo. Tal como referem (Quivy & Campenhoudt, 2005), o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo, (...)” de fazer aparecer o máximo possível de elementos de informação e de reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, as exigências de explicitação, de estabilidade e de intersubjetividade dos processos.” (p.195).

Concluída a entrevista foi necessário transcrevê-la (ver protocolo da entrevista no anexo D) e analisar a informação recolhida recorrendo à análise de conteúdo. A análise de conteúdo é “o conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2011, p. 33), caracterizadas por “um trabalho de economia, de redução da informação, segundo determinadas regras, ao serviço da sua compreensão para lá do que a apreensão de superfície das comunicações permitia alcançar” (Bardin, 2008, p. 107).

Na análise de conteúdo, a categorização é uma operação essencial. Esteves (2005) define esta operação como o agrupamento e classificação dos dados contidos no material em análise. Esta operação pode ser feita através de procedimentos dedutivos (ou fechados) ou de procedimentos indutivos (ou abertos). Os procedimentos dedutivos ou fechados requerem a construção de um quadro de categorias prévio, definido com base no quadro teórico que orienta o estudo; os procedimentos indutivos ou abertos implicam a construção de categorias emergentes do próprio material em análise. Neste último processo, a categorização sofre várias modificações até atingir uma estabilidade interna que garanta a coerência da grelha de categorias final (Bardin, 2011; Esteves, 2006).

No presente caso, começámos por recortar o discurso dos entrevistados em unidades de registo (unidades de significado temáticas, independentemente da forma), tendo sempre em conta as unidades de contexto (o protocolo global das entrevistas) que asseguravam o sentido que o entrevistado pretendia dar às suas palavras. Como unidade de enumeração utilizou-se a unidade de registo, pelo que uma mesma ideia surge contabilizada tantas vezes quantas o entrevistado a referiu.

Para a análise de conteúdo seguimos um procedimento indutivo. Depois de recortadas, as unidades de registo foram agrupadas em indicadores, estes em subcategorias e estas em categorias que, por sua vez, se organizaram em grandes temas (ver anexo E). Embora estes temas fossem parcialmente induzidos pelo guião da entrevista, foi necessário redefini-los de acordo com o material em análise.

A grelha de categorias assim construída foi sendo modificada e ajustada de acordo com as unidades de registo que advinham de cada nova entrevista tratada, até se obter uma grelha estável. No processo de categorização, respeitámos as regras propostas por Bardin (2008), nomeadamente: a exclusão mútua (não pode haver sobreposição de

conteúdos nas diferentes categorias); a homogeneidade (um princípio de classificação único); a exaustividade (o tratamento de toda a informação pertinente para o trabalho); a objetividade (cada unidade de registo só pode pertencer a uma dada categoria). As grelhas de análise final obtidas encontram-se no anexo E.

4.2. Observação naturalista

*Revejo duas vezes para ver certo;
Não revejo senão uma para ver belo.*

Anne Laperrière Amiel

Historicamente, o método de observação direta num estudo das situações sociais foi desenvolvido pela antropologia para decifrar a cultura e as rotinas sociais de comunidades sobre as quais não se possuíam conhecimentos sistemáticos. Os primeiros estudos deste género deram lugar a pouca reflexão metodológica, a investigação exata, parecia difícil desenvolver-se neste contexto, devido à complexidade do objeto de estudo. A observação direta⁵ serviu essencialmente de instrumento de colheita de dados num processo indutivo de elaboração teórica numa situação social pouco investigada, e encontrou-se ligada de imediato às metodologias qualitativas

A observação direta pode ser realizada, segundo Estrela (1994) de forma naturalista, sistemática ou ocasional. Ao contrário da observação sistemática, a observação naturalista incide sobre o *continuum* das ações, comportamentos e interações que se sucedem numa dada situação, não existindo qualquer seleção prévia daquilo que se vai observar. Implica, portanto, o registo descritivo e detalhado de uma dada situação. Coutinho (2013) refere que a observação naturalista corresponde a “uma nota de campo extensiva” (p.137), em que se regista tudo o que acontece, de forma natural e espontânea, no contexto em observação, durante um determinado período de tempo. Para Ketele, (1980) “observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objetivo final ou organizador e dirigido a um objeto para recolher informações sobre ele.” (p.23). O recurso a esta técnica teve como objetivo identificar as estratégias

⁵ De forma menos frequente, a observação direta tem também servido para verificar sistematicamente, no terreno, certas hipóteses previamente elaboradas sobre uma dada situação social.

utilizadas pelos educadores e professores face à inclusão de crianças com NEE no ensino regular, ou seja, analisar os seus comportamentos e assim responder às questões do estudo.

A observação é um processo cuja primeira função é recolher informação do objeto organizador. Podemos destacar a ideia, o que especifica a observação em relação à entrevista não é a diligência em si mesma, mas o objeto da diligência: a entrevista tem por objetivo principal o discurso do sujeito, enquanto a observação tem por objeto principal o comportamento observável.

No âmbito deste estudo, procedeu-se a observação naturalista, na medida em que se observa o comportamento do educador e do professor e das crianças nas circunstâncias da sua vida quotidiana, como referem De Landsheere (citado por Bogdan & Biklen, 1994), e Fraisse (citado por Estrela, 1994) a observação naturalista é uma “observação do comportamento dos indivíduos nas circunstâncias da sua vida quotidiana”.

Relativamente a técnica de observação utilizada, sendo esta do tipo naturalista, consiste no registo de unidades de interação, numa situação social bem definida, baseada naquilo que o observador vê e ouve (Denzin, 1989; Flick, 1998, citados por Coutinho, 2013). Através da observação o investigador consegue documentar atividades, comportamentos e características físicas, sem ter de depender da vontade e capacidade de terceiras pessoas. É uma técnica de recolha de dados fundamental em Ciências da Educação, em antropologia, psicologia, entre outras ciências sociais e humanas (CSH). Daí concordarmos com Estrela (1984) quando afirma que numa investigação o modelo, bem como as técnicas e os instrumentos de recolha de dados são determinados, essencialmente, pelo objeto de estudo.

Para a concretização do estudo procedeu-se à realização de quatro observações naturalistas, sendo duas aos educadores de infância e duas aos professores do 1º CEB em STP, procedendo-se posteriormente à sua análise categorial (ver Anexo G). As observações realizaram-se em contexto de sala de aula, nos períodos da manhã e da tarde, aquando das atividades da Língua Portuguesa, Matemática e ou Estudo do Meio e Conhecimento do Mundo. Estas realizaram-se de forma discreta quanto possível, tentando não influenciar o normal desenrolar da aula. Para observar, seguiu-se um procedimento formal, desenvolvendo-se protocolos de observação. Os dados recolhidos,

assumiram a forma de notas manuscritas, durante a observação, contendo descrições das interações e comportamentos, os motivos a eles subjacentes e os seus efeitos e também para confirmar ou não algumas interpretações que emergiram das entrevistas.

4.3. Pesquisa documental

A pesquisa documental envolve a análise de conteúdo que incide sobre documentos relativos a um local ou uma situação, corresponde, do ponto de vista técnico, a uma observação de artefactos escritos. Pesquisa documental é uma técnica de recolha de dados nas ciências humanas, que tem uma função de complementaridade na investigação qualitativa, isto é, utiliza -se para “triangular” os dados obtidos através de uma ou mais técnicas (Bruyne et al., 1975, p.143).

Stake (1995) afirma que a recolha de informação através da pesquisa documental obedece à mesma perspetiva seguida para a entrevista e para a observação.

Durante este estudo tivemos acesso a materiais utilizados nas aulas observadas procurou-se, também obter documentos sobre as escolas, o meio circundante das escolas, regulamento interno da escola e os horários dos alunos.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos, após uma minuciosa análise dos dados obtidos através da entrevista realizada a dez docentes participantes neste estudo (cinco educadores e cinco professores).

1. Caracterização dos participantes

Para este estudo, optamos por três escolas básicas e três Jardins de Infância, sendo duas no centro da cidade de STP e uma na zona rural. Foram escolhidas em conformidade (Coutinho, 2013, p.89), os participantes foram escolhidos por nós, por se tratar de educadores e professores, que se mostraram-se disponíveis em colaborar.

Os cinco educadores de infância e professores do primeiro ciclo colaboraram neste estudo trabalham nas escolas situadas nas zonas urbanas e rurais, outras frequentam a Escola de Formação de Professores de STP. As duas escolas de meio urbano, EB1-MJ e EB1-AG, situam-se na Capital do País, sendo a primeira, a maior escola básica do 1º ciclo no país, e abrange sensivelmente cerca de 2100 alunos, com uma média de 46 alunos por turma.

Está situada no centro da cidade, é frequentada maioritariamente por alunos oriundos de famílias de classe média/alta santomense. Destacando-se como a escola “mais bem posicionada” geográfica e socialmente, nota-se que há uma cultura de participação dos pais, uma Associação dos pais constituída que apoia em diversos aspetos da escola.

A outra escola que, no nosso estudo, denominamos de EB1-AG, possui realidades diferentes, uma vez que uma boa parte dos alunos são filhos de pais que se dedicam à pesca. Abrange sensivelmente cerca de 1500 alunos.

A terceira escola situa-se na zona rural, num distrito que dista 27 Km da capital do país e está inserida numa comunidade piscatória, com uma boa parte dos alunos, filhos de pais que se dedicam à pesca. A comunidade circundante não participa muito na vida escolar dos seus educandos, sendo formada por famílias com baixos recursos, mas que sempre lutaram para que dentro da referida comunidade houvesse escola para seus filhos.

Os Jardins de infância do meio urbano situam-se ambos na capital do país.

Relativamente aos participantes, foram selecionados para este estudo educadores e professores em número igual nas duas escolas antes apresentadas, tendo como critério de seleção o facto de participarem nas sessões de trabalho colaborativo entre docentes. Assim, foram entrevistados: cinco educadores de infância (três educadores da zona urbana e dois educadores da zona rural) e cinco professores, sendo todos da zona urbana.

Antes da realização das entrevistas foi preenchida uma ficha de caracterização (Anexo F) com objetivo de recolher os dados pessoais e socioprofissional de todos os entrevistados; a cada participante foi atribuído um código pessoal para garantir a confidencialidade e o anonimato. Assim, para os educadores e professores foram criados códigos formados pelas letras correspondentes à função que exercem, ou seja, educadores a letra (E) e professores letra (P), seguido das iniciais do respetivo meio em que a escola está inserida, ou seja meio urbano (MU) e meio rural (MR) acrescentando por ordem da realização da entrevista a numeração 1, 2, 3 para os educadores e para os professores. Salientamos que esses códigos foram utilizados na ficha de caracterização dos participantes, nas entrevistas e na análise de conteúdo.

A tabela 1 apresenta a caracterização dos educadores de infância e professores do primeiro ciclo, contendo os dados pessoais, profissionais: às suas habilitações académicas: (formação inicial, formação especializada) e anos de serviço.

Tabela 1

Caracterização dos participantes quanto à idade, género, tempo de serviço, habilitações académicas e instituição de formação inicial

Participantes	Idade	Género	Anos de serviço	Habilitações Académicas	Instituição de Formação Inicial
E1	35 A	F	3 Anos	Curso de Formação de Professores	Escola de Formação de Professores e Educadores de S.Tomé e Príncipe
E2	30 A	F	7 Anos	Em formação	Escola de Formação de Professores e Educadores de S.Tomé e Príncipe
E3	42 A	M.	5 Anos	Curso de Formação de Professores	Escola de Formação de Professores e Educadores de S.Tomé e Príncipe
E4	42 A	F	5 Anos	Curso de Formação de Professores	Escola de Formação de Professores e Educadores de S.Tomé e Príncipe
E5	59 A	F	36 Anos	Educadora de Infância	Escola de Formação de Professores e Educadores de S.Tomé e Príncipe
P1	38 A	F	9 Anos	Curso de Formação de Professores	Escola de Formação de Professores e Educadores de S.Tomé e Príncipe
P2	23 A	M.	5 Anos	Em formação	Escola de Formação de Professores e Educadores de S.Tomé e Príncipe
P3	43 A	F	12 Anos	Magistério Primário	Escola de Formação de Professores e Educadores de S.Tomé e Príncipe
P4	58 A	F	20 Anos	Licenciatura em Ensino Básico	Escola Superior de Educação de Lisboa – Santarém
P5	41 A	M	10 Anos	Curso de Formação de Professores	Escola de Formação de Professores e Educadores de S.Tomé e Príncipe

O total dos participantes deste estudo são dez, sendo cinco educadores de infância e cinco professores do primeiro ciclo do ensino básico. As idades dos educadores e professores variam entre os 23 e os 59 anos, sendo a média de idades é de 41 anos.

O grupo de participantes é composto por (quatro educadoras e um educador), (dois professores e três professoras.) Podemos inferir que em termos de distribuição por género predominam as educadoras e as professoras. O género feminino é muito mais fortemente representado que o género masculino.

Quanto às habilitações académicas apenas um participante tem o grau de licenciatura, cinco possuem o curso de formação de professores, dois participantes possuem o curso do Magistério primário, sendo que tanto os professores de Magistério Primário como os que possuem o curso de formação de professores, são bacharéis. Dois dos participantes estão ainda em formação.

No que diz respeito às instituições de formação inicial verificamos que todos os educadores e professores realizaram a formação na Escola de Formação de Professores e Educadores de São Tomé e Príncipe (EFOPE) exceto um participante que realizou a licenciatura na Escola Superior de Educação de Santarém.

Na tabela 2 apresentam-se os dados relativos aos anos de experiência dos participantes com alunos com NEE e a formação contínua na área das NEE.

Tabela 2

Caracterização dos participantes quanto à experiência docente com alunos com NEE

Participantes	Experiência docente com alunos com NEE	Formação contínua na área das NEE
E1	3 Anos	Não
E2	2 Anos	Não
E3	4 Anos	Não
E4	5 Anos	Não
E5	36 anos	Não
P1	5 Anos	Não
P2	3 Anos	Não
P3	7 Anos	Não
P4	10 anos	Não
P5	2 Anos	Não

A maioria dos participantes tem poucos anos de experiência com alunos com NEE, constatamos que dois docentes possuem anos de experiência igual ou superior a dez anos e não possuem a formação contínua na área das NEE.

Em forma de síntese, dos resultados obtidos através do questionário, podemos verificar que se trata de um grupo constituído por educadores de infância e professores do 1º CEB, em que a média de idade é de 41 anos, sendo o género feminino, mais fortemente representado que o género masculino.

São docentes que possuem poucos anos de experiência profissional na docência, verificando a média de experiência aproximadamente 7 anos. Só um professor tem o grau de licenciatura.

Das tabelas 1 e 2, podemos verificar que todos os participantes têm experiência profissional, embora não possuam qualquer formação na área das NEE.

Podemos concluir que o grupo de educadores e professores reúne as características desejadas para a realização do estudo, uma vez que vai ao encontro dos critérios definidos

na recolha dos participantes. Os mesmos mostraram total disponibilidade para participar, numa fase posterior, nas observações naturalistas.

2. Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos educadores de infância

Neste capítulo apresentam-se e analisam-se os resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas aos cinco participantes neste estudo. Os dados resultantes da análise de conteúdo das entrevistas, permitir-nos-ão conhecer a opinião de educadores de infância de STP sobre a inclusão de alunos com NEE no ensino regular, sobre as práticas que desenvolvem na sala de aula e as suas necessidades de formação.

A apresentação e análise dos resultados decorre da interpretação dos dados à luz do enquadramento teórico, relacionando-os com os objetivos do estudo.

Como se pode observar na tabela 3, que se segue, estão representados os resultados da análise de conteúdos das entrevistas aos educadores.

Tabela 3

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos educadores de infância

Temas	Categorias	UR	UR%
Perceção sobre a inclusão de crianças com NEE	Concordância com a legislação	127	25,40%
	Concordância atribuída à comunidade educativa	61	12,20%
	Discordância atribuída aos educadores	57	11,40%
	Discordância com a legislação	47	9,40%
	Concordância com reservas	18	3,60%
	subtotal	310	62%
Perceção sobre as práticas de inclusão de crianças com NEE	Ambivalência face ao aluno com NEE	75	15%
	Diversidade das reações iniciais dos educadores face à inclusão de crianças com NEE no ER	47	9,40%
	Dificuldades na identificação/sinalização de crianças com NEE	22	4,40%
	Apoios institucionais facilitadores de inclusão	3	0,60%
	subtotal	147	29,40%
Necessidades de formação de educadores	Ao nível da formação contínua de educadores	22	4,40%
	Temas a abordar na formação contínua	13	2,60%
	Ao nível da formação inicial	5	1%
	Ao nível da formação dos pais	3	0,60%
	subtotal	43	8,60%
Total de unidades de registo das entrevistas		500	100%

Da análise de conteúdo das entrevistas efetuadas aos educadores de infância, identificamos três temas: percepção sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais (NEE); percepção sobre as práticas de inclusão de crianças com NEE e necessidades de formação face à inclusão.

Ao analisar os dados obtidos, verificamos que de um total de 500 unidades de registo (UR), o tema percepção sobre a inclusão dos alunos com NEE é o mais referido pelos entrevistados, com 310 UR, correspondendo a uma frequência relativa de 62%, tal como se apresenta na tabela 3.

Já o tema necessidades de formação, com 43 UR, corresponde a uma frequência de 8,6%, sendo, portanto, o tema menos abordado pelos educadores entrevistados. Esta situação é reveladora de algumas dificuldades dos educadores em identificar as suas necessidades de formação, tal como é sublinhado por alguns autores,

As necessidades de formação decorrem das dificuldades, dos problemas, das carências e também dos desejos e interesses que os professores sentem relativamente ao ensino, passam a ser entendidas como “realidades” subjetivas, mutáveis e dinâmicas. As necessidades, nesta perspetiva, são sobretudo constructos quando estabelecem mediações entre os constrangimentos que sentem na prática e os desejos que têm (Nixon, citados por Estrela, Madureira & Leite, 1999).

De acordo com o primeiro tema, verifica-se na tabela 3 que os entrevistados, maioritariamente, concordam com a legislação sobre a inclusão de crianças com NEE. Há também uma concordância acentuada por parte da comunidade educativa. No entanto, uma percentagem significativa de educadores revela discordar com a legislação.

Em termos de percepção sobre as práticas de inclusão de crianças com NEE no ensino regular, verifica-se uma forte ambivalência associada a uma igualmente significativa diversidade nas reações iniciais que os educadores revelam face à inclusão.

No que respeita às necessidades de formação, estas são sentidas sobretudo em termos da formação contínua dos próprios educadores e, em particular, no que se refere aos possíveis temas aí abordados (inclusão, deficiências sensoriais, hiperatividade, formação sobre NEE).

2.1. Percepção sobre a inclusão de crianças com NEE no ensino regular

No que concerne à opinião dos entrevistados sobre a percepção dos educadores foi possível verificar que concordam com a legislação sobre a inclusão (127 UR), sublinhando os princípios subjacentes: a garantia do acesso de todos à escola, a igualdade de oportunidades, e a promoção da interação/comunicação entre pares.

Os entrevistados vão ao encontro da opinião de Armstrong e Barton (2007) quando sublinham que a inclusão se refere “fundamentalmente a temas de direitos humanos, igualdade, justiça social e à luta por uma sociedade não discriminatória. Estes princípios são o âmago das políticas e práticas inclusivas.” (p.14)

A análise das narrativas dos educadores é reveladora da concordância com a legislação, como se pode verificar nos excertos seguintes:

“(...). Todas têm direito de estar na escola e na sala de aula; todas têm o mesmo direito.” E2 “(...) “Eles acham ser bons porque anteriormente quando tinham problemas não iam à escola.” E2

“(...) “Inclusão é boa, pois permite o acesso à escola” E1 “(...) Porque faz com que todas as crianças, mesmo com problemas possam também ter acesso à educação.” E1

Ainda na tabela 3, verificamos que as principais preocupações dos educadores apontam para a garantia do acesso de todos à escola, da igualdade de oportunidades e da criação de condições/equipamentos; esta perspectiva surgiu defendida no Artigo 26º da Declaração dos Direitos Humanos (1948), que confere: “Toda a pessoa tem direito à educação: A educação deve ser gratuita, pelo menos no ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório”.

Para Stainback e Stainback (1992), uma escola inclusiva é aquela que educa todos os alunos dentro de um sistema, com o compromisso de lhes proporcionar programas educativos adequados às suas capacidades e apoios, tanto para os professores como para os alunos, em função das suas necessidades.

Neste sentido, os educadores entrevistados manifestaram a sua concordância com a inclusão, referindo que esta é favorável e propicia que as crianças com problemas

possam ter acesso à educação. Os excertos de entrevistas que seguidamente se apresentam ilustram essa ideia:

“(…). Essa lei ajuda a criança a se integrar na sociedade.” E3 “(…) A lei propõe para que a criança deve vir à escola, mas depende também da cultura dos pais”. E3

“(…). Chegou em boa hora tendo em conta que as crianças antigamente ficavam isoladas em casa” E4

“(…). Eles acham ser bons porque anteriormente quando tinham problemas não iam à escola. Porque faz com que todas as crianças, mesmo com problemas possam também ter acesso à educação.” E1

Quanto à promoção da interação com os pares, podemos verificar na tabela que existe alguma preocupação da parte dos educadores. Transcrevemos o excerto da entrevista de uma educadora que nos apresenta a sua opinião sobre a interação com os pares:

“(…) Brincam todos no receio sem problemas”. E4 “(…) Ela fica muito satisfeita quando brinca com os outros”. E4

“(…) Elas também podem sentir -se motivadas/estimuladas a acompanhar os passos de outras crianças mais quando vão brincar, há crianças que sozinhas não conseguem mais quando vê outras a fazer atividades elas também tentam acompanhar e pouco a pouco elas podem não fazer exatamente como outras, mas elas desenvolvem um bocado” E1 “(…) Logo podem ver que as outras crianças participam junto com elas e brincam com elas, fazem amizade, elas tornam mais à vontade procuram sempre brincar, e essas crianças ajudam elas” E1

No que se refere à criação de condições/equipamentos para a inclusão de crianças no ER, os educadores entrevistados referem a criação de equipamentos adequados e confortáveis e também de ambientes favoráveis às crianças com NEE. Apresentamos em seguida excertos que ilustram estas ideias:

“(…) criar condições para essas crianças” E1

“(…) como incluir?” “Só se ditou incluir” E3 “(…) Apoio no transporte escolar. A carinha escolar traz e leva os alunos.” E3

“(…) a escola tem rampa para facilitar a deslocação dos alunos.com deficiência.” E5

Relativamente à concordância atribuída à comunidade educativa (12,2%), foi-nos dito pelos educadores entrevistados que existe a aceitação das crianças com NEE pelos pares, pelas famílias e pelos educadores. Transcrevemos em seguida as afirmações que ilustram estas ideias:

“(...) E outra coisa elas não se vão sentir retraídas por dizer eu sou diferente, esquisita, que ninguém gosta delas” E1 “(...) E então é a mesma forma como elas trabalham com as outras é a mesma forma que trabalham com essas.” E1 “(...). Temos mais crianças com NEE no jardim Pimpolho. Os meus colegas aceitaram bem estas crianças com NEE na sala.” E1 “(...). Na sala de aula os professores estão satisfeitos em ter estas crianças (...) puseram mesmo as crianças na escola, ficaram satisfeitos e passaram a acompanhar os seus filhos na escola.” E1

“(...) cá em São Tomé Príncipe muitos pais já aceitam que os seus filhos têm problemas de aprendizagem. (...)” E2

“(..). Eles apoiam a colega com NEE”. E4 “(...). Os colegas ajudam-na bastante.” E4

Outros educadores referenciam que a inclusão facilita a aceitação pela diferença e a cooperação:

(...) “Na minha sala somos três e trabalhamos de mãos dadas” E3 “(...) Ajudar, dar o seu melhor e ter a capacidade de ser paciente” E3. “(...) devemos trabalhar com amor e dedicação, vocação, assim poderá trabalhar em prol da inclusão.” E3

“(...) um dia eu mandei chamar a mãe e conversei com ela. A mãe disse que em casa ele fala e faz tudo. E2 “(...) no encontro de pais, a mãe pediu apoio a uma outra pessoa para assistir a reunião de pais e assinar as papeladas. Mesmo assim há muita colaboração da parte dela. Conversamos com a mãe e estamos sempre em contacto com a senhora.” E2

Como refere Correia (2003) nas escolas e aulas inclusivas é dada ênfase à construção da comunidade escolar: pais, professores, alunos e sociedade em geral. As suas vantagens podem concretizar-se na capacidade que estas escolas têm em proporcionar a todo o corpo discente não só apoio académico, mas também social.

Pearpoint e Forest (1992) descrevem importantes valores da escola inclusiva, tal como aceitação, pertença à comunidade, relações pessoais, interdependência, considerando pais e professores como uma unidade de aprendizagem.

São, pois, traços fundamentais de uma escola inclusiva: o sentido de comunidade, aceitação das diferenças, e a resposta às necessidades individuais. A isto deve-se ainda acrescentar as mudanças na filosofia, no currículo, nas estratégias de ensino e na estrutura de organização da escola. Por um lado, impõe a reforma da educação especial; por outro, a melhoria da integração escolar; finalmente, destaca-se a consideração das NEE na concretização de uma escola para todos (Biklen, Ferguson & Ford, 1989; Ysseldyke & Algozzine, 1982; Lipsky & Gartner, 1989), obra de recompilação de Susan Stainback e Willian Stainback (1992), intitulada *Curriculum Considerations in Inclusive Classrooms*, a que introduz perspectivas diferentes sobre o tema das escolas inclusivas.

A necessidade de educar para aceitação da diferença é o indicador com menos expressividade, como vimos, a narrativa de uma das educadoras entrevistadas sugere que:

“(...). Na sala de aula conversamos com todos alunos em jeito de alerta para tratar a colega sem preconceito. E4“(...). Quando estamos na escola conversamos com os alunos, não o marginalizamos.” E4

No que refere à concordância com reservas (3,6%), os educadores mostraram alguma preocupação face à inclusão de crianças com NEE. São referidos os receios de alguns pais em enviar os filhos para a escola, argumentando que a inclusão é um processo difícil. Para isso, há necessidade de mudar mentalidades e desenvolver maior cooperação entre os intervenientes, como podemos constatar nos excertos seguintes:

“(...) acho que os pais não devem ter receio de matricular os seus filhos” E1

“(...) próprios pais não aceitam que as suas crianças têm problemas.” E1

“(...) acho que deve mudar de mentalidade dos que trabalham lá dentro. Deve – se começar a partir da diretora até os empregados de limpeza. É preciso mudar a mentalidade de toda essa gente.” E1“(...). e um trabalho que não é fácil.” E1

A discordância com a legislação sobre a inclusão (9,4%) é evidente quando os educadores apontam a falta de adaptações dos edifícios escolares, a falta de disponibilidade dos educadores para trabalharem com as crianças NEE e a ausência de

estratégias específicas de intervenção. Os excertos seguintes são reveladores das opiniões dos participantes:

“(...) Não existem estratégias de ensino específicas” E1

“(...) Não há água canalizada.” E4“(...) A escola era um hospital, no entanto não há condições para ser uma escola.” E4“(...) nesta escola não há nada adaptada para as crianças.” E4“(...) as cadeiras e mesas não são adaptados às crianças da pré-escolar.” E4“(...) as crianças com NEE dão muito trabalho” E4

“(...) A criança não aprende porque não tem o apoio do adulto.” E3“(...) é melhor criar uma escola especial” E3

Com efeito, os educadores fazem um balanço negativo manifestando a sua discordância e relacionando-a com a falta de adaptações dos edifícios escolares (26 UR), com a falta de recursos materiais e argumentando que a escola não está preparada para implementar a inclusão de crianças com NEE. A falta de disponibilidade dos educadores para trabalharem com NEE, a ausência de trabalho colaborativo e de equipa e a inexistência de apoio à família são também referidos:

“(...) já ouvi falar, Não entrei mesmo na matéria. Nunca tive conhecimento aprofundado da lei.” E2“(...) fiquei a saber que as crianças com deficiência têm dificuldades na linguagem, surdez. Muitos professores não gostavam destas crianças com dificuldades.” E2“(...) A maneira de falar desta criança, faz com que todos os colegas se desatam a rir quando o educador diz quem quer contar histórias” E2“(...) ao entrar para a sala, pergunto: quem quer dizer bom dia? E muitos oferecem, mas digo eu quero que seja o E. a dizer-nos bom dia. Os colegas que convivem com ele dizem que ele não é assim em casa, ele é diferente” E2

“(...). Só trabalha com as que não têm problemas” E3“(...). Muitos professores não têm conhecimento desse decreto lei, só sabe que se está a falar de crianças com necessidades educativas especiais,” E3

No que se refere à discordância atribuída aos educadores, apurou-se que esta discordância pode estar associada às dificuldades que alguns alunos com NEE manifestam na utilização da casa de banho e a falta de água canalizada nas escolas. Esta é a subcategoria mais referida (17 UR) devido à falta de água canalizada e, por isso, os educadores não aceitam as crianças com NEE (15 UR). Neste sentido, parece haver uma

certa ambiguidade nas respostas dos educadores entrevistados, tal como os excertos seguintes ilustram:

“(…) nesta escola não há nada adaptado para as crianças.” E4 “(…) As crianças utilizam a casa de banho com muita dificuldade”. E4

“(…) Fiquei a saber que as crianças com deficiência têm dificuldades na linguagem, surdez.” E2 “(…) muitos educadores não gostavam destas crianças com dificuldades.” E2

“(…) Eles encontram muitas dificuldades e então não têm muito agrado para trabalhar com estas crianças.” E1

“(…) É na sala de aula que passa tudo, a criança com problema fica entregue a sua sorte” E3 “(…) Muitos educadores têm conhecimento desse decreto lei” E3 “(…) o educador não sabe como lidar com crianças com NEE” E3, como se expressa de seguida na tabela 4.

Tabela 4

Resultados obtidos no 1º tema: percepção sobre a inclusão de crianças com NEE

Temas	Categorias	Subcategorias	FA	FR%
Percepção sobre a inclusão de crianças com NEE	Concordância com a legislação	A inclusão garante o acesso de todos à escola.	22	
		Assegura a igualdade de oportunidades	21	
		Promove a interação/comunicação entre todos os pares	17	
		Criação de condições/ equipamentos para a inclusão de crianças no ER	14	
		Promove a solidariedade	12	
		Sensibiliza o educador para necessidade de intervir junto das crianças com NEE	11	
		Promove autoestima da criança com NEE	11	
		S/ explicitação	9	
		Os educadores desenvolvem trabalho colaborativo e de equipa	4	
		Promove o desenvolvimento da autonomia.	3	
		Responde a necessidades da família	3	
		subtotal		

(cont.)

Tabela 5

Resultados obtidos no 1º tema: percepção sobre a inclusão de crianças com NEE (cont.)

Temas	Categorias	Subcategorias	FA	FR%
Percepção sobre a inclusão de	Concordância atribuída à comunidade educativa	Aceitação das crianças com NEE pelos pares	18	
		Aceitação e responsabilização da família	17	
		Educadores aceitam as crianças com NEE	16	
		Necessidade de educar para a aceitação da diferença	8	

crianças com NEE		Influência da direção da escola no comportamento da família/ pais	2		
		subtotal	61	12,20%	
	Concordância com reservas		Receio/ preocupação de alguns pais face à inclusão	15	
			Necessidade de mudar mentalidades	1	
			Necessidades de desenvolver maior cooperação.	1	
			Inclusão como processo difícil.	1	
		subtotal	18	3,60%	
	Discordância com a legislação		Falta de adaptações dos edifícios escolares	26	
			Falta de disponibilidade dos educadores para trabalharem com NEE	9	
			Ausência de estratégias específicas de intervenção	5	
			Falta de trabalho colaborativo e de equipa	4	
			Inexistência de apoios à família	2	
			s/ explicitação	1	
			subtotal	47	9,40%
	Discordância atribuída aos educadores		Pelas dificuldades na utilização da casa de banho dos alunos com NEE	17	
			Educadores não aceitam crianças com NEE	15	
			Os pares não aceitam as NEE	8	
			Educadores sentem dificuldades acrescidas na intervenção	7	
			Por desconhecimento da legislação.	3	
			Pela inexistência de apoios à família	3	
		Falta de conhecimento do educador sobre NEE.	2		
		Necessidade de criação de uma escola especial	1		
		Pelo baixo salário que usufruem	1		
		subtotal	57	11,40%	
	Total	310	100%		

2.2. Perceção sobre as práticas de inclusão de crianças com NEE no ensino regular

No que diz respeito a perceção sobre as práticas de inclusão de crianças com NEE, verifica-se que a ambivalência face ao aluno com NEE é a que apresenta maior número de unidades de registo (75 UR), seguindo-se a categoria diversidade das reações iniciais face à inclusão de crianças com NEE (47 UR) e a categoria dificuldades na identificação/sinalização de crianças com NEE (24 UR). A ambivalência face ao aluno com NEE é evidente quando os educadores revelam uma imagem negativa face ao desenvolvimento global do aluno e face ao seu comportamento. Perante estes resultados, verifica-se que não há consistência no discurso dos entrevistados. Alguns educadores, por exemplo, referem:

“(...) fiquei a saber que as crianças com deficiência têm dificuldades na linguagem, surdez. Muitos professores não gostavam destas crianças com dificuldades.

E2“(...) eu tenho na turma uma criança com problemas de desenvolvimento.” E2

“(...) quando se fala para ele, só olha e não fala” E3 “(..) nem escreve” E3

Relativamente à diversidade das reações iniciais face à inclusão de crianças com NEE, os educadores referem a necessidade de implementar novas estratégias de ensino/aprendizagem (17 UR), a aceitação da criança com NEE (12 UR), o receio inicial dada a falta de experiência (6 UR) e as dificuldades em trabalhar com crianças com NEE (4 UR). Esta diversidade de reações manifestadas pelos educadores é compreensível perante a ambivalência e falta de consistência das suas narrativas. Para uma melhor compreensão destes aspetos, transcrevemos alguns excertos das narrativas:

“(...) “dou tarefas que sei que eles conseguem fazer “E3“(...) “troco de lugar, coloco estas crianças à frente ou ao lado de outros com menos dificuldade.” E3

“(...) inicialmente os colegas achavam-na diferente “E4“(...) na formação inicial tive algumas noções de como intervir com crianças com NEE. e tenho estado a aplicar. “E4

No que se refere às dificuldades na identificação/sinalização de crianças com NEE, os entrevistados atribuem, em maior número, responsabilidades à escola (6UR) e à família (5 UR). Referem também não conhecer o processo de sinalização das crianças com NEE (4 UR). A comprová-lo podemos ler alguns excertos das expressões utilizadas pelos educadores:

“(...) Quem faz matrícula é o diretor da escola”. E4

“(...) Depende do grau do problema da criança. Quando o caso for grave é fácil detetarE1.Como se expressa na tabela que se segue.

Podemos verificar, na tabela 5, que os educadores entrevistados narram a perceção sobre as práticas de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais.

Tabela 6

Resultados obtidos no 2º tema: perceção sobre as práticas de inclusão de crianças com NEE

Temas	Categorias	Subcategorias	FA	FR%
Perceção sobre as práticas de	Diversidade das reações iniciais face à inclusão de	Implementação de novas estratégias de ensino e aprendizagem	17	
		Aceitação da criança com NEE	12	

inclusão de crianças com NEE	crianças com NEE no ER	Receio inicial por falta de experiência	6	9,40%	
		Dificuldades em trabalhar com crianças com NEE	4		
		Satisfação face à evolução da criança	3		
		Inquietação	3		
		S/ explicitação	1		
		Desafio	1		
		subtotal	47		
	Ambivalência face ao aluno com NEE	Imagem negativa face ao desenvolvimento global	28	15%	
		Imagem negativa face ao comportamento do aluno com NEE	24		
		Imagem positiva face à aprendizagem do aluno com NEE	9		
		Imagem negativa face à aprendizagem do aluno com NEE	8		
		Imagem positiva face ao comportamento do aluno com NEE	6		
		subtotal	75		
	Dificuldades na identificação/sinalização de crianças com NEE	Responsabilização da escola no ato da matrícula	6	4,80%	
		Responsabilização da família	5		
		Desconhecimento do processo de sinalização das crianças com NEE	4		
		Responsabilização do Ministério da Saúde	3		
		Responsabilização do Ministério da Educação	2		
		Responsabilização dos educadores	2		
		Falta de recursos e equipamentos adequados para avaliação dos alunos com NEE	1		
		S/ explicitação	1		
	subtotal	22			
	Apoios institucionais facilitadores de inclusão	Cáritas	2	0,60%	
		Ministério de Educação	1		
		subtotal	3		
			Total	147	100%

2.3. Necessidades de formação

Relativamente às necessidades de formação, os educadores entrevistados mostraram preocupações com a formação contínua (22 UR), referindo a falta de conhecimento para intervir com crianças com NEE (12 UR) e a falta de educadores especializados na área das NEE (2 UR). Verificamos também que em relação às suas práticas pedagógicas sentem necessidade de fazer formação nas diversas áreas (sobre a inclusão, deficiências sensoriais e formação nas NEE) para melhorar o seu desempenho pedagógico com as crianças com NEE, como podemos verificar nas suas narrativas:

“(…) Deveria haver formação inicial na área do especial” E1 “(…) Na escola de formação não há nada de educação especial” E1

“Os professores precisam ter mais conhecimento acerca da inclusão.” E2 “Há necessidade de formação em duas partes: família e professores” E2 “(...) O professor deseja formação sobre a inclusão escolar” E2

“(...) Onde trabalho só uma colega teve a formação sobre a inclusão”. E4

“(...) O professor deseja as áreas sobre baixa visão” E5.

Apresentamos de seguida a tabela 6 onde estão apresentados os resultados obtidos referentes ao tema necessidades de formação.

Tabela 7

Resultados relativos às necessidades de formação de educadores de infância

Temas	Categorias	Subcategorias	FA	FR%
Necessidades de formação de educadores	Ao nível da formação contínua de educadores	Falta de educadores especializados na área de NEE	12	
		Falta de conhecimento para intervir com crianças com NEE	2	
		Possibilidade de formação sobre inclusão	1	
		Existência de uma educadora com formação no âmbito da inclusão	1	
		S/ explicitação	6	
		subtotal	22	
	Ao nível da formação dos pais e da formação inicial	Falta de formação no âmbito das NEE para a família	3	
		Falta de formação no âmbito da inclusão	3	
		Falta de preparação profissional no âmbito da Educação Especial	2	
		subtotal	8	
	Temas a abordar na formação contínua	Formação sobre inclusão	5	
		Formação sobre as deficiências sensoriais	3	
		Formação sobre NEE	2	
		Formação sobre a hiperatividade	2	
		Formação sobre a dificuldades de aprendizagem	1	
		subtotal	13	
	TOTAL			500

Em síntese, no que respeita a perceção sobre a inclusão de crianças com NEE, verificamos que os educadores entrevistados concordam com a legislação sobre a inclusão de crianças com NEE, sublinhando os princípios da inclusão, nomeadamente a garantia do acesso de todos à escola e a igualdade de oportunidades e criação de condições/ equipamentos adequados em ambientes favoráveis às crianças com NEE. Os educadores entrevistados manifestam alguma discordância com a legislação apontando a falta de adaptações dos edifícios escolares, a falta de disponibilidade dos educadores para

trabalharem com as crianças e também a ausência de estratégias específicas de intervenção.

De acordo com os resultados, pode-se inferir que os educadores, perante a inclusão, dividem-se em termos de opinião, ora concordam ora discordam. Nota-se alguma ambivalência face à inclusão de crianças com NEE na escola regular não havendo um discurso consistente.

Relativamente perceção sobre as práticas de inclusão de crianças com NEE, verificou-se que os resultados das entrevistas realizadas aos educadores, demonstram que há uma diversidade de reações perante a inclusão de crianças com NEE. Os educadores referem a necessidade de implementar novas estratégias de ensino e aprendizagem, a aceitação de crianças na sala e também, o receio, dada a falta de experiência, e as dificuldades em trabalhar com as crianças. Nesse sentido constata-se que existe uma ambivalência e falta de consistência nas suas narrativas. Os educadores referem também não conhecer o processo de sinalização das crianças com NEE.

Quanto as necessidades de formação, os educadores entrevistados demonstram preocupações com a formação contínua, referindo a falta de conhecimento para intervir com crianças com NEE e a falta de educadores especializados nesta área. Com o objetivo de melhorar a prática pedagógica com crianças com NEE, constatamos que os educadores reconheceram a necessidade de formação em algumas áreas, nomeadamente, inclusão, deficiências sensoriais e formação em NEE.

3. Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores

Neste ponto procede-se à apresentação dos dados recolhidos através da análise de conteúdo das entrevistas aos cinco professores do primeiro Ciclo do Ensino Básico de STP.

Da análise de conteúdo das cinco entrevistas efetuadas aos professores foi possível identificar três temas: perceção sobre a inclusão de crianças com NEE, perceção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE e necessidades de formação dos professores.

De acordo com a tabela 7, podemos verificar que da análise de todas as entrevistas resultaram, 432 unidades de registo. A perceção sobre a inclusão é o tema mais evidenciado pelos professores entrevistados com (245 UR), seguindo-se o tema,

percepções sobre as práticas de inclusão (147 UR). O tema necessidades de formação é o menos referido pelos professores, apresentando (40 UR), ou seja, apenas 9,3% da frequência total.

Dos resultados parece possível inferir que os professores entrevistados se dividem, de modo equitativo, em termos de opinião, quanto a concordarem ou discordarem com a legislação.

Relativamente à percepção sobre as práticas de inclusão com alunos com NEE, os discursos dos professores centram-se mais nas práticas atuais de inclusão (61 UR).

Quanto às necessidades de formação de professores, os professores referem que têm necessidades tanto ao nível da formação contínua com na formação inicial, como podemos verificar na tabela seguinte.

Tabela 8

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores

Temas	Categorias	FA	FR%
Percepção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação	88	20,40%
	Concordância com reservas	25	5,80%
	Concordância atribuída à comunidade educativa	21	4,90%
	Discordância com a legislação	111	25,60%
	Subtotal	245	56,70%
Percepção sobre as práticas de Inclusão de alunos com NEE	Perspetivas sobre práticas atuais de inclusão	61	14,10%
	Ambivalência face ao aluno com NEE	39	9,00%
	Processo de identificação/ sinalização de alunos com NEE	25	5,80%
	Reações iniciais face aos alunos com NEE	13	3,00%
	Reações atribuídas a outros docentes	9	2,10%
	Subtotal	147	34,00%
Necessidades de formação de professores	Temas a abordar na formação inicial e contínua	21	4,90%
	Ao nível da formação contínua de professores	19	4,40%
	Subtotal	40	9,30%
Total de unidades de registo das entrevistas		432	100 %

3.1. Percepção sobre a inclusão de alunos com NEE no ensino regular

No que concerne à percepção dos professores sobre a inclusão de alunos com NEE foi possível verificar que concordam com a legislação sobre a inclusão (88 UR), sublinhando os seguintes aspetos: a criação de condições para inclusão de alunos com NEE no ensino regular (18 UR); a garantia do acesso de todos à escola (17 UR); a promoção e aceitação da criança com NEE pelos pares (15 UR).

De igual modo, as narrativas dos professores revelam também discordância com a legislação. Neste caso, os professores manifestam dificuldades acrescidas na intervenção com alunos com NEE (41 UR) e apontam a falta de adaptações dos edifícios escolares (38 UR).

Esta ambivalência pode verificar-se nos excertos seguintes:

“(...) Decreto-Lei nº2/2003 assinalou o início de inclusão de crianças” P1“(...) criar condições para essas crianças.” P1“(...) de modo que o professor possa estar pronto para receber essas crianças. Eu penso que o professor tem que estar mais capacitado para ele saber lidar com problema de inclusão.” P1

“(...) é um conjunto de condições que vai favorecer a criança na inclusão. Ah..., dependendo da necessidade que a criança apresenta pode ser as condições de acesso para essa criança chegar até a escola ou movimentar mesmo dentro da escola.” P1

“(...) toda a gente está de acordo para que todos venham à escola.” P2“(...) devemos criar condições para receber esses alunos”. P2

“(...) eu penso que é uma boa ideia incluir todas as crianças surdas e mudas na escola regular”. P4“(...) a escola criou este espaço e foi um esforço adicional. Devia ser alargado para todas as escolas do país”. P4.

De seguida apresentamos os resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores, na tabela 8.

Tabela 9

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores: Percepção sobre a inclusão de alunos com NEE

Temas	Categorias	Subcategorias	FA	FR%	
Percepção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação	S/ explicitação	10		
		Criação de condições para inclusão de crianças com NEE no ensino regular	18		
		Garante o acesso de todos à escola	17		
		Promove a aceitação da criança com NEE pelos pares.	15		
		Promove a comunicação e a socialização	5		
		Assegura a igualdade de oportunidades.	5		
		Responde a necessidades das famílias.	5		
		Adesão do País aos princípios educativos da inclusão	4		
		Professores têm a obrigação de intervir com NEE	4		
		Desafio para o professor.	2		
		Aceitação do professor face à inclusão de alunos com NEE	1		
		Dá informação aos pais sobre a inclusão	1		
		Contribui para o desenvolvimento global da criança	1		
		Subtotal	88		20,4%
	Concordância atribuída à comunidade educativa	S/ explicitação	1		
		A aceitação da inclusão escolar por parte dos pais	7		
		Colaboração com a escola	3		
		Responsabilização total da escola face à inclusão	3		
		Responsabilização do professor	3		
		Os surdos têm privação sensorial auditiva	3		
		Reconhecimento do trabalho do professor	1		
		Subtotal	21		4,9%
	Concordância com reservas	Receio/preconceito de alguns pais face à inclusão	17		
		Atitude dos professores influencia a decisão dos pais	5		
		Dificuldades económicas dos pais dificultam a inclusão	3		
		Subtotal	25		5,8%
	Discordância com a legislação	S/ explicitação	2		
		Os professores têm dificuldades acrescidas na intervenção com alunos com NEE	41		
		Falta de adaptações dos edifícios escolares	38		
		Ausência de currículo adaptado	6		
		Inexistência de apoio à família	5		
		Necessidade de escolas especiais	4		
		Excesso de alunos por turma.	4		
		Falta de articulação com a família	4		
		Dificuldade na gestão do tempo	3		
		Os alunos não aceitam inclusão	2		
		Professores não aceitam inclusão	2		
		Subtotal	111		25,7%
	Total			245	100%

3.2. Percepção sobre as práticas de alunos com NEE no ensino regular

No que se refere a percepção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE, verifica-se que a análise das entrevistas permitiu constatar algumas preocupações dos professores entrevistados, face às perspetivas sobre práticas atuais de inclusão (61 UR). Essas preocupações relacionam-se com a implementação de novas estratégias de ensino, mudança de atitudes/aceitação face a competências de alunos com NEE, utilização de língua gestual de STP para comunicar com estes alunos, desenvolvimento de trabalho colaborativo e de equipa, e utilização do reforço positivo.

De acordo com os entrevistados a ambivalência face à imagem do aluno com NEE (39 UR) parece ter alguma lógica, pois como defendem Booth e Ainscow (2002), para mudar a escola de forma mais equitativa e inclusiva deve-se ter em conta alguns princípios e as práticas: valorizar igualmente alunos e professores, aumentar a participação e reduzir a exclusão das culturas, dos currículos e das comunidades; reestruturar culturas, políticas e práticas nas escolas para que possam dar respostas à diversidade dos alunos; Reduzir obstáculos à aprendizagem e participação para todos os alunos (não são os que têm deficiência ou os que são identificados como elegíveis para o apoio da educação especial), melhorar escolas para professores e alunos. A imagem positiva face ao comportamento do aluno com NEE (14 UR), imagem negativa face ao comportamento do aluno com NEE (11UR) e imagem negativa face à aprendizagem do aluno com NEE (13UR). As dificuldades na identificação / sinalização de alunos com NEE (25 UR) são atribuídas à responsabilização da família e do professor e as reações iniciais face aos alunos com NEE teve 13 UR.

Na tabela 9 apresentamos os resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores.

Tabela 10

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores: Percepção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE

Temas	Categorias	Subcategorias	FA	FR%
Percepção sobre as práticas de Inclusão de alunos com NEE	Reações iniciais face aos alunos com NEE	Receio inicial	7	3,0%
		Desconhecimento inicial da problemática	4	
		Insegurança inicial	2	
		Subtotal	13	
	Reações atribuídas a outros docentes	Aceitação	4	2,1%
		Falta de sensibilização para a problemática	3	
		Receio	2	
		Subtotal	9	
	Perspetivas sobre práticas atuais de inclusão	Implementação de novas estratégias de ensino e aprendizagem aos alunos.	21	14,1%
		Mudança de atitudes/aceitação face a competências profissionais de crianças com NEE	19	
		Desenvolvimento de trabalho colaborativo e de equipa	9	
		Utilização de língua gestual de STP para comunicar	6	
		Utilização do reforço positivo	6	
		Subtotal	61	
	Ambivalência face ao aluno com NEE	S/ explicitação	1	9,0%
		Imagem positiva face ao comportamento do aluno com NEE	14	
		Imagem negativa face à aprendizagem do aluno com NEE	13	
		Imagem negativa face ao comportamento do aluno com NEE	11	
		Subtotal	39	
	Dificuldades na identificação/sinalização de alunos com NEE	Responsabilização da família	11	5,8%
		Responsabilização do Professor	10	
Responsabilização do Centro de saúde		2		
Responsabilização de Instituições Estatais		1		
Responsabilização da escola		1		
Subtotal		25		
Total			147	100%

3.3. Necessidades de formação

Relativamente às necessidades de formação, os professores entrevistados mostraram preocupações relacionadas com a falta de conhecimentos para intervir com alunos com NEE (9 UR), referindo também a falta de professores especializados na área das NEE (5 UR).

Verificamos também que em relação às suas práticas pedagógicas sentem necessidade de fazer formação nas diversas áreas (sobre as deficiências sensoriais (11

UR), formação sobre a inclusão (5 UR) e também sobre as dificuldades de aprendizagem (3 UR), como podemos verificar nas suas narrativas:

“(...) temos necessidade de formação contínua e de pessoas com experiências para partilhar.” P4
“(...) Tenho necessidade urgente de fazer formação ao nível da deficiência auditiva” P4

“(...) Deveriam ter uma formação contínua conforme as necessidades do professor”. P3
“(...) Áreas de expressões e multideficiência seria uma área excelente” P3, como se observa na tabela 10, onde se descreve as necessidades de formação.

Tabela 11

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas aos professores: Necessidades de formação de professores

Temas	Categorias	Subcategorias	FA	FR%
Necessidades de formação de professores	Ausência de conhecimentos específicos	S/explicação	5	4,40%
		Falta de conhecimentos para intervir com alunos NEE	9	
		Falta de professores especializados na área das NEE	5	
		Subtotal	19	
	Temas a abordar na formação inicial e contínua	Formação sobre as deficiências sensoriais.	11	4,90%
		Formação sobre inclusão	5	
		Formação sobre as dificuldades de aprendizagem	3	
		Formação sobre as expressões.	2	
		Subtotal	21	
	TOTAL		432	100%

Em síntese, o tema mais referido pelos professores nas entrevistas é a perceção que têm sobre a inclusão; nos seus discursos os professores centram-se mais nas práticas atuais de inclusão, não abordando de modo aprofundado o tema relacionado com as necessidades de formação. Os professores concordam com a inclusão, mas, manifestam algumas inquietações relacionadas com a criação de condições para inclusão, a garantia do acesso de todos à escola, a promoção da aceitação da criança com NEE e a falta de adaptações dos edifícios escolares. Apresentam também a discordância com a legislação, referindo que têm dificuldades acrescidas na intervenção com alunos com NEE e apontam ainda a falta de adaptações dos edifícios escolares.

No que se refere à legislação, constata-se que a opinião dos professores não é consensual havendo uns que concordam e outros que discordam.

Relativamente às necessidades de formação, os professores referiram a falta de conhecimento para intervir com alunos com NEE e a falta de professores especializados na área, identificando necessidades de formação em deficiências sensoriais, inclusão e dificuldades de aprendizagem.

4. Resultados das observações naturalistas aos educadores e professores

Neste capítulo apresentam-se os resultados das observações naturalistas realizadas nas salas de jardim de infância das duas educadoras (educadora1 e educadora3), e nas salas de aula do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), referentes a dois professores (professor2 e professor4), que haviam sido entrevistadas anteriormente com o objetivo de conhecer as estratégias utilizadas no processo educativo, de modo a promover a participação das crianças com NEE nas atividades do grupo. Realizamos quatro observações, cada uma com a duração de 45 minutos. Observamos atividades que envolviam conversa em grande grupo sobre o conhecimento do meio, ilustração de um tema sobre animais aquáticos e exploração de uma visita de estudo efetuada.

Todas as situações foram gravadas em áudio pelo observador que simultaneamente registou os comportamentos ocorridos em cada aula. No que se refere a cada observação, apresentamos primeiro a estrutura da situação pedagógica e uma síntese da aula observada. De seguida para cada aula, são identificadas as estratégias utilizadas pelos educadores com o grupo e com as crianças com NEE.

A sala A é frequentada por 64 crianças e dispõe, em termos de recursos humanos, de uma educadora de infância A1 apoiada por três assistentes operacionais. Existem duas crianças com NEE nesta sala. A sala B da educadora B1 é frequentada por 59 crianças, tendo uma criança com NEE. Nesta sala existe também o apoio de três assistentes operacionais.

4.1. Estratégias utilizadas pelas educadoras de jardim de infância

Durante o desenvolvimento das atividades podemos observar diversas estratégias, as quais apresentamos na tabela, utilizadas pelas educadoras, com o grupo incluindo as

crianças com NEE. Como se pode observar na tabela 11, as educadoras têm a preocupação de recorrer a estratégias para “promover a participação das crianças”, (n=45), a “realização das atividades do grupo” (n=27) e para assegurar a monitorização do comportamento do grupo (n=18).

Tabela 12

Estratégias utilizadas pelas educadoras com grupo e com crianças com NEE

Categoria	Subcategorias	Freq.
Estratégias utilizadas com grupo de crianças	Estratégias para promover a participação	45
	Estratégias de apoio à realização das atividades	27
	Estratégias de monitorização e de avaliação do comportamento do grupo	18
Total		90

A análise da tabela 11 permite-nos constatar que as duas educadoras que observamos, preocupam-se com a participação das crianças incluindo a criança com NEE. (n=45).

Em termos de estratégias para a realização das atividades, as duas educadoras têm a preocupação fundamental em apoiar as crianças nas suas atividades que tem a ver com o reforço positivo às crianças com NEE, com a organização do grupo. Constata-se também que as educadoras recorrem à experiência pessoal da criança com NEE para ilustrar os temas em estudo” Lopez (2012), destaca que importância da participação pontual de alunos com NEE em atividades conjuntas na sala de aula, ou ainda, (...) a participação integral destas crianças no currículo comum, com objetivos diferenciados. Nas atividades constatamos que a educadora 1 organiza as crianças em diferentes grupos incluindo as crianças com NEE.

Relativamente às estratégias de monitorização e de avaliação do comportamento do grupo (n=18), a frequência dos comportamentos manifestados, indica que a educadora 3 se preocupa mais com a regulação do comportamento (n=17) porque as crianças parecem ser mais inquietas e indisciplinadas, esta situação pode também estar associada ao número elevado de crianças existente em cada sala. Enquanto a educadora 1 raramente precisa de recorrer a esta estratégia (n=1).

Quanto às estratégias para facilitar a gestão do grupo, há diferenças na atitude das educadoras, como se pode verificar nos excertos do registo de observação da intervenção da educadora 3.

(...) A educadora diz: “-Meninos, pouco barulho”

(...) Pergunta:” - Posso ouvir a colega falar por favor?” A educadora diz, num tom de voz um pouco alterado. “Meninos, calem-se.” (...) “Não estivemos no recreio? Cruze lá as perninhas e preste atenção, Ma.” (...) A educadora diz:” - quero todos calados e não quero mais conversa. (...). E3

Quanto às estratégias usadas pelas educadoras com o grupo e com as crianças com NEE, a avaliação e discussão das tarefas propostas constitui estratégia onde a participação das crianças é escassa (n=1), como se pode verificar na tabela 12.

Tabela 13

Estratégias utilizadas com grupo de crianças

Subcategorias	Comportamentos observados	Edu1	Edu3	Total
		Obs1	Obs2	
Estratégias para facilitar a gestão do grupo.	Cumprimenta o grupo de crianças e reúne para iniciar o dia.	2		9
	Sugere a forma de disposição do trabalho realizado	2		
	Pede a criança para executar tarefas		2	
	Dá um modelo para facilitar a execução da tarefa	1		
	Distribui materiais para os diferentes grupos	1		
	Sugere às crianças o cumprimento de rotinas preestabelecidas		1	
Subtotal		6	3	
Estratégias para promover a participação das crianças	Promove a participação da criança com NEE na atividade	4	11	45
	Promove a participação das crianças no grupo	6	1	
	Questiona o grupo sobre o tempo.	3	5	
	Desenvolve a capacidade de explicar situações oralmente	1	3	
	Chama a atenção a criança com NEE quando revela distração	3		
	Explica no que vai consistir as atividades do dia	1	1	
	Promove a interação da criança com o grupo e com a educadora	1		
	Promove o apoio dos pares	1		
	Reforça o comportamento adequado da criança com NEE	1		
	Encoraja a criança com NEE	1		
Dá apoio individualizado à criança com NEE	1			
Subtotal		24	21	
Estratégias de apoio à realização das atividades.	Dá o reforço positivo às crianças do grupo e da criança com NEE	1	5	27
	Chama a atenção das crianças para a atividade	1	3	
	Organiza as crianças em diferentes grupos	3		
	Recorre à experiência pessoal da criança com NEE para ilustrar os temas em estudo.	3		
	Realiza a correção da atividade		2	
	Dá feedback do trabalho realizado pela criança	1	2	
	Relaciona os conteúdos da aula com as aprendizagens anteriores	1		
	Estimula a criança a pensar, motiva-a para o tema	1		
	Utiliza a imagem para despertar interesse sobre o tema	1		
	Trabalha em articulação com AO	1		
	Exige a concentração no trabalho		1	
Desloca-se nas mesas para controlar os trabalhos.		1		
Subtotal		13	14	

Tabela 14

Estratégias utilizadas com grupo de crianças (cont.)

Subcategorias	Comportamentos observados	Edu1	Edu3	Freq.
Estratégias de monitorização e de avaliação do comportamento do grupo	Pede ao grupo para autorregular o comportamento		17	
	Pede às crianças feedback do trabalho realizado	1		
Subtotal		1	17	18
Total		45	55	100

Com base nas observações naturalistas, realizadas aos educadores, podemos constatar que os dois educadores observados, preocupam-se com a participação das crianças com NEE, recorrendo às diversas estratégias na prática pedagógica (promove participação, chama a atenção à criança com NEE, reforça comportamento, dá apoio individualizado). É importante ressaltar que os educadores recorrem à experiência pessoal da criança com NEE para ilustrar os temas em estudo.

4.2. Estratégias utilizadas pelos professores

A tabela 13, mostra que realizamos duas observações, cada uma com a duração de 45 minutos. Observamos atividades que envolviam matemática e estudo do meio. De seguida para cada aula, são apresentadas as estratégias utilizadas pelos professores com o grupo e com os alunos com NEE.

A turma do professor 2 (P2) é constituída por 37 alunos do 2º ano de escolaridade, sendo 19 do género feminino e 18 do género masculino. Na turma há dois alunos com NEE. Por outro lado, a turma da professora 4, é frequentada por 45 alunos do 1º ano de escolaridade e tem um aluno com NEE. (22 género masculino e 23 género feminino). As idades estão compreendidas entre os seis e os doze anos. São turmas consideradas numerosas, as idades são adequadas ao ano de escolaridade, não há repetências no ano em curso.

Analisando o comportamento dos professores sobre as estratégias que utilizam para promover a inclusão dos alunos com NEE, verificamos que estas são muito diversificadas, como se observa na tabela seguinte. Nessa tabela, permite-nos compreender que os professores apoiam os alunos com NEE, implementando estratégias relacionadas com a gestão do grupo, estratégias de apoio à realização das atividades,

estratégias para promover a participação do aluno com NEE e com o grupo e também para a monitorização do comportamento.

Como se descreve na tabela que se segue.

Tabela 15

Síntese das estratégias usadas pelos professores/comportamentos observados

Subcategorias	Comportamentos observados	P2	P4	Total
		Obs3	Obs4	
Estratégias de apoio à realização das atividades	Motiva o grupo para a atividade	5	4	
	Dá reforço positivo	2		
	Circula na sala	1	1	
	Controla o grupo	3		
	Dá explicação oral ao grupo sobre o desenvolvimento da atividade	1	1	
	Incentiva o aluno com NEE para concluir a tarefa	5		
	Orienta o aluno com NEE na arrumação dos materiais	1		
	Usa o apoio dos pares na realização das tarefas	2	3	
	Chama atenção do aluno com NEE durante a atividade		3	
	Subtotal	20	12	32
Estratégias para promover a participação do grupo/turma	Pede a participação dos alunos nas atividades	18	3	
	O grupo participa ativamente		1	
	Incentiva a participação do aluno com NEE	1	7	
		Subtotal	19	11
Estratégias de monitorização do comportamento do grupo/turma	Exige um comportamento adequado	2	6	
	Dá ordem ao aluno com NEE para concluir tarefas	2		
	Pede ao aluno com NEE para regular o comportamento	15		
		Subtotal	19	6
Estratégias para facilitar a gestão do grupo/turma	Estabelece rotinas na gestão das atividades na sala de aula.	4		
	Cumprimenta o grupo de alunos e reúne para iniciar a aula		2	
	Explica o que vai consistir em aula	2	1	
	Recorre aos objetos concretos para ilustrar o tema.		1	
	Parte de situações da realidade do aluno para abordar os temas em estudo		2	
	Recorre à música para a aprendizagem dos números	1		
		Subtotal	7	6
	Total	64	36	100

Ao analisar os resultados obtidos, verificou-se que as estratégias mais frequentemente utilizadas foram as estratégias de apoio à realização de atividades do apoio ao grupo e do aluno com necessidades educativas especiais.

As estratégias de apoio à realização das atividades, os dois professores observados manifestaram enorme preocupação em apoiar os alunos nas suas atividades, promovendo a participação, tanto em grande grupo como com aluno com NEE. Constatou-se que os dois professores usaram o apoio dos pares na realização das tarefas com alunos com NEE.

Certificou-se que o professor (P2) recorreu ao incentivo do aluno com NEE para concluir as tarefas e também usou diversas estratégias de reforço positivo.

No âmbito das estratégias para promover a participação do grupo, registam-se 30 comportamentos dos dois professores. Tanto o P2 como o P4 utilizaram as mesmas estratégias: a participação dos alunos em grupo (n-19) e Incentivo à participação do aluno com NEE (n-11).

Quanto às estratégias de monitorização do comportamento do grupo, o professor P2 recorreu muitas vezes as estratégias de regulação de comportamento do aluno com NEE (n-15). Foi constatado que o professor2 parece apresentar dificuldades na gestão dos comportamentos do aluno com NEE, sendo de referir que as repreensões verbais não constituíram uma estratégia eficaz para a resolução do problema. Neste sentido, o professor P4 exigiu um comportamento adequado ao grupo/turma. Parece-nos que nesta aula não se observaram comportamentos desajustados, tanto da parte do aluno com NEE, como para o resto da turma.

1.1.1.1.1.1.1.1 No que concerne as estratégias para facilitar a gestão do grupo/turma, o professor P2 estabeleceu rotinas na gestão das atividades na sala de aula, a exposição/explicação e música como incentivo(n-7). O professor P4, parte de situações da vida real do aluno para abordar os seus temas (n-6).

5. Discussão dos resultados

A questão de partida que orientou a realização deste estudo foi a seguinte: O que pensam os educadores e os professores sobre a inclusão de crianças com NEE na escola, que práticas educativas desenvolvem na sala de aula e que necessidades de formação é possível identificar?

No capítulo anterior, explicamos os resultados obtidos e vamos agora discutir esses dados à luz da revisão da literatura e dos objetivos gerais e específicos formulados para a investigação, os quais passamos a recapitular.

- Conhecer as perceções dos educadores e professores face à inclusão de alunos com NEE;
- Identificar os aspetos facilitadores e dificultadores da inclusão na perspetiva dos educadores e professores;

- Conhecer as estratégias e práticas de ensino desenvolvidas no sentido da inclusão dos alunos com NEE na sala de aula
- Perceber as carências de formação de educadores e professores para dar resposta à inclusão de alunos com NEE.

No que concerne às concepções e práticas dos educadores e dos professores do ensino regular face à inclusão de alunos com NEE e suas necessidades de formação, verificamos que os educadores e professores entrevistados concordam com a legislação sobre a inclusão de crianças com NEE, sublinhando os princípios da inclusão, nomeadamente a garantia do acesso de todos à escola e a igualdade de oportunidades e criação de condições/equipamentos adequados em ambientes favoráveis às crianças com NEE. No entanto, apenas os professores do primeiro ciclo manifestam algumas inquietações relacionadas com a falta de condições para a inclusão, com a ainda escassa garantia do acesso de todos à escola, com a falta de aceitação da criança com NEE por parte de alguns professores e, por último, com a falta de adaptações dos edifícios escolares. Em termos de opinião tanto os educadores como os professores não têm um discurso consistente. Nota-se que há uma ambivalência no discurso dos educadores e professores face à inclusão.

Com efeito, “esta perspetiva é consistente com o reconhecimento de que a educação de qualidade para alunos com necessidades educativas especiais nas escolas regulares significa educação de qualidade para todos os alunos.” (Agência, 2009, p.9)

Conforme indica o artigo 2º, ponto 1, da Lei nº2/2003, ao referir que “*Todos os santomenses têm direito à educação e à cultura, nos termos da constituição política*”; reforçando que “*É da especial responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares.*”

Em relação à discordância com a legislação, tanto os professores como os educadores discordam com a legislação sobre a inclusão de crianças com NEE. Manifestam dificuldades em trabalhar com estas crianças, atribuindo a falta de adaptações nos edifícios escolares, falta de disponibilidade, ausência de estratégias específicas de intervenção e número elevado de alunos por turma.

O resultado das entrevistas e observações efetuadas permite-nos constatar que existe coerência entre o discurso dos entrevistados e a prática pedagógica que desenvolvem. Com efeito, tanto os professores P2 como o P4 utilizaram diversas estratégias de organização e gestão do grupo com o objetivo de incluir os alunos com NEE. Apresentam aos alunos, de forma clara, os objetivos da aula e de cada atividade, recorrem aos objetivos concretos para ilustrar o tema, bem como, partem de situações da realidade para abordar os conteúdos. Estas evidências revelam que os discursos dos professores se centraram mais nas práticas atuais de inclusão. Neste sentido, como sublinha Sanches (2005), estes docentes procuram introduzir nas salas de aula, estratégias e práticas diferentes daquelas que tradicionalmente se praticam. Estas dependem largamente da atitude, conhecimento, competência e capacidades dos professores para inovarem e criarem contextos para um ensino que tenha em linha de conta as necessidades e potencialidades dos alunos.

A preocupação face à gestão do grupo e do comportamento é também verificada nas salas de jardim de infância, onde foi possível observar com alguma frequência o reforço de comportamentos adequados e o apoio individualizado às crianças com NEE. As duas educadoras observadas, designadamente Edu1 e Edu3, apresentaram atividades que proporcionaram o trabalho em equipa e a participação do grupo, incluindo as crianças com NEE. Foram implementadas diversas estratégias sendo a preocupação mais evidente, trabalhar com as crianças com NEE.

Da análise dos comportamentos observados nas duas salas de jardim de infância, verificou-se que todas as crianças realizaram as mesmas atividades, incluindo as crianças com NEE, não existindo, no entanto, necessidade de proceder a qualquer diferenciação pedagógica. Contudo, a Edu1 utilizava estratégias que promoviam o interesse do grupo para a atividade, dava o reforço positivo, controlava o grupo, incentivava o aluno com NEE para concluir as tarefas, orientava-o na arrumação de materiais, usava o apoio dos pares e chamava atenção ao aluno com NEE. No entanto, comparativamente com a Edu3, esta não recorria à estratégia de apoio individualizado. Verificamos que as duas educadoras desenvolvem as mesmas estratégias, mas com modalidades de trabalho diferentes, embora tivessem alguns pontos em comum, nomeadamente a preocupação de promover a participação da criança com NEE.

Os dados revelam que tanto os professores como as educadoras reconhecem o direito à inclusão de crianças, no entanto, nas entrevistas realizadas, constata-se que os professores concordam com a inclusão, mas manifestam algumas inquietações relacionadas com a criação de condições para a mesma, a garantia do acesso de todos à escola, a promoção da aceitação da criança com NEE e a falta de adaptações dos edifícios escolares.

Por sua vez, nas observações foi possível constatar a existência de um elevado número de alunos, quer nas turmas de pré-escolar, quer nas do primeiro ciclo do ensino básico. O número elevado de alunos por turma é recorrentemente enunciado como um obstáculo ao desenvolvimento de práticas inclusivas. Se a regra é levarmos em conta a diferença do aluno e adaptarmos o ensino às suas possibilidades, às modalidades e aos ritmos de cada um, então como será possível que um único professor desenvolva este trabalho para, por exemplo, quarenta e cinco alunos. Desta forma parece uma barreira intransponível. Rodrigues (2001) defende que a gestão de uma sala de aula inclusiva pressupõe que os alunos possam ter acesso a vários tipos de grupos de aprendizagem: grande grupo, grupos de projetos, trabalho em pares e trabalho individual. Todos esses enquadramentos permitem que as situações de aprendizagem sejam adequadas às características do aluno e do trabalho.

Neste caso, os dados evidenciam que a maioria dos docentes não se sente segura relativamente às suas capacidades e competências para ensinar crianças com NEE. No entanto, estas reservas são compreensíveis tendo em conta tão elevado número de alunos.

Relativamente às necessidades de formação, é possível perceber que os professores e os educadores mencionam a falta de conhecimento para intervir com alunos com NEE. Os professores identificaram a falta de professores especializados na área, nomeando necessidades de formação em deficiências sensoriais, inclusão e dificuldades de aprendizagem; por sua vez, os educadores, demonstram igualmente a falta de educadores especializados nesta área, para além de preocupações com a formação contínua.

Nesta ordem de ideias é importante referir que as necessidades de formação, são na perspetiva de (Nixon, citado por Estrela, Leite & Madureira, 1999) constructos interpretativos que os professores vão manifestando quando estabelecem mediações entre

os constrangimentos que sentem na prática e os desejos que têm e, neste caso, associam-se ao desejo de um maior desenvolvimento profissional. Assim, é sem dúvida fundamental que a formação vá ao encontro das necessidades da prática docente, sendo, portanto, relevante equacionar estratégias diversificadas que permitam abranger as diferentes significações do conceito. (Estrela, Madureira & Leite, 1999). Nesta medida revela-se fundamental desenvolver processos que favoreçam a tomada de consciência progressiva das necessidades por parte dos professores, o que implica o uso de metodologias dinâmicas, em que a sua participação seja efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, gostaríamos de salientar que a construção de uma Escola Inclusiva veio repor na Educação muitas das responsabilidades que até então se mantinham atribuídas a Educação Especial. Acreditamos que a Escola Inclusiva não é uma utopia; no entanto, é necessário que, tal como nos refere Bénard da Costa (1996, p.2), “os pais, os profissionais, os governantes e a população em geral acreditem que a Escola Inclusiva dá qualquer coisa por que vale a pena lutar”

Estamos conscientes que o desafio colocado aos professores em termos de inclusão dos alunos com NEE na sala de ensino regular, é grande e que uma parte significativa continua a não estar preparada para desenvolver estratégias de ensino diversificado. A Formação Contínua permanece como uma necessidade urgente, sendo também vital ajudar os professores a vencerem as suas resistências à mudança de modo a ultrapassar as limitações e os perigos das concepções baseadas na deficiência (Ainscow, 1995).

A inclusão de todas as crianças no ensino regular aparece contemplada em muitos países, sendo vista como fundamental para promover uma sociedade em que cada um possa encontrar o seu lugar enquanto cidadão participativo (Bénard da Costa, 1996; Clack, Dyson, Millward & Skidmore, 1997). Para além disso, muitos países, entre os quais Portugal, assinaram a Declaração de Salamanca (1994) onde se defende que “todos os alunos devem aprender juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentam.” Sendo certo que a educação inclusiva tem vindo a ser reconhecida como uma meta a atingir pelos sistemas educativos em todo o mundo, alguns autores sublinham a urgência de criar comunidades de aprendizagem inclusivas para todos os alunos (Curcic, 2009; Katz, 2012; 2013; UNESCO, 2009, citado por Nunes & Madureira, 2015).

Atendendo ao exposto, pretendemos apresentar seguidamente os resultados obtidos e expor considerações finais em função destes resultados.

O presente estudo, teve como objetivos gerais conhecer as concepções e práticas dos educadores e dos professores do ensino regular face à inclusão de alunos com NEE e

suas necessidades de formação. Tendo em conta os objetivos gerais e específicos definidos, apresentamos em seguida algumas das conclusões que nos parecem relevantes.

No que diz respeito à opinião dos educadores e professores sobre a inclusão dos alunos com NEE no ensino regular, estes manifestam ter concepções positivas face à inclusão de alunos com NEE, embora com alguma ambivalência nos seus discursos. Esta ambivalência é compreensível se considerarmos, como refere Nunes e Madureira (2015), que embora a educação inclusiva tenha vindo a ser reconhecida como uma meta a atingir pelos sistemas educativos em todo mundo, exige mudanças significativas não só na forma de perspetivar o papel e as funções da escola e dos professores no processo educativo, como também na forma de desenvolver práticas pedagógicas eficazes que garantam a aprendizagem de todos. (Curcic, 2009; Katz, 2012; 2013; UNESCO, 2009, citados por Nunes & Madureira, 2015)

No entanto, conclui-se que apenas os professores manifestam algumas inquietações relacionadas com ausência do currículo adaptado, a falta de recursos humanos e materiais, o preconceito e a aceitação pela diferença. Estas preocupações vão ao encontro da legislação de STP relativamente à organização da educação especial, designadamente, o artigo 18º, que refere que se “*organiza preferencialmente segundo modelos diversificados de integração em estabelecimentos regulares de ensino, tendo em conta as necessidades de atendimento específico e com apoio de educadores especializados*”. Neste sentido, em relação aos resultados obtidos, concluímos que o contexto educativo estudado nem sempre dispunha de recursos humanos e materiais necessários para responder às necessidades dos alunos com NEE, para que a inclusão destes alunos se processe com sucesso. Torna-se importante referir que “(...) escolas inclusivas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma boa cooperação com as respetivas comunidades p. 22” (Rodrigues, 2003, p. 121).

Globalmente, os dados recolhidos, permitem-nos concluir que a maioria dos educadores e professores não se sentem seguros relativamente às suas capacidades e competências para ensinar crianças com NEE.

Nas observações naturalistas efetuadas em contextos educativos de STP concluímos que os educadores e professores implementaram diversas estratégias para promover o sucesso de alunos com NEE. O recurso às estratégias revela atitude de aceitação, numa perspetiva de encontrar respostas educativas adequadas para as situações com que se deparam na sua prática profissional.

Nas observações foi possível constatar a existência de um elevado número de alunos, quer nas turmas de pré-escolar, quer nas de primeiro ciclo de ensino Básico. Este dado poderá dificultar a participação dos alunos na sala de aula e a capacidade do professor criar ambientes educativos que permitam a aprendizagem de todos e cada um dos alunos.

Há necessidade de reduzir o número de alunos por turma e por à sua disposição salas de aula mais acolhedoras. É urgente atualizar os programas, os métodos e meios de ensino, explorando as potencialidades didáticas das novas tecnologias da informação. É importante ter em conta que “uma educação para todos” significa uma educação diferenciada, que permita a igualdade de oportunidades e que contribua para o desenvolvimento individual no respeito pelas diferenças e pela singularidade de cada ser humano (Barbosa, 2000).

Os resultados das entrevistas evidenciam também que relativamente às necessidades de formação, os professores entrevistados mostraram preocupações relacionadas com a falta de conhecimentos para intervir com alunos com NEE, referindo também a falta de professores especializados na área das NEE. Esta preocupação é compreensível, uma vez que será interessante verificar que são sobretudo aos professores que é pedido que transmitam um currículo nacional a todos os alunos, uma vez que não têm formação é natural que estejam inquietos.

Verificamos também que em relação às suas práticas pedagógicas sentem necessidade de fazer formação nas diversas áreas (sobre as deficiências sensoriais, formação sobre a inclusão e também sobre as dificuldades de aprendizagem).

Concluímos também que os professores e educadores estão bem informados acerca da legislação sobre as respostas educativas para estes alunos, diferenciando claramente as funções e âmbito de aplicação das adequações curriculares. Têm, no entanto, dificuldades em trabalhar com estes alunos e os processos de diferenciação a que

recorrem consistem, essencialmente, na individualização das fichas de trabalho e de avaliação e numa atenção mais individualizada em sala de aula.

No que se refere à preparação dos professores do ER para trabalhar com crianças com NEE, ou seja “a preparação de professores para a inclusão” implica uma perspetiva mais aberta e colaborativa (...) a Educação Especial deverá estar difundida em todas as áreas curriculares e a diversidade ser aceite com norma para preparar os professores para as escolas do futuro (...) requer ainda que os professores sejam capazes de tratar das questões culturais (atitudes, crenças e valores).

A “Estratégia de Desenvolvimento para a Educação Especial em STP” (Sim-Sim & Cruz, 2010) que promove a educação das crianças com necessidades educativas especiais permanentes dentro do sistema educativo de São Tomé e Príncipe considerou a necessidade de implementar três grandes eixos:

1. Sinalização e identificação das crianças em risco de deficiência;
2. Organização dos serviços para o atendimento das crianças com necessidades educativas permanentes;
3. Qualificação de professores para o atendimento a crianças com necessidades educativas especiais.

Os resultados do presente estudo, sugerem que são fundamentais a organização dos serviços para o atendimento das crianças com necessidades educativas permanentes e a qualificação de professores para o atendimento a crianças com necessidades educativas especiais. Verificamos que é urgente uma intervenção por parte do estado santomense, no sentido de melhorar as condições das salas de aulas e qualificar cada vez mais os professores e educadores, para a prestação do melhor atendimento às crianças com NEE.

Com base nos suportes legais referidos, verificamos que a preocupação face à educação de crianças/jovens com necessidades educativas especiais é evidente quer na Constituição, quer na Lei de Bases do Sistema Educativo Santomense (LBSE). Na LBSE, são dignos de destaque, o artigo 2º onde se dá ênfase ao princípio de igualdade e o direito a educação, direito este defendido no artigo 55º da Constituição, ao considerar que o sistema educativo se dirige a todos os indivíduos independentemente da idade, género, nível socioeconómico, intelectual ou cultural, crença religiosa.

A formação inicial e contínua em Educação Inclusiva e Necessidades Educativas Especiais (NEE) é de especial relevância para todos os que trabalham com crianças e jovens em contextos de educação, tal formação pode constituir um processo facilitador do desenvolvimento profissional do educador e do professor , contribuindo assim para uma intervenção educativa e pedagógica que aceita e compreende as necessidades de todas as crianças, e que procura criar e adequar as dinâmicas pedagógicas e as metodologias de ensino às diferenças individuais.

REFERÊNCIAS

- Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial (2009). *Princípios-Chave para a Promoção da Qualidade da Educação Inclusiva – Recomendações para Decisores Políticos*, Odense, Denmark: European Agency for Development in Special Needs Education.
- Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Educativas Especiais (2003). *Educação Inclusiva e Práticas de sala de aula, Relatório Síntese*, European Agency for Development in Special Needs Education.
- Agência Europeia para o Desenvolvimento em NEE. (2003). *Necessidades Educativas Especiais na Europa*. Retirado de: http://www.european-agency.org/publications/ereports/special-needs.education-in-europr/sne_europe.pt.pdf
- Ainscow, M. (1995). *Education for all: Making it happen*. Comunicação apresentada da no Congresso Internacional de Educação Especial, Birmingham, Inglaterra.
- Ainscow, M. (1995). Special needs through school improvement: school improvement through special needs. In Clark, C., Dyson, D.; Millward, A. (Ed.) *Towards inclusive schools* (pp.63-77). London: David Fulton Publisher.
- Ainscow, M. (1998). *Necessidades especiais na sala de aula*. - Um guia para formação de professores. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Ainscow, M; Porter, G.; & Wang, M. (1997). *Caminhos para as Escolas Inclusivas*. Lisboa: Ministério da Educação - Instituto de Inovação Educacional.
- Ainscow, M. (2000). *Necessidades Educativas Especiais em sala de aula, um guia para a formação de professores*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional/ Edições Unesco.
- Armstrong, F. & Rodrigues, D. (2014). *A Inclusão nas Escolas*. Lisboa. (1ª ed.).
- Bairrão, J. (1998). *Os alunos com necessidades educativas especiais, subsídio para o sistema de educação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação

- Bautista, R. (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa:(Dinalivro.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bénard da Costa, A. M. (1996). *A Escola Inclusiva: do conceito à prática*. 9, 151-163.
- Bénard da Costa, A. M. (1999). *Uma educação Inclusiva a partir da escola que temos, in Conselho Nacional de Educação (ed.), (pp.25-36)*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Booth, T., & Ainscow, M. (2002). *Index for Inclusion: Developing learning and participation in schools revised edition*. (M. Vaughan, Ed.) CSIE.
- Bolam, R. (1982) Professional Development and School Improvement. In: Bolam (Ed.), *School-focused In-Service Training*. London; Heinemann Education Books.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação- guia para autoaprendizagem (2ª edição)*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Caldeira, E., Paes, I., Micaelo, M., & Vitorino, T. (2004). *Aprender com a Diversidade: um guia para o desenvolvimento da Escola*. Porto: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acime).
- Correia, L. M. (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto. Porto Editora.
- Correia, L. M. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L. M. (2001). Educação Inclusiva ou Educação Apropriada. In D. Rodrigues (Org.), *Educação e Diferença: valores e práticas para uma Educação Inclusiva*, (pp.123-142). Porto: Porto Editora.
- Correia, L. M. (2003). *Educação especial e inclusão: Quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. Porto: Porto Editora.

- Correia, L. (2008). *Inclusão e necessidades educativas especiais. Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L.M. (2005). *Inclusão e necessidades educativas especiais. Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora.
- Coutinho, M. C. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina
- Coutinho, M. C. (2013). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Constituição da República Democrática de São Tomé e Príncipe*. Assembleia Nacional: Centro gráfico.
- Crespo, A., Correia, C., Cavaca, F., Croca, F., Breia, G., & Micaelo, M. (2008). *Educação Especial. Manual de apoio à prática*. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC). Editorial: Ministério da Educação.
- Crespo, A., Croca, F., Breia, G. & Micaelo, M. (2011). *Educação inclusiva e educação especial. Indicadores-chave para o desenvolvimento das escolas: um guia para diretores*. Lisboa. Direção Geral de Desenvolvimento e Inovação Curricular.
- Cruz, A. (2010). *Que formação de Professores para a inclusão em São Tomé e Príncipe?* Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação-Especialidade em Educação Especial.
- Decreto-Lei nº3/2008 (7 de janeiro de 2008). Ministério de Educação. Portugal.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (Eds.) (1994). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- De Ketele, J.M. & Roegiers, X. (1999). *Metodologias de recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observação, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Piaget.
- Estratégia para a Educação e Formação (2007-2017) São Tomé e Príncipe: Ministério da Educação e Cultura.

- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática da Observação de Classes: uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, M. T. (2007). Um olhar sobre a investigação educacional a partir dos anos 60. In A. Estrela (Org.). *Investigação em Educação. Teorias e Práticas (1960-2005)* (pp. 13-41). Lisboa: Educa.
- Estrela, T., Madureira, I. & Leite, T. (1999). Processos de identificação de necessidades: uma reflexão. *Revista de Educação*, 8(1), 29-47.
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In Lima; Pacheco, J (orgs). *Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertação e teses* (pp.105-126). Porto Edições Panorama.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor. Projetos e Edições. Lda.
- Formação de professores para uma escola inclusiva. Algumas perspectivas europeias, p.61-72. In Candeias. A.A. (coord.). *Educação Inclusiva: Concepções e Práticas*. Évora. Edição: CIEP.
- Guiglione, R. e Matalon, B. (1998). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Hargreaves, A. (1998). *Os professores em tempos de mudança*. Lisboa: McGraw Hill.
- Hegarty, S. (2001) O apoio Centrado na Escola. Novas Oportunidades e Desafios. In: Rodrigues, D. (org.) *Educação e Diferença. Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva*. Porto Editora (Ed)
- INE (2014). *População portadora de deficiência, IV RGPH-2012*. São Tomé: Instituto Nacional de Estatística.
- Jiménez, B.R. (1997). Uma escola para todos: a integração escolar. In R. Bautista (Coord.). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro.
- Karagiannis, A.; Stainback, W. & Stainback, S. (1999). *Inclusão – um guia para educadores*. Porto Alegre: Artes Médicas Editora.

- De Ketele, J. M. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia de Recolha de Dados. Fundamentos dos métodos de observação, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lei Bases do Sistema Educativo, Lei nº 2 /2003. São Tomé: Assembleia Nacional.
- Lei Bases do Sistema Educativo, Lei46/86 de 14 de outubro de 1986. Ministério da Educação de São Tomé e Príncipe.
- Leite, T. S. (2011). *Currículo e Necessidades Educativas Especiais*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Leite, T. S. (2012). Diferenciação curricular na resposta às necessidades educativas especiais dos alunos. In I. Sanches, M. Costa & A. Santos [e-book]. *Para uma educação inclusiva: dos conceitos às práticas*. Vol. I (pp.85- 96). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Madureira, I. & Leite, T. (2003): *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Madureira, I. (2005). Avaliação pedagógica: processos de identificação de necessidades educativas especiais. In Sim Sim, I. (Orgs.). *Necessidades educativas Especiais: Dificuldades da criança ou da escola?* (pp. 28-40). Lisboa: Texto Editores.
- Madureira, I. & Leite, T. (2007). *Educação Inclusiva e Formação de professores*. Uma visão integrada. *Revista Diversidade*, 5, nº 17, p.12-16.
- Marchesi, A. (2001). *A prática nas Escolas Inclusivas*. In Rodrigues (Orgs). *Educação e Diferença: valores e práticas para uma educação inclusiva* (pp.93-108). Porto: Porto Editora.
- Mittler, P. (2003). *Trabalhando em Direção à Educação Inclusiva, contextos sociais*. São Paulo: Editora Artmed (tradução: Windy Brazão Ferreira).
- Ministério da Educação de Portugal (2007). *Declaração de Lisboa*. Consultado a 28 de março,2017, em: http://www.european-agency.org/publications/flyers/lisbon-declarationyoung-peoples-views-on-inclusive-education/declaration_pt.

- Ministério da Educação e Cultura (s.d). *Plano Nacional de Acção de Educação Para Todos (2002 – 2015)*. São Tomé e Príncipe.
- Ministério da Educação e Cultura (s.d). *Estratégia para Educação e Formação (2007-2017)*. São Tomé e Príncipe.
- Ministério da Educação Cultura e Formação da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, (2003). *Lei de Bases do Sistema Educativo nº2/2003* de 7 de julho.
- Monteiro, S. (2012). *Diferenciação curricular para a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de mestrado apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa. Disponível em <http://repositorio.ipl.pt/>
- Nunes, C., & Madureira, I. (2015). Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo Práticas pedagógicas inclusivas, *Da Investigação às práticas*,5(2), 126-143.
- Pacheco, J. (2007). *Caminho para a inclusão*. Brasil: Artmed Editora.
- Patton, M. (1987). *How to use qualitative methods evaluation*. California: Sage Publications.
- Porter, G. (2007). Organização das escolas: conseguir o acesso e a qualidade através da inclusão. In M. Ainscow, G. Porter & M. Wang. *Caminhos para as escolas inclusivas* (pp. 35-46). Lisboa. Instituto de Inovação Educacional.
- Piscalho, I. & Cruz, A., (2015). *Programa de sinalização se crianças com deficiência ou em risco de desenvolvimento em São Tomé e Príncipe – Relatório do estudo*, UNICEF.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (1ª ed.) Lisboa: Gradiva.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (4ª edição.). Lisboa: Gradiva.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L.V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (5ª ed.) Lisboa: Gradiva.).

- Rodrigues, D. (2001). (org.). *Educação e Diferença. Valores. e Práticas para uma Educação Inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. (2003). (org.). *Perspectivas Sobre a Inclusão. Da Educação à sociedade*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. (2003). A Educação Inclusiva – as boas notícias e as más notícias. In D. Rodrigues, *Perspectivas sobre a inclusão* (pp. 90-100). Porto: Porto Editora
- Rodrigues, A. (2006). *Análise de práticas e de necessidades de formação*. Lisboa: DGIDC. 1ª ed.
- Rodrigues, D. (2006). Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva. In David Rodrigues (org.). *Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a Educação Inclusiva*. São Paulo: Summus Editorial.
- Rodrigues, D. & Lima-Rodrigues, L. (2011). Formação de Professores e Inclusão: como se reformam os reformadores? in D. Rodrigues (org.) *Educação Inclusiva: dos conceitos às práticas de formação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Rodrigues, D. (2013). *Equidade e Educação*, Porto, Profedições.
- Roldão, M. C. (2003). Diferenciação curricular e inclusão. In D. Rodrigues (Org.). *Perspetivas sobre a inclusão: da educação à sociedade* (pp.151-166). Porto: Porto Editora.
- Roldão, M. C. (2007). *Colaborar é. Preciso: Questões de Qualidade e eficácia no Trabalho dos professores*. Noesis (71). Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. (DGIDC).
- Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de ensino. O saber e o agir do professor*. V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Sim-Sim, I. & Cruz, A. (2010). *Estratégia de desenvolvimento para a educação Especial em São Tomé e Príncipe*. São Tomé: Ministério da Educação e Cultura. Ministério da Educação de São Tomé e Príncipe.
- Stainback, S. & Stainback, W. (1999). *Inclusão*. Um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed Editora.

- Tilstone, C., Florian, L. & Rose, R. (2005). *Promover a educação inclusiva*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Tomlinson, C. A. (2008). *Diferenciação pedagógica e diversidade*. Porto: Porto Editora.
- UNICEF (1989). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. Disponível em:
http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
- ONU (1989). *Convenção dos Direitos da Criança*. NY: ONU (Disponível em:
http://www.direitoshumanos.usp.br/documentos/tratados/criancas/convencao-sobre_os_direitos-da-crianca.html).
- UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das Necessidades Educativas Especiais* Consultado a 10 de novembro de 2015, disponível em: http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf.
- UNESCO (2000). *Forum Mundial da Educação de Dakar. Educação para todos: o compromisso de Dakar*. Senegal, 26-28 de abril. Brasília (2ª ed.), Consultado a 23 de março de 2018. em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127509porb.pdf>
- UNESCO (2001). *Educação para todos: O compromisso de Dakar* (2ª ed.). Brasília. Consultado a 29 de março 2018 em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127509porb.pdf>
- Vala, J. (2009). A análise de Conteúdo. In A. S. Silva & J.M. Pinto (Orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais* (pp.101-128). Biblioteca das Ciências do Homem, Porto: Edições Afrontamento.
- Ysseldyke, J. E. & Algozzine, B. (1982). *Critical issues in special and remedial education*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- Warnock, Report. In Online disponível na internet
<http://www.saibd.com/doc/2671208/necessidades-educativas-especiais-da-identificacao> -a, consultado a 22 de novembro de 2017

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

- ANEXO A. Requerimento para a autorização do estudo em STP
- ANEXO B. Documento do termo de consentimento informado a docentes e pais
- ANEXO C. Guião das entrevistas aos educadores e aos docentes do 1º ciclo do ensino básico
- ANEXO D. Protocolo de duas entrevistas aos educadores e duas entrevistas aos professores (Exemplos)
- ANEXO E. Grelhas de análises de conteúdo das entrevistas realizadas a Educadores e a Professores
- ANEXO F. Ficha de caracterização dos participantes no estudo
- ANEXO G. Grelhas de registo das 1^{as} observações naturalistas e respetivas análise categorial

**ANEXO A. REQUERIMENTO PARA A AUTORIZAÇÃO DO ESTUDO
EM STP**

Maria Izaura Costa Alegre
Rua João de Deus nº 34- 2ºEsq.
2700- 489 Venda Nova- Amadora

Exmº Sr/Sra.

Diretor/a do Ensino Básico de São Tomé e Príncipe _____

Assunto: Pedido de autorização para contactos e recolha de dados.

No âmbito da frequência no Curso de Mestrado em Educação Especial no ramo de Problemas de Cognição e Multideficiência, da Escola Superior de Educação de Lisboa, a mestranda, Maria Izaura Costa Alegre, vem por este meio solicitar a V. Ex.^a que se digne autorizar a realização de contactos com cinco educadores de infância e cinco docentes do 1º ciclo do ensino básico que possuam alunos com Necessidade Educativas Especiais (NEE) nas suas salas, a fim de desenvolver um estudo sobre os processos de inclusão destes alunos no sistema regular de ensino. Tal pedido prende-se com a necessidade de observar os alunos com NEE em contexto de sala de aula, assim como entrevistar os seus professores, sendo estas as técnicas de recolha de dados escolhidas para a realização do trabalho de investigação em curso, sob a orientação da Professora Doutora Isabel de Lacerda Pizarro Madureira da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Mais se informa que será assegurado o anonimato das informações recolhidas quer sobre os contextos, quer sobre os intervenientes.

Sem outro assunto e com os melhores cumprimentos,

Maria Izaura Costa Alegre

Lisboa, 13 de abril de 2016

**ANEXO B. DOCUMENTO DO TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO
AOS DOCENTES E AOS PAIS**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Maria Izaura Costa Alegre, aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa, a frequentar o curso de Mestrado em Educação Especial no ramo de Problemas de Cognição e Multideficiência, vem solicitar ao encarregado de educação do aluno, autorização para proceder à observação do seu educando em contexto sala de aula. A observação tem como objetivo compreender como se desenvolve a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais na sala de aula.

Garante-se que todos os procedimentos éticos e deontológicos, designadamente o anonimato das informações recolhidas quer sobre os contextos, quer sobre os intervenientes, serão assegurados.

Tomei conhecimento,

A/O Encarregado de Educação:

Data: / / 2016

ANEXO C. GUIÃO DA ENTREVISTA

GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema: A Inclusão de Crianças com Necessidades Educativas Especiais em S. Tomé e Príncipe. Concepções e Práticas de Educadores e Professores

Entrevistados: Educadores de Infância e Professores do Ensino Básico

Objetivo Geral: Recolher a opinião de educadores de infância e professores do 1º CEB de STP sobre a inclusão e conhecer as práticas que desenvolvem na sala de aula e as suas necessidades de formação.

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Para um formulário de questões
A Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	Legitimar a entrevista Motivar o entrevistado	Agradecer a colaboração prestada. Referir o tema e os objetivos do estudo e sublinhar a importância do contributo dos educadores e dos professores. Garantir o feedback do estudo a realizar. Assegurar o anonimato e a confidencialidade das informações prestadas. Pedir autorização para gravar a entrevista.
B Confrontar os educadores e professores com a legislação sobre a inclusão	- Avaliar o conhecimento que os educadores e professores do 1º CEB têm face à legislação existente em STP referente à inclusão. - Saber como tem sido aplicado o Decreto Lei nº2/2003 em STP.	Como sabe, há legislação publicada em STP, em 2003, que aponta a inclusão de alunos com NEE no Ensino Regular: O decreto lei nº2/2003, refere-se à inclusão de todos os alunos no ensino regular. O que pensa sobre este Decreto Lei? Como tem sido operacionalizada a aplicação deste decreto lei nas escolas? Quais são as vantagens da inclusão de alunos com NEE no ensino regular? Em seu entender, o que é que os pais das crianças pensam sobre esta medida legislativa?
C Atitudes de educadores e professores face à inclusão de alunos com NEE	-Conhecer a opinião dos educadores e professores sobre a inclusão de alunos com NEE no ensino regular. -Conhecer as atitudes dos educadores e professor face à inclusão de alunos com NEE.	A inclusão de alunos com NEE é um processo exigente, que envolve mudanças. Já teve com certeza experiência de inclusão na sua sala de aula. Quais são, na sua opinião, os aspetos que poderão facilitar ou dificultar essa inclusão? Na escola onde trabalha, o que pensam os seus colegas sobre a inclusão dos alunos com NEE nas classes do ensino regular? Quais as vantagens da inclusão para os alunos com NEE? E para os outros alunos? O que é necessário mudar na escola para facilitar a inclusão de alunos com NEE?

<p>D</p> <p>Práticas dos educadores e professores do 1º CEB e da escola face à inclusão</p>	<p>-Conhecer as implicações da inclusão na prática pedagógica de educadores e professores do 1º CEB.</p> <p>-Avaliar o conhecimento dos educadores e professores do 1º CEB sobre a experiência dos seus colegas quanto à inclusão de alunos com NEE.</p>	<p>Relativamente às práticas, como é que reagiu quando teve pela primeira vez, alunos com NEE na sala de ensino regular?</p> <p>Atualmente tem alguma criança com NEE na sua sala de aula?</p> <p>Que estratégias utiliza na sala de aula no sentido de facilitar a inclusão da criança com NEE nas atividades?</p> <p>Que dificuldades experimentou/ experimenta perante a inclusão de alunos com NEE na sala de aula?</p> <p>E os seus colegas, como reagem à inclusão de alunos com NEE?</p> <p>Que estratégias desenvolvem na sala de aula?</p> <p>Que alterações teve que introduzir na sua prática diária decorrentes da inclusão de alunos com NEE?</p> <p>O que sabe acerca da experiência dos seus colegas sobre a inclusão de alunos com NEE?</p> <p>O que é que o professor precisa de fazer para assegurar a inclusão de alunos na sala de aula?</p>
<p>E</p> <p>Processo de inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino.</p> <p>O papel da família</p>	<p>-Conhecer o processo de sinalização e de inclusão da criança com NEE.</p> <p>-Conhecer o papel da família no processo de inclusão na escola regular.</p>	<p>Como se processa a matrícula e inscrição de criança com NEE na escola regular?</p> <p>Quem sinaliza a criança com NEE?</p> <p>Que apoios são assegurados?</p> <p>Qual é o papel da família no processo da inclusão de alunos com NEE na escola regular?</p> <p>Que estratégias são desenvolvidas para promover a participação da família no processo de inclusão?</p>
<p>F</p> <p>Necessidade de Formação</p> <p>Expectativas de formação</p>	<p>-Conhecer as carências de formação de educadores e professores para dar resposta à inclusão de alunos com NEE.</p> <p>-Conhecer os desejos de educadores e professores relativamente à formação.</p>	<p>Que necessidades de formação contínua se colocam aos educadores e professores perante a inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino?</p> <p>Acha que a formação contínua pode dar respostas às exigências de uma escola inclusiva?</p> <p>Se sim, que temas gostaria de aprofundar na formação contínua para a inclusão?</p>
<p>G</p> <p>Validação das entrevistas</p>	<p>-Averiguar as reações dos entrevistados à situação de entrevista.</p> <p>-Recolher sugestões dos entrevistados acerca dos tópicos a incluir nas entrevistas.</p> <p>- Agradecimentos</p>	<p>Em que medida a entrevista contribuiu para uma reflexão sobre a inclusão?</p> <p>De todos temas analisados há algo que queira acrescentar?</p> <p>Agradecer de novo a disponibilidade e colaboração prestadas fundamentais para a realização do estudo.</p> <p>Agradecer o acesso ao trabalho final.</p>

**ANEXO D. PROTOCOLO DE DUAS ENTREVISTAS AOS
EDUCADORES E PROFESSORES (EXEMPLO)**

PROTOCOLO DE ENTREVISTAS AO PROFESSOR 1

Data: 18-04-2016

Hora: 15:00h

Entrevistador: (E)

Professora: (P1)

Entrevistador (E) - Muito boa tarde. Chamo-me Maria Izaura, neste momento encontro-me a frequentar o Mestrado em Problemas de Cognição e Multideficiência, na escola Superior de Educação de Lisboa. Estou a fazer esta entrevista no sentido de recolher os dados de opinião de educadores de infância e professores do 1º CEB de STP sobre a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais e conhecer as práticas que desenvolvem na sala de aula e as suas necessidades de formação.

Venho por este meio solicitar a sua colaboração para esta entrevista, todos os dados serão tratados de modo confidencial, sendo respeitado o anonimato da sua identidade. Vou pedir a sua autorização para gravar, tendo em conta a conversa que tivemos acho que tenho a sua autorização. Obrigada.

Professora: (P1) - De nada.

Entrevistador: (E) - Como sabe, há uma legislação publicada em S.T.P, em 2003, que aponta a inclusão de alunos com NEE no ensino regular: O decreto lei nº2/2003, refere-se à inclusão de todos os alunos no ensino regular. O que pensa sobre este Decreto – Lei? O que pensa sobre esta medida legislativa?

Professora: (P1) - Sobre o decreto lei 2003, eu penso que, o sistema como estava no início de inclusão de crianças, faltou ainda alguns pontos a serem mais trabalhados, criar condições para essas crianças. Não foi detalhado nesta lei 2003 como incluir estas crianças. Como incluir? Só se ditou incluir, cada necessidade, necessita de um tratamento especial.

Entrevistador:(E) Um um.

Entrevistador:(E) - Como tem sido operacionalizada a aplicação deste decreto-lei nas escolas? Será que se fez algo? Será que têm aplicado este decreto nas escolas?

Professora:(P1) - Sobre a aplicação desse Decreto-Lei nas escolas, era necessário sensibilizar o professor, de modo que o professor possa estar pronto para receber essas crianças. Muitos professores não têm conhecimento desse decreto, só sabe que se está a falar de crianças com necessidades educativas especiais, o professor não sabe desse decreto, não sabe como lidar porque não foi preparado para receber essas crianças.

Entrevistado: (E) - Quais são as vantagens da inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Professora: (P1) - Vantagens de ter essas crianças na sala! Sim, há vantagens porque vai contribuir para o desenvolvimento intelectual, psíquico e físico dessa criança. Porque muitas vezes ela está no seu meio, ela não tem contacto com outras crianças está lá fechada e muitas vezes as famílias não têm paciência para falar com ela e brincar. Mas se ela estiver no meio escolar com outras crianças ela vai poder falar interagir e sentir - se mais à vontade mais acolhida quando está no meio escolar.

Entrevistador (E) - Em seu entender, o que é que os pais das crianças pensam sobre esta medida legislativa?

Professora: (P1) - Sim, alguns pais até conhecimento têm. Eles devem trazer as suas crianças com necessidades para escola que elas serão aceites na escola, então, os pais já começam a sentir-se mais livres porque antes os pais escondiam as crianças com necessidades. Tinham receio de falar que eu tenho criança com necessidades. especiais. Mas hoje, estão um pouco mais abertos e começam a trazer as suas crianças para a escola.

Entrevistador (E) - A inclusão de alunos com NEE é um processo exigente, que envolve mudanças. Já teve com certeza experiência de inclusão na sua sala de aula. Quais são, na sua opinião, os aspetos que poderão facilitar ou dificultar essa inclusão?

Professora: (P1) - Ah..., dependendo da necessidade que a criança apresenta podem ser as condições de acesso para essa criança chegar até a escola ou movimentar mesmo dentro da escola. Também pode ser uma dificuldade para essa criança. Outro aspeto são os materiais a serem usados, se nós não temos materiais por exemplo para as crianças que têm dificuldades visuais, nós não temos materiais próprios, não vai facilitar a inclusão dela na escola. Então todo esse conjunto de materiais, meios de acesso poderão dificultar a criança assim como facilitar uma escola com rampa, coisas para conseguir movimentar. É mais fácil incluir, se tiver um problema visual tiver lá uma máquina braille para poder escrever, então vai facilitar a inclusão dela na escola. É um conjunto de condições que vão favorecer a criança na inclusão.

Entrevistador:(E) - Na escola onde trabalha, o que pensam os seus colegas sobre a inclusão dos alunos com NEE nas classes do ensino regular?

Professora: (P1) - Um mm... Isso é uma pergunta é muito subjetiva, ela é pessoal, mas.... Eu penso que se os colegas tivessem conhecimento, se fossem sensibilizados ou tivessem conhecimento como lidar com essas crianças, eles teriam visão diferente porque um ou outro tem receio de ter uma criança com necessidade porque dependendo da necessidade que a crianças têm, ela atrapalha muito o trabalho de outras crianças. Ela é uma e vem prejudicar o trabalho de trinta. Então o professor sente retraído, assim porque não sabe com lidar com essas crianças, então ele fica pouco receado.

Entrevistador (E) - Quais as vantagens da inclusão para os alunos com NEE?

Professora: (P1) - Para as crianças com NEE é uma forma de ela se interagir com outras crianças, sentir-se normal como as outras.

Entrevistador (E) - E para os outros alunos?

Professora: (P1) - E para as outras ditas normais que não têm necessidades é uma forma de ver outras e aceitar o outro que têm dificuldade, ver o outro como uma pessoa normal que tem capacidade para realizar certas atividades que elas também desenvolvem.

Entrevistador (E) - O que é necessário mudar na escola para facilitar a inclusão de alunos com NEE?

Professora: (P1) - A escola tem tantas coisas para fazer!... Vou focar no que é essencial.

Entrevistador (E) Pois é

Professora: (P1) - Por exemplo, na escola onde eu trabalho há uma menina que é cadeirante, e a escola não tem rampa, o pátio da escola é terra, quando chove fica todo alamaçado. Então é difícil trazer a cadeira de rodas dessa menina para a turma. Por vezes são os colegas que transportam a cadeira para a sala. É difícil para ela porque é uma das coisas que dificultam. A escola não tem rampa. Ela anda de mão e joelhos no chão;(de gatas) para chegar a turma porque as escadas têm degraus. São tantas coisas que não facilitam. Mesmo assim ela vai à escola. A escola por si só não consegue. Então precisa um conjunto de sociedade, entidades aí que poderão ajudar. Não só na escola como em toda a sociedade.

Entrevistador (E) - Relativamente às práticas, como é que reagiu quando teve pela primeira vez, alunos com NEE na sala de ensino regular? Já teve?

Professora: (P1) - No início já... No início era difícil porque é uma experiência nova e antes de ter formação, muitos anos atrás tive um menino deficiente mesmo. Eu não sabia lidar com essa criança. Com o tempo e experiência, hoje já consigo lidar melhor com crianças com NEE, há crianças que é preciso estar sobre elas, trabalhar de perto, ter mais atenção. Então já consigo encarar essa situação e lidar de uma forma diferente.

Entrevistador (E) - Atualmente tem alguma criança com NEE na sua sala de aula?

Professora: (P1) - Atualmente não tenho criança com NEE.

Entrevistador (E) - Que estratégias utiliza na sala de aula no sentido de facilitar a inclusão da criança com NEE nas atividades?

Professora: (P1) - Como por exemplo, essas crianças têm necessidades muitas delas não acompanham como as outras. Elas têm necessidades diferentes. O trabalho com elas é um trabalho paralelo as outras crianças, mas nem tudo é igual porque têm necessidades diferentes, então é um trabalho mais lento em

relação às outras porque elas necessitam de mais atenção, enquanto as outras colegas trabalham. Não a deixar sozinha trabalhar. Ela vai ficar a fazer até onde ela puder fazer. A aprendizagem dela é onde ela consegue fazer e onde consegue ir. É uma forma de estimular ela, elogiar o trabalho que ela faz, mas elogiar muito o trabalho que ela faz. Então é uma forma, é mais ou menos isso que tenho lidado.

Entrevistador (E) - Que dificuldades experimentou/ experimenta perante a inclusão de alunos com NEE na sala de aula?

Professora: (P1) - É assim, há um menino que constantemente desmaia, tem epilepsia, fica assim atrapalhado, não consegue sentar por muito tempo. Então quando eu vou à aquela turma, é uma turma que vou sempre. Eu tento de estar sempre a conversar com ele, falo para mantê-lo calmo, peço-lhe para ficar quieto e portar-se bem.

Entrevistador (E) - E os seus colegas, como reagem à inclusão de alunos com NEE?

Professora: (P1) - Meus colegas reagem bem, mas necessitam de experiência para lidar com essas crianças.

Entrevistador (E) - Que estratégias desenvolvem na sala de aula?

Professora: (P1) - A minha colega como tem uma criança com problemas e muitas vezes quando la vou trocamos experiência. Ele é agitado e um pouco agressivo, quer bater sempre nos colegas. Tem que lhe dar toda a atenção, dar-lhe sempre algo para fazer. Passar alguma coisa no caderno para fazer, assim ele fica mais quieto. Levanta-se constantemente do lugar, quer bater, interromper o trabalho do professor. Toda atenção é virada para ele, falar com ele dar-lhe sempre alguma coisa para fazer. É uma inquietação.

Entrevistador (E) - Que alterações teve que introduzir na sua prática diária decorrentes da inclusão de alunos com NEE?

Professora: (P1) - Normalmente as crianças que têm necessidades o professor coloca sempre perto de si, ou seja, mais perto do professor. Pôr o aluno sempre à frente. É uma alteração que o professor faz.

Entrevistador (E) - O que sabe acerca da experiência dos seus colegas sobre a inclusão de alunos com NEE?

Professora: (P1) - Há alguns colegas que têm na turma crianças com NEE. Dizem que quando essas crianças chegam à escola só sabem dormir, não falam, não entendem o que o professor diz, só sabem fazer gestos com a cabeça. No entanto, escrevem e fazem tudo o que o professor pede, mas não falam. Aparentemente está tudo normal. Escrevem mais ou menos.

Entrevistador (E) - O que é que o professor precisa de fazer para assegurar a inclusão de alunos na sala de aula?

Professora: (P1) - Eu penso que o professor tem que estar mais capacitado para ele saber lidar com problema de inclusão dessas crianças.

Entrevistador (E) - Como se processa a matrícula e inscrição de crianças com NEE na escola regular?

Professora: (P1) - A matrícula na escola muitas vezes é da iniciativa dos familiares, muitas vezes são os pais é que trazem essas crianças às escolas.

Entrevistador (E) - Quem sinaliza a criança com NEE?

Professora: (P1) - Quem sinaliza a criança com NEE, acho que é o estado que vai identificar, faz campanha, visitas domiciliares para identificar crianças com NEE, através do centro de saúde, etc...

Entrevistador (E) - Que apoios são assegurados?

Professora: (P1) - Não têm apoios nenhuns.

Entrevistador (E) - Qual é o papel da família no processo da inclusão de alunos com NEE na escola regular?

Professora: (P1) - A família manifesta boa vontade, mas não tem informações suficientes para intervir.

Entrevistador (E) - Que estratégias são desenvolvidas para promover a participação da família no processo de inclusão?

Professora: (P1) - Sensibilizar os pais fazer ver que os seus filhos não são diferentes dos outros menos, também tem capacidade realizar certas atividades que só no meio de outras crianças elas poderão desenvolver mais essas capacidades.

Entrevistador (E) - Que necessidade de formação contínua se colocam aos educadores e professores perante a inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino?

Professora: (P1) - Sim. Há necessidade de fazer a formação. Por vezes cada professor age de maneira intuitiva. Sem ter um padrão porque a maneira como ele age, um comportamento de conhecimento que é normal, uma norma então é necessário7 formação.

Entrevistador (E) - Acha que a formação contínua pode dar respostas às exigências de uma escola inclusiva?

Professora: (P1) - Sim pode dar respostas porque quanto mais conhecimento tivermos mais atualizado torna o professor.

Entrevistador (E) - Se sim, que temas gostaria de aprofundar na formação contínua para a inclusão desenvolvem na sala de aula?

Professora: (P1) - Dependendo das necessidades que surgem aparecem na escola, seria ela ter formação contínua como surdez, baixa visão. A formação seria basicamente nestas áreas visão e surdez.

Entrevistador (E) - Agradeço então a sua disponibilidade, a amabilidade e colaboração para a entrevista. Darei depois o feedback desta, após a sua transcrição para conferir se está tudo correto.

Muito obrigada.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA PROFESSOR3

Data: 19-04-2016

Hora: 10:00h

Entrevistador: (E)

Professora: (P3)

Entrevistador: (E) - Muito bom dia. Chamo-me Maria Izaura, neste momento encontro-me a frequentar o Mestrado em Problemas de Cognição e Multideficiência, na escola Superior de Educação de Lisboa. Estou a fazer esta entrevista no sentido de recolher os dados de opinião de educadores de infância e professores do 1º CEB de STP sobre a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais e conhecer as práticas que desenvolvem na sala de aula e as suas necessidades de formação.

Venho por este meio solicitar a sua colaboração para esta entrevista, todos os dados serão tratados de modo confidencial, sendo respeitado o anonimato da sua identidade. Vou pedir a sua autorização para gravar, tendo em conta a conversa que tivemos acho que tenho a sua autorização. Obrigada.

Professor: (P3) - De nada.

Entrevistador: (E) - Como sabe, há uma legislação publicada em S.T.P, em 2003, que aponta a inclusão de alunos com NEE no ensino regular: O decreto lei nº2/2003, refere-se à inclusão de todos os alunos no ensino regular. O que pensa sobre este Decreto – Lei?

Professor: (P3) - Eu claro, vejo que há algo positivo tendo em conta o grupo dessas crianças que nós temos. Mas no meu ponto de vista como professor, tenho estado a trabalhar com essas crianças nesta situação. O Decreto-Lei existe, mas sobretudo no que confere a inclusão acho que não está a ser bem implementado.

Digo isto para que esta lei seja efetiva falta algo porque falta condições de trabalho para que essa lei ser efetivada. Uma vez que há lei essa lei tem que ser implementada.

Entrevistador: (E) - Como tem sido operacionalizada a aplicação deste decreto-lei nas escolas? Será que se fez algo? Será que têm aplicado este decreto nas escolas?

Professor: (P3) – Bem eu vejo o seguinte: tendo em conta a lei que foi implementada, isto porque o país pertence uma comunidade temos CPLP, temos PALOP, então houve uma conferência que é Dakar, então nós abraçamos os acordos e as decisões que saíram do Dakar, implementamos a lei, mas não criamos a base. Esse é o problema que temos aqui em S.T.P. Por exemplo, a história de inclusão mesmo na escola não temos essa inclusão porque as condições por exemplo, temos a lei e as salas não estão preparadas para esse efeito. Costumamos aí a ver novos projetos que o governo e o ministério tenta implementar, mas de todos projetos não vemos as escolas adaptadas para esse fim. Eis a razão que digo que temos a lei, mas na prática não se encontra nada.

Entrevistador: (E) - Quais são as vantagens da inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Professor: (P3) - A nível de vantagens temos poucas, na prática não se vê, mais tendo em conta que existe lei e posso dizer que há uma exigência, de modo em que os professores não desprezem esses alunos, sentimos uma pressão que devemos tratar desses alunos. Isso ainda tudo muito bem.

Entrevistador: (E) - Em seu entender, o que é que os pais das crianças pensam sobre esta medida legislativa?

Professor(P3) - Os pais, é claro que todos os encarregados de educação que têm criança nesta situação querem ver alguma coisa que vem em benefícios dos seus filhos. Os pais também estão a depender dos professores. Digo isto porquê, porque no início os pais sentem receios de colocar os filhos nas escolas tendo em conta os problemas que têm. Mas se os professores encorajam os pais é claro, os pais enviam os seus filhos à escola e sentem- se mais seguros. Se os professores não sentem motivados os pais ficam retraídos em deixar os seus filhos à responsabilidade deles. Tudo depende da motivação dos professores.

Entrevistador: (E) - A inclusão de alunos com NEE é um processo exigente, que envolve mudanças. Já teve com certeza experiência de inclusão na sua sala de aula. Quais são, na sua opinião, os aspetos que poderão facilitar ou dificultar essa inclusão?

Professor: (P3) - Os professores aí devem estar motivados para tal e sobretudo os alunos aí, os professores têm uma turma de alunos com esses problemas, não querem ter uma turma de alunos com NEE. Os alunos com NEE vêm atrapalhar o trabalho do professor porque muitos professores queixam isso.

Entrevistador: (E) - Na escola onde trabalha, o que pensam os seus colegas sobre a inclusão dos alunos com NEE nas classes do ensino regular?

Professor: (P3) - Na nossa realidade os professores questionam sobre isso, porque nós temos um currículo e embora temos não o vemos o currículo direcionado para esta criança. O currículo que ele tem não é compatível com esta criança. É claro que ele vê como fosse um constrangimento para o seu trabalho.

Entrevistador: (E) - Quais as vantagens da inclusão para os alunos com NEE?

Professor: (P3) - As vantagens é fazer com que vamos ter menos crianças fora do sistema, mesmo que têm NEE na escola, algumas coisas aprendem e podem ter problemas numa parte e mais capacidades noutros domínios. Assim há menos crianças na rua.

Entrevistador: (E) - E para os outros alunos?

Professor: (P3) - Em STP, embora estamos na inclusão, é um caso novo. Não são todos que aceitam. Nem todos aceitam, riem, atrapalham. No caso de intervalo tentam deixar de lado os colegas e na maioria dos casos acontecem.

Entrevistador: (E) - O que é necessário mudar na escola para facilitar a inclusão de alunos com NEE?

Professor: (P3) - A escola pode fazer para facilitar essa inclusão é: nós sabermos que temos esses dois grupos de alunos. Então é criar condições de modo a que todos possam ter algo para fazer. Na sala de aula o professor deve ter o programa em que ambas crianças devem trabalhar, quer na sala, no recreio, haja atividade que um grupo faz, embora estejam incluídos na mesma classe, mas que ninguém fique parado. Ninguém fique isolado.

Entrevistador: (E) - Pois é. Relativamente às práticas, como é que reagiu quando teve pela primeira vez, alunos com NEE na sala de ensino regular?

Professor: (P3) - Tive um aluno no primeiro ano. A reação foi total, turma toda incluindo o professor, chamamos criança mongoloide e viemos a saber que é síndrome de Down. Não era muito fácil, mas aquele menino não era assim tão chato. Ele gostava de interagir com os colegas, principalmente na dança. Muitas vezes havia atividade ele era considerado rei e quando ele participava mais, recebia aplausos de todos. No que concerne o processo de ensino aprendizagem é claro que só brincava e não fazia nada. Com o andar dos anos, ele passou a copiar o seu nome, fazer sozinho não. Ele ficava normal na sala e relacionava bem com todos. Às vezes, ouço a queixa de muitas crianças com NEE da parte dos colegas, mas ele nunca me criou problemas.

Entrevistador: (E) - Atualmente tem alguma criança com NEE na sua sala de aula?

Professor: (P3) - Atualmente não tenho.

Entrevistador: (E) - Que estratégias utiliza na sala de aula no sentido de facilitar a inclusão de alunos com NEE na sala de aula?

Professor(P3) -----

Entrevistador: (E) - E os seus colegas, como reagem à inclusão de alunos com NEE?

Professor: (P3) - Ele foi meu aluno, mas teve outros professores. Diziam que em vez de acalmar, atrapalhava o trabalho dos professores. Ele saiu da escola devido a idade. Transitou para segundo ano de escolaridade porque todos transitam de primeiro para segundo ano e este ficou por aí. Ele está na comunidade. Ele é muito bem visto na comunidade e interage muito bem.

Entrevistador:(E): - Que alterações teve que introduzir na sua prática diária decorrentes da inclusão de alunos com NEE?

Professor: (P3) - Tive que colocar o aluno perto do quadro.

Entrevistador: (E) - O que sabe acerca da experiência dos seus colegas sobre a inclusão de alunos com NEE?

Professor: (P3) - Não sei explicar porque temos poucos ou nenhuns momentos de articulação.

Entrevistador: (E) - O que é que o professor precisa de fazer para assegurar a inclusão de alunos na sala de aula?

Professor: (P3) - Para assegurar a inclusão o professor precisa de materiais didáticos, uma vez que esses alunos necessitam de muitos materiais, carteiras apropriadas, quando digo de carteiras, as próprias salas de aulas apropriadas, a própria sala de aula dependendo da necessidade que o aluno trás. E também tendo em conta a inclusão, queremos que aqueles alunos façam o que os outros façam seja com for precisam de um currículo moderado, adaptado de acordo com a sua necessidade. Segundo a inclusão a escola é que se deve adaptar ao aluno e não o aluno a escola.

Entrevistador: (E) - Como se processa a matrícula e inscrição de crianças com NEE na escola regular?

Professor: (P3) - É uma matrícula normal. No início do ano é que os professores ou a direção da escola toma o conhecimento dessas crianças.

Entrevistador: (E) - Quem sinaliza a criança com NEE?

Professor: (P3) - Isto é, fazemos a matrícula, a turma é formada e o professor recebe a turma. O professor deteta que a criança tem NEE ele faz saber a direção da escola e o diretor da escola comunica a direção central e assim dão as suas diligências.

Entrevistador: (E) - Que apoios são assegurados?

Professor(P3) - Com toda a sinceridade não há apoio.

Entrevistador: (E) - Qual é o papel da família no processo da inclusão de alunos com NEE na escola regular?

Professor: (P3) - A família não se preocupa. Há muitas famílias com algum preconceito não vão querer enviar as crianças para a escola. Outros familiares enviam as crianças para a escola e toda a responsabilidade fica entregue à escola.

Entrevistador: (E) - Que estratégias são desenvolvidas para promover a participação da família no processo de inclusão?

Professor: (P3) - Não há nenhuma estratégia.

Entrevistador: (E): - Que necessidade de formação contínua se colocam aos educadores e professores perante a inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino?

Professor: (P3) - Há uma grande necessidade isto porque no ensino básico, em STP, todos os anos temos novos professores e maioria sai do liceu e nem a formação base têm para lidar com alunos com NEE. Agora os professores que estão no ESEC é que têm esta cadeira de NEE quem sabe e mesmo assim esta formação não é suficiente. Deveriam ter uma formação contínua.

Entrevistador:(E) - Acha que a formação contínua pode dar respostas às exigências de uma escola inclusiva?

Professor: (P3) - Esta formação vem ajudar porque falta de motivação, incentivo e este está muito pressionado e criança com NEE.

Entrevistador: (E) - Se sim, que temas gostaria de aprofundar na formação contínua para a inclusão?

Professor: (P3) - Áreas de expressões e multideficiência seria uma área excelente. **Entrevistador: (E)** - Agradeço então a sua disponibilidade, a amabilidade e colaboração para a entrevista. Darei depois o feedback desta, após a sua transcrição para conferir se está tudo correto.

Muito obrigada.

Protocolo da Entrevista Educadora

Data:27-04-2016

Hora: 8:30h

Entrevistador (E)

Educadora:(E4)

Entrevistadora (E) – Muito bom dia. Chamo-me Maria Izaura, neste momento encontro-me a frequentar o Mestrado em Problemas de Cognição e Multideficiência, na escola Superior de Educação de Lisboa. Estou a fazer esta entrevista no sentido de recolher os dados de opinião de educadores de infância e professores do 1º CEB de STP sobre a inclusão e conhecer as práticas que desenvolvem na sala de aula e as suas necessidades de formação.

Venho por este meio solicitar a sua colaboração para esta entrevista, todos os dados serão tratados de modo confidencial, sendo respeitado o anonimato da sua identidade. Vou pedir a sua autorização para gravar, tendo em conta a conversa que tivemos acho que tenho a sua autorização.

Educadora (E4) - Bom dia e é claro que tem autorização.

Entrevistadora - Como sabe, há uma legislação publicada em S.T.P, em 2003, que aponta a inclusão de alunos com NEE no ensino regular: O decreto lei nº2/2003, refere-se à inclusão de todos os alunos no ensino regular. O que pensa sobre este Decreto – Lei?

Educadora (E4) – Chegou em boa hora tendo em conta que as crianças antigamente que ficavam isoladas em casa, os pais nem sequer não punham na rua para as pessoas verem. Agora estão inseridas na sala de aula e está sendo tratada como uma criança normal, como se não tivesse problemas. Na sala de aula conversamos com todos alunos em jeito de alerta para tratar a colega sem preconceito. Acho que é uma boa ideia.

Entrevistadora- Como tem sido operacionalizada a aplicação deste decreto-lei nas escolas?

Educadora (E4) – Passa-se a informação de pessoas para pessoas. Quando estamos na escola conversamos com os alunos, não marginalizar, não bater e não pode estar isolada. Conversamos com os colegas para trocarmos experiência. Tenho uma aluna na minha sala com problemas. Começou a andar com dois anos e falou com três anos. Entrou este ano na escola. Tem neste momento cinco anos. Nasceu normal, mas não sabemos o que causou esse problema. Na sala não fala, só fala quando algo lhe corre mal. Ela só diz bateu, quando alguém lhe bate. Ela diz bateu e vai indicar quem lhe bateu. Não controla os esfíncteres. Em casa a mãe diz que ela canta um bocado com a mãe. Se a mãe canta ela diz errada. Ela segue tudo que lhe mandam fazer, mas não conversa. Aconteceu algo em casa e quando chegou a escola, esta levantou a bata e mostrou-nos onde foi magoada. Se pedimos a menina para ir ao quadro, ela vai imediatamente, mas não escreve nada só rabisca. Ela entende o que se pede, mas não fala. Cá na sala ela segue as ordens, segura bem o giz e os lápis, mas não fala. Ontem pedi que ela viesse à frente da sala para contar uma música, ela veio com

muita destreza e mexia os lábios, batia as palmas, fazendo de conta que cantava. Todos aplaudiram e ela ficou muito alegre. O primo caiu sobre ela e quando ela chegou à escola mostrou-nos através de gestos.

Entrevistadora – Em seu entender, o que é que os pais das crianças pensam sobre esta medida legislativa?

Educadora (E4) - Acham que é uma boa ideia. Porque tendo em conta que todas as crianças estão juntas e é muito vantajosa, são tratadas como uma criança normal. Na escola ela é tratada sem diferença. São todas da mesma espécie, ela é tratada de uma forma normal. Chamo sempre a atenção de todos para não baterem nela e terem cuidado para não a magoarem.

Entrevistadora - A inclusão de alunos com NEE é um processo exigente, que envolve mudanças. Já teve com certeza experiência de inclusão na sua sala de aula. Quais são, na sua opinião, os aspetos que poderão facilitar ou dificultar essa inclusão?

Educadora (E4) – Facilitar é o que eu estava a dizer conversar com todos os alunos, apresenta-la às outras turmas para a conhecerem e de terem cuidado com ela e fazê-los ver que ela é normal. A princípio ela não comia, mas agora ela come à vontade. Depois de estar em contacto com as crianças normais ela está a aprender muita coisa importante. Isolamento é um prejuízo na nossa vida elas não desenvolvem. Ela esta a aprender muito com os outros porque ela tem muitas dificuldades e está com os outros, assim ela esta a evoluir bastante.

Entrevistadora - Na escola onde trabalha, o que pensam os seus colegas sobre a inclusão dos alunos com NEE nas classes do ensino regular?

Educadora (E4) – Na minha escola toda a gente acha-lhe como ela como uma criança normal. Ela tem sido aceite por todos. Coloca-la em frente à turma perante os colegas e assim as coisas têm corrido normalmente.

Entrevistadora - Quais são as vantagens da inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Educadora (E4) - Eles observam e não dizem nada. Tentam a apoiar. a criança com NEE

Entrevistadora: E para os outros alunos?

Educadora (E4) - Eles vêm essas crianças com as outras. Numa ocasião os colegas andaram a fazer o trabalho para ela e eu disse para não fazerem. Agora ela faz os trabalhos sozinha e com muito gosto. Eles têm interagido bem com ela. Os colegas vão querer apoiar-la nos trabalhos. Todos brincam. Ela fica muito satisfeita. Ela interage bem com os colegas embora não falasse os colegas entendem-na.

Entrevistadora – O que é necessário mudar na escola para facilitar a inclusão de alunos com NEE?

Educadora (E4) - Tipos de salas, cadeiras. Inicialmente ela não andava, gatinhava. A escola era um hospital, no entanto não há condições para ser uma escola. Nessa escola não há nada adaptada para as crianças. Os bancos não são adaptados. Elas vão para o terreno baldio fazer as necessidades. Os alunos não têm casa de banho. Quando chove é que aproveitamos a água da chuva para casa de banho. Não há água canalizada. As empregadas têm que ir buscar a água canalizada.

Entrevistadora – Relativamente às práticas, como é que reagiu quando teve pela primeira vez, alunos com NEE na sala de ensino regular?

Educadora (E4) – Senti normal. Tive algumas aulas sobre as crianças com NEE e tenho estado a aplicar. Com algumas estratégias que aprendi nas aulas da professora na escola de formação, já consigo lidar um pouco com ela.

Entrevistadora – Atualmente tem alguma criança com NEE na sua sala de aula?

Educadora (E4) - Sim. Tenho uma aluna com NEE na minha sala. Esta aluna não tem iniciativa. Os adultos é que têm que a lembrar para fazer as necessidades. Ela quando tem necessidades ela não consegue tirar as cuecas e fazer cocó sem apoio. Temos muitas dificuldades em relação as casas de banho. Elas fazem as necessidades no bacio e se ela se sentar no bacio e não se levanta. As sanitas são grandes e não nada apropriado para as crianças da pré-escolar. Na escola não temos água.

Entrevistadora – Que estratégias utiliza na sala de aula no sentido de facilitar a inclusão da criança com NEE nas atividades?

Educadora (E4) - Uso muita conversa e diálogo com as crianças. Deveríamos fazer muitas atividades, mas não há materiais e nem água temos. Muitas vezes queremos fazer as coisas e não conseguimos fazer devido a falta de água. O que me admira tudo o que se fala ela entende e não fala.

Entrevistadora - Que dificuldades experimentou / experimenta perante a inclusão de alunos com NEE na sala de aula?

Educadora (E4) As maiores dificuldades são a falta de água e utilização da casa de banho.

Entrevistadora – E os seus colegas, como reagem à inclusão de alunos com NEE?

Educadora (E4) - Tenho um colega com conhecimento de crianças com NEE, mas não trocamos experiência.

Entrevistadora – Como se processa a matrícula e inscrição de crianças com NEE na escola regular?

Educadora (E4) – Não sei explicar. Quem faz matrícula é o diretor.

Entrevistadora – Quem sinaliza a criança com NEE?

Educadora (E4) – São os técnicos de saúde que andam de casa em casa para despistarem crianças com problemas.

Entrevistadora – Que apoios são assegurados?

Educadora (E4) – Não há apoios.

Entrevistadora – Qual é o papel da família no processo da inclusão de alunos com NEE na escola regular?

Educadora (E4) – A família da minha aluna é considerada normal e preocupa-se muito com o desenvolvimento da filha. Ela gatinhava, mas agora já anda, participa nas tarefas da escola. A mãe sente-se muito animada e satisfeita.

Entrevistadora – Que estratégias são desenvolvidas para promover a participação da família no processo de inclusão?

Educadora (E4) – A mãe sempre pergunta pela evolução da filha. É uma mãe interessada e presente.

Entrevistadora - Que necessidade de formação contínua se colocam aos educadores e professores perante a inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino?

Educadora (E4) - Fazer formação com todos educadores pelo menos quinze dias, nos meses de julho ou setembro. Cada ano que passa há sempre novidades.

. Entrevistadora - Acha que a formação contínua pode dar respostas às exigências de uma escola inclusiva?

Educadora (E4) – Sim. A menos que haja troca de experiência entre colegas já é um facto. Na escola onde trabalho só há uma colega com formação sobre a inclusão. Outras pessoas não posso dizer nada sobre elas. Onde eu trabalhava não tinha nenhuma criança com NEE. Havia tínhamos uma criança com deficiência nos pés (os pés virados) ele foi de junta médica. para Portugal. Quando este regressou à escola os colegas mudaram de atitude. Agora são muito amigos. Quando este falta as aulas os colegas sentem falta. Ele é um excelente aluno. Agora os colegas vêm-no como uma criança normal.

Entrevistadora - Se sim, que temas gostaria de aprofundar na formação contínua para a inclusão?

Educadora (E4) - Gostaria de ter formação sobre as crianças com NEE e também sobre a baixa visão.

Entrevistadora - Agradeço então a sua disponibilidade, a amabilidade e colaboração para a entrevista. Darei depois o feedback desta, após a sua transcrição para conferir se está tudo correto.

Muito obrigada.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA EDUCADORA

Data: 28-04-2016

Hora: 8h30m

Educadora: (E5)

Entrevistadora (E)

Entrevistadora - Antes de iniciáramos queria agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista bem como toda a colaboração que vai dar em todo este processo. Obrigada, e garanto-lhe o respetivo anonimato.

Educadora5 – De nada.

Entrevistadora - Como sabe, há uma legislação publicada em S.T.P, em 2003, que aponta a inclusão de alunos com NEE no ensino regular: O decreto lei nº2/2003, refere-se à inclusão de todos os alunos no ensino regular. O que pensa sobre este Decreto – Lei?

Educadora 5 - Na minha opinião eu acho que trouxe benefício porque são crianças que não podemos deixar em casa, embora tenham necessidades educativas especiais em casa abandonadas. Têm que estar inseridas no grupo de outras crianças num centro ou na escola. Elas devem estar em convívio com outras crianças, socializam-se, uma ou outra coisa qualquer fica, pode ser um bocadinho fica. Eu acho que é um decreto que vale a pena.

Entrevistadora- Como tem sido operacionalizada a aplicação deste decreto-lei nas escolas?

Educadora 5 – No meu caso como tenho uma criança com tipo deste comportamento, a princípio ele não começou assim. Eu não sabia que ele tem problemas. Como eu gosto de observar os meus alunos e observo sempre, na brincadeira, nas atividades do dia a dia, nas atividades recreativas estou sempre atenta. Reparei que parecia que ele tem qualquer coisa que não era normal. Qualquer criança que encosta nele sem querer ele reage brutalmente. Ele quando está sentado sem motivos nenhuns, levanta-se, provoca os colegas, mexe nos materiais dos outros e bate. O V. é um menino muito agressivo, por um pouco parte para agressividade. Ele reage muito agressivamente. Os colegas estão sempre a se queixar dele. Conversei com a minha colega que trabalha com ele no segundo período para ficar atenta aos comportamentos dele. No entanto ela também viu que existe algo fora de normal nele. Pensei em falar com a diretora da escola para ver se no processo dele consta alguma anomalia. A diretora leu e não viu nada. Ela assistiu a nossa aula e verificou que ele tem problemas. Não consegue estar quieto. Não presta atenção e realiza as tarefas. Falei com o avô acerca do seu comportamento, quando trouxe o V. de manhã. O avô disse que o pai faleceu recentemente e a mãe sofre de uma doença mental. O avô disse que em casa ele comporta-se muito bem. Nesse caso o avô foi

convidado para assistir a aula muito disfarçado e viu que o comportamento não era igual ao de casa. O avô ficou preocupado e levou o V. à consulta. Falei com o avô para arranjar um psicólogo. Este foi fazer uma pequena visita à escola e constatou que o V. não se comporta nada bem. Ele fez a observação da aula mais que uma vez.

Hoje estivemos a fazer uma um postal para o dia da Mãe. Ele disse que não em Mãe. Eu disse que fizesse um desenho da pessoa que vive em casa com ele. Que cuida dele. Assim ele fez um lindo desenho. Falei com o avô para arranjar um psicólogo. O avô conseguiu uma consulta com um psicólogo e este veio cá à escola assistir a aula e observar o comportamento do V. O aluno V. não é atrasado. Ele é inteligente. O problema é que ele se distrai muito e preocupa-se com tudo que está à sua volta, menos no que é essencial. Dificilmente fica quieto e atento. Para semana vamos falar sobre os meios de transporte públicos. Ele já está todo entusiasmado com a aula que se avizinha devido o avião.

Entrevistadora - Quais são as vantagens da inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Educadora 5- É bom que ficam inseridos na sala de aula com os alunos dito normais, porque pouco a pouco vão aprendendo qualquer coisa de bom. Assim o comportamento pode melhorar.

Entrevistadora – Em seu entender, o que é que os pais das crianças pensam sobre esta medida legislativa?

Educadora 5 - Eu não sei que conhecimento eles têm. Não sei também se os pais sabem desta medida. Eles podem pensar o seguinte: isto não dá em nada, não deve ir à escola. Nós estamos a puxá-los para os trazer à escola. Procurar ajuda, diversificar a metodologia para melhorar o seu problema. Há algo que o impede de trabalhar devidamente.

Entrevistadora - Na escola onde trabalha, o que pensam os seus colegas sobre a inclusão dos alunos com NEE nas classes do ensino regular?

Educadora 5 - Quando ele começou a princípio havia vozes que diziam: para quê se preocupar com esta criança. A opinião varia de colega para colega. Quem tem amor a profissão pensa de maneira diferente. Um bocado de tempo que tenho no fim da aula eu ajudo o V. Individualmente. Se não houver uma sensibilização, nas reuniões procurar temas sobre alunos com necessidades educativas especiais. Em conversa com colegas, quando me queixo porque não sei o que fazer com essa criança. Colegas dizem-me para quê preocupar. O avô disse que ele tem a consulta marcada para o dia 25 de maio de 2016.

Entrevistadora - Quais as vantagens da inclusão para os alunos com NEE?

Educadora 5 - As vantagens de inclusão é que eles se socializam e interage uns com os outros nas brincadeiras e na sala.

Entrevistadora - E para os outros alunos?

Educadora 5 - As crianças consideradas normais nem todas dão conta do comportamento dele. Quando ele exagera queixam-se. Como são pequenos não avaliam certos comportamentos. Os colegas até tentam imitá-lo.

Entrevistadora - O que é necessário mudar na escola para facilitar a inclusão de alunos com NEE?

Educadora 5 - A escola como é nova tem rampa para facilitar a deslocação dos alunos.

Entrevistadora - Relativamente às práticas, como é que reagiu quando teve pela primeira vez, alunos com NEE na sala de ensino regular?

Educadora 5 - Quando dei conta do comportamento do V. fiquei assustada e muito preocupada. Eu nunca tive aluno assim. Já tive aluno com síndrome de Down. Com o problema de V, nunca tive. Fiquei sempre a observar com preocupação e levo essa preocupação para casa. Disse isso a minha mãe em casa porque não sei o que fazer. O avô já falou com o médico, vamos ver que soluções hão- de arranjar. Eu gostaria de acompanhar esse menino e vou estar em sintonia com o avô. A minha grande preocupação é de ele passar da pré escola para a primeira classe. Aqui estamos num meio pequeno e está difícil resolver e quando for para primeira classe como é que vai ser?

Digo sempre ao V. todos já fizeram o seu trabalho falta a ti. Vamos fazer agora. Com incentivo e apoio ele tenta realizar os seus trabalhos atrasados. Todo mundo já fez. É preciso muita paciência para dar volta a situação. Ele faz recados. quando não entende volta a perguntar e acaba por fazer.

Entrevistadora - Atualmente tem alguma criança com NEE na sua sala de aula?

Educadora 5 - Neste momento tenho dois alunos. Um deles tem deficiência auditiva. É a primeira vez que vem à escola. Só falava por gestos. O aluno esteve integrado na unidade de surdos. A mãe viu que lá a criança não evoluía, decidiu coloca-lo na escola regular. Quando dei conta que a criança não ouvia falei com a mãe e ele disse-me que na realidade a criança tinha problemas. A criança foi submetida a uma pequena cirurgia e evoluiu bastante. deixou de comunicar por gestos. Já comunica bem com os colegas e com adultos.

Entrevistadora - Que estratégias utiliza na sala de aula no sentido de facilitar a inclusão de alunos com NEE nas atividades?

Educadora 5 - Ele realiza as suas tarefas depois dos colegas. Ele não faz no momento que os outros fazem. Digo-lhe tens que fazer agora ao pé de mim. Ele faz pequenos recados.

Entrevistadora - Que dificuldades experimentou/ experimenta perante a inclusão de alunos com NEE na sala de aula?

Educadora 5 -Tenho tido algumas dificuldades em trabalhar com esta criança. Conversei com o avô. O avô decidiu pedir ajuda a um psicólogo.

Entrevistadora - E os seus colegas, como reagem à inclusão de alunos com NEE?

Educadora 5 - Os meus colegas acham que eu me preocupo bastante com esta criança. Acham que não vale a pena trabalhar para mudar o comportamento desta criança.

Entrevistadora - Que estratégias desenvolvem na sala de aula?

Educadora 5 - Na verdade, ele perturba a sala. Trabalhamos vários temas com a higiene, os órgãos da soberania, a bandeira. De manhã quando ele chega, saúda a todos. uns minutos depois ele começa a esconder-se debaixo da mesa, virar a cambalhota distrair os outros. A sala fica agitada.

Entrevistadora - Que alterações teve que introduzir na sua prática diária decorrentes da inclusão de alunos com NEE?

Educadora 5 - A sala faz muito eco, deveríamos ter maior espaço. Coloco esta criança ao pé de mim. Muitas vezes ele foge para fora da sala. O V. já tem a consulta marcada, para dezembro.

Entrevistadora - Como se processa a matrícula e inscrição de crianças com NEE na escola regular?

A matrícula é feita, através de uma ficha de inscrição. Na ficha de inscrição costuma vir assinalada os problemas da criança-

Entrevistadora - Quem sinaliza a criança com NEE?

Quando fazem a matrícula os familiares mesmo sabendo que a criança padece de um mal não deixam registado nada na ficha de inscrição. Umhas vezes são os educadores no decorrer do ano letivo outras vezes são os pais.

Entrevistadora - Que apoios são assegurados?

Não há apoios.

Entrevistadora - Qual é o papel da família no processo da inclusão de alunos com NEE na escola regular?

Educadora 5 - A família colabora bastante connosco, quando algo corre mal contactamos a família.

Entrevistadora - Que estratégias são desenvolvidas para promover a participação da família no processo de inclusão?

Educadora 5 - Fazemos reunião de pais.

Entrevistadora - Que necessidade de formação contínua se colocam aos educadores e professores perante a inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino?

Educadora 5 - Há necessidade de formar professores e educadores, para trabalhar com crianças na área das necessidades educativas especiais.

Entrevistadora – Acha que a formação contínua pode dar respostas às exigências de uma escola inclusiva?

Educadora 5 - Acho sim.

Entrevistadora - Se sim, que temas gostaria de aprofundar na formação contínua para a inclusão?

Educadora 5 - Gostaria que abordassem temas como baixa visão, hiperatividade e necessidades educativas especiais.

Entrevistadora - Agradeço então a sua disponibilidade, a amabilidade e colaboração para a entrevista. Darei depois o feedback desta, após a sua transcrição para conferir se está tudo correto.

Muito obrigada.

**ANEXO E. GRELHAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS
+ENTREVISTAS REALIZADAS A EDUCADORES E PROFESSORES**

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA P1

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	Fr.
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação	S/ explicitação	O Decreto-Lei sobre a inclusão tem vantagens	“Vantagens de ter essas crianças na sala! “Sim, há vantagens”	2
		É importante a inclusão de todas as crianças	Decreto-Lei nº2/2003 assinalou o início de inclusão de crianças	“Sobre o Decreto-Lei 2003, eu penso que, o sistema como estava no início de inclusão de crianças,”	3
		Criação de condições para inclusão de crianças com NEE no ensino regular	Arranjar condições para incluir as crianças com NEE.	“Criar condições para essas crianças.”	1
			Como incluir as crianças com NEE	“Como incluir?” Só se ditou incluir,”	1
			Tratamento especial de acordo com a necessidade de cada criança	“Cada necessidade, tem um tratamento especial.”	1
		Dá informação aos pais sobre a inclusão	Alguns pais têm conhecimento sobre a inclusão.	“Sim, alguns pais até conhecimento têm sobre a inclusão”	1
		Permite aprofundar os conhecimentos sobre a inclusão	O professor deve estar habilitado para receber as crianças com NEE	“De modo que o professor possa estar pronto para receber essas crianças. Eu penso que o professor tem que estar mais capacitado para ele saber lidar com problema de inclusão dessas crianças.”	1
		Contribui para o desenvolvimento global da criança	Contribui para o desenvolvimento intelectual, psíquico e físico da criança.	“Porque vai contribuir para o desenvolvimento intelectual, psíquico e físico dessa criança.”	1
			Os colegas transportam a colega ao colo para a sala.	“Por vezes são os colegas que transportam a cadeira para a sala.”	1

		Promove a aceitação da criança com NEE pelos pares.	As crianças aceitam os colegas com NEE.	“E para as outras ditas normais que não têm necessidades é uma forma de ver outras e aceitar o outro que têm dificuldade,”	2		
				“Ver o outro como uma pessoa normal que tem capacidade para realizar certas atividades que elas também desenvolvem.”	1		
		Promove a comunicação e a socialização	Dá mais oportunidade de comunicar e interagir com o meio envolvente. Mais capacidade de comunicação e participação na vida escolar	“Porque muitas vezes ela está no seu meio, ela não tem contacto com outras crianças	1		
				“Mas se ela estiver no meio escolar com outras crianças ela vai poder falar interagir e sentir – se mais à vontade mais acolhida”	1		
	Assegura a igualdade de oportunidades.	Ajuda as crianças a sentirem iguais aos seus colegas.	“Para as crianças com NEE é uma forma de ela se interagir com outras crianças, quando está no meio escolar sentir-se normal como as outras”	1			
			Concordância atribuída à comunidade educativa	A aceitação da inclusão escolar por parte dos pais	Os pais têm trazido os seus filhos à escola	“Eles devem trazer as suas crianças com necessidades para escola”	1
					Os pais já se sentem mais livres	“E começam a trazer as suas crianças para a escola, então, os pais já começam a sentir-se mais livres. Mas hoje, estão um pouco mais abertos	1
	Os pais é que trazem as crianças com NEE às escolas.	“Muitas vezes são os pais é que trazem essas crianças às escolas.”			1		
	A matrícula é feita muitas vezes da iniciativa dos familiares	“A matrícula dela na escola muitas vezes é da iniciativa dos familiares,”			1		

			A família manifesta boa vontade, mas não tem informações suficientes para intervir.	“A família manifesta boa vontade, mas não tem informações suficientes para intervir.”	1
Concordância com reservas	Preconceito de alguns pais face à inclusão		Receio de os filhos não serem aceites na escola.	“Têm receio de falar que eu tenho criança com necessidades, que elas poderão não ser aceites na escola “	1
			Pais escondiam as crianças com NEE	“Porque antes os pais escondiam as crianças com necessidades”	1
Discordância com a legislação	S/ explicitação		Falta alguns pontos a serem trabalhados	“Faltou ainda alguns pontos a ser mais trabalhados “	1
	Por falta de preparação do professor		Os professores desconhecem o Decreto-lei.	“Muitos professores não têm conhecimento desse decreto,”	2
				“O professor não sabe desse Decreto-Lei.”	
			Não sabe o que caracteriza as crianças com NEE.	“Só sabe que se está a falar de crianças com necessidades educativas especiais, receber essas crianças”.	2
			O professor não sabe lidar e nem está preparado	“O professor não sabe como lidar porque não foi preparado para trabalhar com estas crianças.”	1
			Era necessário sensibilizar o professor sobre a aplicação do Decreto-Lei.	“Sobre a aplicação desse decreto-lei nas escolas, era necessário sensibilizar o professor,”	1
Os professores têm dificuldades acrescidas		A criança com NEE atrapalha muito o trabalho de outras crianças.	“Porque dependendo da necessidade que as crianças têm, ela atrapalha muito o trabalho de outras crianças.”	3	

	na intervenção com alunos com NEE	O professor tem receio de ter uma criança com NEE.	“Porque um ou outro têm receio de ter uma criança com necessidade”	1	
		Os professores teriam outra visão diferente	“Eles teriam outra visão diferente “	1	
		O professor não sabe lidar com alunos com NEE.	“Então o professor sente assim porque não sabe com lidar com essas crianças,”	1	
			“Eu não sabia lidar com essa criança”	1	
	Ausência de implementação prática da lei	Não foi planeado na lei 2003 como incluir estas crianças.	“Não foi detalhado nesta lei 2003 como incluir estas crianças.”	1	
		Falta de condições de trabalho	Condições de trabalho para incluir crianças com NEE	“Também pode ser uma dificuldade para essa criança.”	1
		Falta de recursos materiais e equipamentos	O professor precisa de materiais didáticos para deficientes visuais.	“Outro aspeto são os materiais a serem usados, se nós não temos materiais por exemplo para as crianças que têm dificuldades visuais,”	1
	São necessários equipamentos adequados		“Nós não temos materiais próprios, não vai facilitar a inclusão dela na escola.”	1	
			“Então todo esse conjunto de materiais, meios de acesso poderão dificultar a criança assim como facilitar.	1	
			“Se tiver um problema visual tiver lá uma máquina braille para poder escrever, então vai facilitar a inclusão dela na escola.	1	

	Falta de adaptações dos edifícios escolares	Falta de condições de acesso na escola.	“É um conjunto de condições que vai favorecer a criança na inclusão. Ah..., dependendo da necessidade que a criança apresenta pode ser as condições de acesso para essa criança chegar até a escola ou movimentar mesmo dentro da escola.”	1	
		É mais difícil movimentar-se nas escolas onde não haja rampas.	“Uma escola com rampa, coisas para conseguir movimentar é mais fácil incluir,”	1	
		Inexistência de acesso adaptado à sala.	“A escola não tem rampa.”	2	
		O pátio da escola é de terra batida. Quando chove fica ensopado.	“o pátio da escola é terra, abatida, quando chove fica todo alamaçado.”	1	
		Dificuldade em transportar o carinho para a turma.	“Então é difícil trazer o carinho dessa menina para a turma “	1	
		É uma das dificuldades de acesso para a sala de aula.	“É difícil para ela porque é uma das coisas que dificultam”	1	
		A aluna com dificuldade motora anda de gatas.	“Ela anda de mão e joelhos no chão. “Para chegar a turma dela tem degraus, são tantas coisas que não facilitam.”	1	
		Mesmo assim ela vai à escola.	“Mesmo assim ela vai à escola.”	1	
	Discordância atribuída aos professores	Falta de respostas adequadas na escola e na sociedade	A escola tem tantas coisas para fazer	“A escola tem tantas coisas para fazer!... Vou focar no que é essencial”	1
				“A escola por si só não consegue”	1
			É preciso um trabalho conjunto das entidades.	“Então precisa um conjunto de sociedade, entidades aí que poderão ajudar.”	1
			Não só na escola como em toda a sociedade”	1	

		Inexistência de apoios	Não têm apoios.	Não têm apoios nenhuns	1
Percepção sobre as práticas de Inclusão de alunos com NEE	Reações iniciais face aos alunos com NEE	Insegurança inicial	Inicialmente era difícil	“No início já era difícil”	1
			É uma experiência nova antes de ter uma formação.	“Porque é uma experiência nova e antes de ter formação,”	1
			Com experiência, já consigo lidar melhor com criança com NEE	“Com o tempo e experiência, já consigo lidar melhor com criança com NEE.”	1
		Aceitação	Eu tive um aluno deficiente.	“Muitos anos atrás tive um menino deficiente mesmo.”	1
			Há um menino que frequentemente padece de epilepsia.	“É assim, há um menino que constantemente tem desmaio, epilepsia”	1
			Os professores reagem bem e necessitam de experiência de inclusão	“Meus colegas reagem bem, mas necessitam de experiência para lidar com essas crianças”	1
	Reações atribuídas a outros docentes	Falta de sensibilização para a problemática	Se os colegas tivessem conhecimento sobre a prática. inclusiva, se fossem sensibilizados	“Ummm... Isso é uma pergunta é muito subjetiva, ela é pessoal, mas, penso que se os colegas tivessem conhecimento, se fossem sensibilizados”	1
			Se tivessem conhecimento como lidar com essas crianças.	“Ou tivessem conhecimento como lidar com essas crianças,”	1
		Receio	Receio da parte dos colegas.	“Então ele fica pouco receado”.	1
		Dificuldade na intervenção com alunos com NEE	Os professores teriam outra visão diferente	“Eles teriam outra visão diferente “	1
			O professor não sabe lidar com alunos com NEE.	“Então o professor sente assim porque não sabe com lidar com essas crianças,”	2
				“Eu não sabia lidar com essa criança”	

Perspetivas sobre práticas atuais de inclusão	Aquisição de competências decorrente da experiência profissional	Com experiência, já consigo lidar melhor com criança com NEE.	“Com o tempo e experiência, hoje já consigo lidar melhor com crianças com NEE,”	1
		Não a deixar sozinha a trabalhar	Não a deixar sozinha trabalhar”	1
	Implementação de novas estratégias de ensino e aprendizagem aos alunos.	As crianças com NEE precisam de um acompanhamento individualizado.	“Há crianças que é preciso estar mais em cima, tem que lhe dar toda a atenção, dar-lhe sempre algo para fazer.”	1
		O professor coloca sempre perto de si	“Normalmente as crianças que têm necessidades o professor coloca sempre perto de si, ou seja, mais perto do professor”	1
		As crianças com NEE necessitam de mais atenção.	“Porque elas necessitam de mais atenção, enquanto os outros colegas trabalham.”	4
	“Toda atenção é virada para ele, falar com ele dar-lhe sempre alguma coisa para fazer. Passar alguma coisa no caderno para fazer, assim ele fica mais quieto.		3	
	Utilização do reforço positivo	O aluno trabalha de acordo com o seu ritmo de aprendizagem.	“Ela vai ficar a fazer até onde ela puder fazer.”	1
			“A aprendizagem dela é onde ela consegue fazer e onde consegue ir”.	1
		O professor elogia o trabalho que o aluno faz.	“É uma forma de estimular ela, elogiar	1
			“O trabalho que ela faz”	1
		Elogio	“Mas elogiar muito o trabalho que ela faz.”	1
	Esta é a maneira que eu lido com esta criança.	“Então é uma forma, é mais ou menos isso que tenho lidado”	1	

		Desenvolvimento de trabalho colaborativo e de equipa	Já consigo encarar essa situação.	“já consigo encarar essa situação”	1
			Troco experiência com a minha colega.	“A minha colega como tem uma criança com problemas e muitas vezes quando la vou trocamos experiência.”	1
			O professor já consegue lidar com o aluno e trata-lo de uma forma diferente	“Lidar de uma forma diferente.”	1
			Aplico estratégias específicas	“Então quando eu vou à aquela turma, é uma turma que vou sempre. Eu tento estar sempre conversar com ele falo com ele para mante-lo calmo para acalmar tem que se pedir: fica quieto, porta-te bem.”	1
	Imagem sobre o aluno com NEE	Imagem positiva do comportamento do aluno	As crianças com NEE na interação com os outros têm capacidades de realizar certas atividades.	“Elas têm necessidades diferentes e têm capacidades de realizar certas atividades”	1
				“Que só na interação com outras crianças elas poderão desenvolver mais essas capacidades”	1
			O aluno entende o que o professor diz, segue as ordens e escreve.	“Faz tudo o que o professor pede entende o que o professor diz e escreve”	2
				“Escreve mais ou menos. Aparentemente está tudo normal.”	1
		Imagem negativa do comportamento do aluno	Ele é agitado e um pouco agressivo	“Ele é agitado e um pouco agressivo”	1
			O aluno bate nos colegas e interrompe a aula	“Quer bater nos colegas”	2
				“Bate sempre nos colegas.”	1
				“Interrompe, é uma inquietação.”	2

	Imagem negativa face à aprendizagem		O aluno fica atrapalhado e não consegue sentar-se por muito tempo.	” Fica assim atrapalhado, não consegue sentar por muito tempo”	1
			O aluno só dorme na escola.	“Quando chegam à escola só sabem dormir,”	1
			O aluno não fala, só faz gestos com a cabeça.	“Não falem só sabem fazer gestos com a cabeça, mas não fala”	1
			É um trabalho paralelo as outras crianças.	“O trabalho com elas, mas nem tudo é igual é um trabalho paralelo as outras crianças, porque têm necessidades diferentes,”	1
			É um trabalho muito lento	“Então é um trabalho mais lento em relação às outras crianças”	1
	Dificuldade na identificação/ sinalização de alunos com NEE	Responsabilização de Instituições Estatais	O estado faz campanha para identificar crianças com NEE	“Quem sinaliza a criança com NEE, acho que é o estado que vai identificar”	1
		Responsabilização do Centro de saúde	Através do centro de saúde, identificar que problemas elas têm.	“Faz campanha para identificar crianças com NEE através do centro de saúde, identificar que problemas elas têm.”	1
Necessidades de Formação de professores	Falta de formação no âmbito das NEE	S/explicitação	Sim. Há necessidade de fazer a formação.	“Sim. Há necessidade de fazer a formação”	1
		Ao nível da formação contínua	É necessária formação contínua	“Então é necessária formação contínua”	1
		Ao nível da formação inicial	Cada professor age de maneira intuitiva.	“Por vezes cada professor age de maneira intuitiva.”	1
			Aquisição de conhecimento	“Sim ter um padrão porque a maneira como ele age, um comportamento de conhecimento que é normal, uma norma”	1

		De acordo com as 63.//necessidades do professor	Dependendo das necessidades encontradas na prática pedagógica.	“Dependendo das necessidades que surgem aparecem na escola, seria ela ter”	1
			Formação contínua relacionada com a surdez e baixa visão...	“Formação contínua como surdez, baixa visão. A formação seria basicamente nestas duas vertentes.”	1

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA P2

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades De Registo	Fr
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação publicada	S/explicação	É benéfica a inclusão de todos na escola.	“Eu acho que é uma boa ideia de ter toda criança na escola.”	3
		Garante o acesso a todos à escola	A legislação é importante porque todas as escolas têm esses tipos de alunos.	“Eu acho que todas as escolas têm esses tipos de alunos”	1
			Meus colegas estão de acordo que venham todos à escola.	“Meus colegas têm a mesma ideia que eu. Devemos receber esses alunos, só isso. Ninguém está livre disso. Se hoje rejeitamos os filhos dos outros, quem sabe amanhã seremos nós a ter uma criança com problemas ou um familiar nosso.”	1
				“Toda a gente está de acordo para que todos venham à escola.”	1
		Condições para incluir todos os alunos.	Criar condições para receber os alunos com NEE	“Devemos criar condições para receber esses alunos”.	5
			Temos na sala alunos com limitações visuais, auditivas e alunos dito normais.	“Nós temos aqui na sala por exemplo alunos com problemas de audição, visão, com crianças normais todas aqui na sala.”	3
		Permite uma organização do espaço na sala de aula	Coloco o aluno perto do quadro para um apoio mais personalizado	“Tenho na minha sala um aluno com problemas de visão tenho que o colocar à frente da sala de aula.”	1

Concordância atribuída à comunidade educativa	Promove a socialização entre os pares	As crianças socializam-se.	“Tem vantagens porque ao saírem de casa, convivem com outras crianças e já não estão lá fechados só eles com os seus problemas”	1
		Mesmo com problemas ajudam-se mutuamente.	“É uma diferença e ajuda bastante. Mesmo com problemas ajudam, mas ajudam entre aspas.”	1
	Promove a comunicação	Fazem novas amizades.	“Esses alunos saem de casa, convivem com outras crianças, vão conhecer pessoas novas, fazem novas amizades e tudo isso ajuda.”	1
	S/ explicitação	A inclusão dos filhos à escola é bem aceite pelos pais.	“Os pais acham que é uma boa ideia. a inclusão de crianças com NEE.”	1
	Responsabilização da escola	Os pais sentem seguros em deixar os seus filhos sob a responsabilidade da escola e dos professores.	“Porque é menos trabalho para eles. Se eles têm que sair de casa e deixar alguém para cuidar desses meninos em casa, agora já não é preciso arranjar alguém para cuidar deles “	2
	Responsabilização do professor	Os professores aceitam os alunos	“Agora já não precisam disso, entregam cá na escola e o problema é do professor com estes alunos.”	3
	Reconhecimento do trabalho do professor	Alguns pais reconhecem o trabalho feito na escola.	“Uns pais dão atenção, passam pela escola, perguntam o que é preciso e outros só agradecem, obrigado por ter recebido a minha criança e o resto é com o professor”	1
	Colaboração com a escola	Alguns pais colaboram com a escola. Os pais vão para escola receber a avaliação dos seus filhos.	“Durante a avaliação não entregamos a avaliação para a casa. Os pais que querem saber como os seus filhos estão na escola, têm que vir	1

				cá receber a avaliação. Quando vierem nós descrevemos a situação da criança.”	
Concordância com reservas	Há necessidade de informação sobre os alunos	Não há informação sobre os alunos com NEE	“Temos muitos alunos com NEE. Ninguém diz nada acerca deles.”	1	
	Falta de apoio ao professor para trabalhar com alunos com NEE	Não há orientações para trabalhar com alunos com NEE	“Mas como eu disse, novidades, dizer que vamos fazer isso para esses alunos nunca vi, vamos fazer de tal forma, de tal forma, pelo menos nunca vi”	1	
		Ninguém tem opinião sobre os alunos com NEE.	“Mas eles têm estado, com todos tipos de alunos, uns com problemas”.	1	
		Existe muitos alunos com diferenciados problemas na sala de aula.	“Eles têm estado com problemas de visão, audição, comportamento. Só aleijados que não vi.”	1	
Discordância face a legislação sobre a inclusão	Necessidade de turmas especiais	Os alunos com NEE deveriam tem uma turma especial.	“Assim nessa mistura não dá e com todos os alunos que têm problemas de visão e audição deveria arranjar uma sala só para eles, uma turma especial”	1	
	Necessidade de escolas especiais	Os alunos com NEE deveriam estar numas escolas especiais.	“De uma forma geral são de opinião que se arranje uma escola para eles.”	3	
	Dificuldades acrescidas na intervenção do professor	Dificuldade em dar resposta aos alunos com NEE	“Acho que uma pessoa não consegue dar conta de tudo isto, esse tem um problema, outro tem outro problema.”	3	

		Dificuldade na gestão do tempo	Dificuldade em gerir o tempo	“Temos planos a cumprir e não nos resta tempo para trabalhar com estes alunos. E não há tempo para tudo isso	1
			Inclusão é um trabalho exigente.	“Eles exigem mais cuidado, mais paciência, mais tempo para um trabalho individual.”	2
		Excesso de alunos por turma.	O número elevado de alunos por turma	“Os aspetos que dificultam excesso de alunos na sala “	2
		Inexistência de apoios	Não têm apoios.	“Nada de apoio”	1
Perceção sobre práticas de inclusão	Reações iniciais face aos alunos com NEE	Aceitação	Os professores reagem bem e necessitam de experiência de inclusão.	“Reagi normal, eu recebi como recebi todos. Tenho-os na sala como normal. Na turma quando alguém diz: eu não estou a ver bem, troco de lugar”	1
		Aceitação associada à experiência	Com experiência, já consigo lidar melhor com criança com NEE.	“Ajudo mais, converso com colegas para lidar com eles todos. Somos todos iguais. Na minha turma não há diferença e eu não aceito. Graças a Deus”.	1
			O professor já consegue lidar com o aluno e trata-lo de uma forma diferente	“Não desprezar esses alunos, trabalhar com eles como se fossem normais e pedir sempre ajuda da direção ou de outros professores quando houver dificuldades”	2
		Implementação de estratégias específicas de ensino e aprendizagem	Colocação do aluno próximo do professor.	“Coloco o aluno com dificuldade à frente da sala para poder estar mais perto de mim e para ele poder ver melhor o quadro”.	2

			Apoio/ avaliação individualizada	“Para ver se estão a revelar dificuldade ou se não estão a perceber, faço uma pequena avaliação, vou ao pé deles, ando de carteira em carteira, tiro dúvidas individuais para aqueles que têm dificuldades, eu torno a pergunta mais clara possível de um tema dado para eles e eles vão chegar lá”.	3
				“Os meus alunos apresentam dificuldades mais assimilam algum conteúdo”	2
	Dificuldade na identificação /sinalização de crianças com NEE	Responsabilização do Professor	O professor faz algumas perguntas à família para identificar problemas.	“Perguntamos aos pais o estado de saúde das crianças. Se há algum problema. Há um formulário para preencher sem ser isso faz-se uma matrícula normal.”	1
		Iniciativa da família	A matrícula é feita muitas vezes da iniciativa dos familiares	“Normalmente como todas as crianças. Uma matrícula normal.	1
			A família manifesta boa vontade, mas não tem informações suficientes para intervir.	“Alguns familiares perguntam como estão e pedem ajuda. Outros nem passam na escola.	1
Necessidades de Formação	Falta de formação no âmbito das NEE	S/ explicitação	Sim. Há necessidade de fazer a formação.	“Sim. Há necessidade de fazer a formação.”	1
		Ao nível da formação inicial	A formação de base é insuficiente.	“Nós temos uma disciplina na nossa formação de base, mais ao longo do período escolar deveria haver mais.”	1
		Ao nível de formação contínua	Formação contínua relacionada com a baixa visão.	“Aprofundar temas sobre a baixa visão dado que tenho um aluno com baixa visão na turma.”	1

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA P3

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades De Registro	Fr.
1.Percepção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação publicada	S/ Explicitação	O início do decreto-lei nº2/2003.	“Sobre o decreto-lei 2003, eu penso que, o sistema como estava no início de inclusão de crianças,”	3
		Criação de condições para a inclusão de crianças com NEE no ensino regular	O país definiu a lei nº2/2003 de inclusão	“Tendo em conta o grupo dessas crianças que nós temos.”	2
			A legislação é importante porque tenho estado a trabalhar com essas crianças.	“Mas no meu ponto de vista como professor, tenho estado a trabalhar com essas crianças nesta situação”.	1
			A lei necessita de ser efetivada.	“Uma vez que há lei essa lei tem que ser efetivada” “Digo isto para que esta lei seja efetiva falta algo”	2
		Adesão do País a princípios educativos da inclusão	A Lei foi definida porque o país pertence a CPLP	“Bem eu vejo o seguinte: tendo em conta a lei que foi implementada, isto porque o país pertence uma comunidade temos CPLP”,	1
				“Temos PALOP,”	1
			O país aderiu aos princípios de Dakar	“Então houve uma conferência que é Dakar, então nós abraçamos os acordos e as decisões que saíram do Dakar,”	2
		Professores têm a obrigação de intervir com NEE	O governo e o ministério têm implementado novos projetos sobre a inclusão de crianças com NEE	“Costumamos aí a ver novos projetos que o governo e o ministério tenta implementar”	1
			A lei exige que os professores não desprezem os alunos com NEE.	“E posso dizer que há uma exigência, de modo em que os professores não desprezem esses alunos,”	1
			Há pressão no sentido de trabalhar com alunos com NEE.	“Sentimos uma pressão que devemos tratar desses alunos”.	1

				“E está muito pressionado e criança com NEE.”	1
	Assegura a igualdade de oportunidades	As vantagens da inclusão é garantir acesso de todos à escola.		“As vantagens é fazer com que vamos ter menos crianças fora do sistema. Assim há menos crianças na rua.”	2
			Todos aprendem alguma coisa na escola	“Algumas coisas aprendem mesmo que têm NEE”	1
		Podem aprender de acordo com as suas necessidades		“Tendo em conta a inclusão, queremos que aqueles alunos façam o que os outros façam “	1
				“Mais capacidades noutros domínios Assim há menos crianças na rua.”	2
		Responde a necessidades das famílias	Receio inicial dos pais em integrar os filhos.	“Digo isto porquê, porque no início os pais sentem receios de colocar os filhos nas escolas tendo em conta os problemas que eles têm “	3
	Os pais querem ver bem os seus filhos		“Os pais, é claro que todos os encarregados de educação que têm criança nesta situação querem ver alguma coisa que vem em benefícios dos seus filhos.”	2	
Concordância atribuída à comunidade educativa	Responsabilização total da escola face à inclusão	Toda a responsabilidade fica entregue à escola	“Outros familiares enviam as crianças para a escola e toda a responsabilidade fica entregue à escola”	1	
Concordância com reservas	Receio / preconceito de alguns pais face à inclusão	As famílias não enviam os filhos para a escola.	“Há muitas famílias com algum preconceito não vão querer enviar as crianças para escola”	1	
		A família não se preocupa.	“A família não se preocupa.”	1	
		Os pais dependem dos professores	“Os pais também estão a depender dos professores	1	

	Atitude dos professores influencia a decisão dos pais	“Os pais sentem receio de colocar os seus filhos na escola.	” Mas se os professores encorajam os pais é claro, os pais enviam os seus filhos à escola e sentem-se mais seguros.”	1	
		Os pais ficam seguros quando os professores encorajam a inclusão dos seus filhos na escola.	Se os professores não sentem motivados os pais ficam retraídos em deixar os seus filhos à responsabilidade	3	
		Falta de motivação dos professores influenciam a atitude dos pais.			
		Falta de motivação dos professores inibe a decisão dos pais em colocar o seu filho na escola			
	Discordância com a legislação	Professores não aceitam inclusão	Os professores questionam sobre a inclusão de alunos com NEE	“Não são todos que aceitam.”	2
		Os professores têm dificuldades acrescidas na intervenção	O aluno com NEE atrapalha o trabalho do professor. Os alunos com NEE atrapalham.	“Nem todos aceitam. “Os alunos com NEE atrapalham.”	2
		Os alunos não aceitam inclusão	Os alunos não aceitam os colegas com NEE.	”. Riem. No caso de intervalo tentam deixar de lado os colegas”	2
		Ausência de currículo adaptado	O currículo que temos não está adaptado as crianças com NEE.	“Porque nós temos um currículo”	2
				“Embora temos não o vemos o currículo direcionado para esta criança.	
			Falta de um currículo adaptado constitui um constrangimento para o trabalho do professor.	“É claro que ele vê como fosse um constrangimento para o seu trabalho, pois precisam de um currículo moderado, adaptado de acordo com a sua necessidade”	4

		Professores não aceitam inclusão	Os professores questionam sobre a inclusão de alunos com NEE	“Não são todos que aceitam.”	2
		S/ explicitação	Falta implementar a lei. Falta algo.	“Implementamos a lei, mas não criamos a base”	1
				“Mas na prática não se encontra nada. Na prática não se vê.”	2
		Falta condições de trabalho	A inclusão é uma prática nova em STP	“Em STP, embora estamos na inclusão é um caso novo”	1
			Falta de condições de trabalho com alunos com NEE”	“Porque falta condições de trabalho para que essa lei ser efetivada”	1
			“Esse é o problema que temos aqui em S.T.P.”	1	
		Falta de adaptações dos edifícios escolares	Falta de condições para implementar a lei.”	“As salas não estão preparadas para esse efeito”	1
			Falta de adaptações nos edifícios escolares”	“Na escola não temos essa inclusão”	1
			As salas de aulas não estão preparadas para inclusão.	“Mas de todos projetos, não vemos as escolas adaptadas para esse fim.”	1
			As escolas não estão adaptadas para implementar os projetos.	“Segundo a inclusão a escola é que se deve adaptar ao aluno e não o aluno a escola.”	1
			A escola deve adaptar -se ao aluno e não o aluno a escola.	“Para assegurar a inclusão o professor precisa de materiais didáticos,”	2
		Falta de equipamentos e recursos materiais	São necessários equipamentos próprios	“Carteiras apropriadas, nas salas de aulas dependendo da necessidade que o aluno trás.”	2

		Desconhecimento de estratégias específicas	Não há estratégia.	“Não há nenhuma estratégia.”	1
		Inexistência de apoio à família	Não há apoio.	Com toda a sinceridade não há apoio.	1
2.Percepção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE	Reações iniciais face aos alunos com NEE	Receio inicial	Tive um aluno com NEE na primeira classe.	“Tive um aluno, primeira classe”. Ele foi meu aluno”, “mas teve outros professores”	2
		Desconhecimento inicial da problemática	Eu e os alunos chamamos a criança mongoloide.	“A reação foi total, turma toda incluindo o professor, chamamos criança mongoloide”	1
			Vimos a saber que é síndrome de Down. /T21	“E vimos a saber que é síndrome de Down”.	1
	Imagem sobre alunos com NEE	Imagem positiva sobre a aprendizagem	O aluno copia o seu nome com ajuda e foi ganhando autonomia.	“Com o andar dos anos, ele passou a copiar o seu nome, fazer sozinho não.”	1
		Imagem positiva do comportamento do aluno	Quando participava recebia aplausos de todos.	“Quando ele participava mais, recebia aplausos de todos.”	1
			O aluno com NEE era considerado rei nas atividades relativas com expressões	“Muitas vezes havia atividade ele era considerado rei”	1
			O aluno relacionava-se bem com todos os colegas da sala.	“Ele ficava normal na sala e relacionava bem com todos.”	1
			O aluno com NEE não era muito impertinente.	“Às vezes, ouço a queixa de muitas crianças com NEE da parte dos colegas, mas ele nunca me criou problemas.”	1
O aluno é muito bem visto na comunidade.	“Ele é muito bem visto na comunidade”	1			

			O aluno gostava de interagir com os colegas.	“Ele gostava de interagir com os colegas”,	1
			O aluno com NEE interage bem na comunidade.	“Ele está na comunidade e interage muito bem.”	1
			O aluno gostava de dançar	“Principalmente na dança”	1
		Imagem negativa face à aprendizagem	No processo de ensino /aprendizagem o aluno não reage	“No que concerne o processo de ensino aprendizagem não reage”	1
			O aluno só brincava.	“É claro que só brincava”	1
			O aluno não era capaz de escrever sozinho	Não capaz de escrever sozinho.	1
			O aluno não aprendia	Não fazia nada”	1
			O aluno transitou para o segundo ano.	“Transitou para segundo ano de escolaridade porque todos transitam de primeiro para segundo ano	1
			O aluno saiu da escola devido a idade.	“Ele saiu da escola devido a idade”.	1
	Dificuldade na identificação /sinalização de crianças com NEE	Responsabilização do professor do ensino regular	É uma matrícula normal	“É uma matrícula normal”.	1
			Os professores tomam o conhecimento dessas crianças,	No início do ano é que os professores ou a direção da escola toma o conhecimento dessas crianças.”	1
			A turma é formada.	“Isto é fazemos a matrícula e a turma é formada”	1
			O professor recebe a turma	“O professor recebe a turma.”	1
			O professor deteta o aluno com NEE.	“O professor deteta que a criança tem NEE”	1
			O professor comunica a direção.	O professor comunica a direção.	1

		Professor informa a direção da escola	O diretor da escola comunica e a direção do ensino básico e assim o aluno é referenciado.	“O diretor da escola comunica a direção central e assim dão as suas diligências.”	1
3.Necessidades de Formação de Professores	Necessidades de Formação no âmbito das NEE	S/ explicitação	Há uma grande necessidade de formação em NEE.	“Há uma grande necessidade de formação”	1
		Ao nível da formação contínua dos professores	Deveria haver formação contínua porque todos os anos temos novos professores.	“Isto porque no ensino básico, em STP, todos os anos temos novos professores “	1
			A formação contínua não é suficiente.	“Quem sabe e mesmo assim esta formação não é suficiente”.	1
			A formação contínua pode ajudar a colmatar a falta de motivação e incentivo.	“Esta formação vem ajudar porque há falta de motivação, incentivo”	1
		Ao nível da formação inicial de professores	Todos os anos há novos professores sem formação inicial para lidar com alunos com NEE	“E maioria sai do liceu e nem a formação “Base têm para lidar com alunos com NEE.”	1
			Os professores têm a cadeira de NEE na Escola Superior de Educação de STP (ESES).	“Agora os professores que estão no ESES é que têm esta cadeira de NEE”	1
		De acordo com as necessidades do professor	Deveria haver formação contínua de acordo com as necessidades/carências do professor.	“Deveriam ter uma formação contínua conforme as necessidades do professor”.	1
			O professor deseja as áreas de expressões e multideficiência.	“Áreas de expressões e multideficiência seria uma área excelente”	1

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA P4

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidade Registo	Fr
1.Percepção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação	S/ explicitação	A inclusão é uma experiência inexplicável.	“É uma experiência que não sei como explicar.”	1
		A inclusão garante o acesso de todos à escola	A inclusão de todas as crianças surdas e mudas na escola regular é determinante.	“Eu penso que é uma boa ideia incluir todas as crianças surdas e mudas na escola regular”.	1
		Garante a aprendizagem de todos.	Possibilita a aprender e estar com os outros.	“Na escola têm possibilidades de aprender e estar com outros colegas”	1
		Cria condições favoráveis a inclusão de surdos	Criação de espaço na escola. para dar resposta aos alunos com NEE	“A escola criou este espaço e foi um esforço adicional. Devia ser alargado para todas as escolas do país”.	1
			A escola tem apoiado estes alunos.	“A escola tem apoiado estes alunos”	1
			Muitos alunos têm o prazer de ir para a escola	“Muitos alunos têm vontade de vir à escola.”	1
	Concordância atribuída à comunidade educativa	Aceitação da inclusão para os filhos poderem aprender.	Converso com os pais	“Eu converso com os pais e faço-lhes ver que é bom as crianças irem para escola,”	2
			Pais querem que os seus filhos vão à escola.	“Depende de cada família, estas que querem que as crianças aprendam, enviam os seus filhos para a escola.	2
		Aceitação das crianças com NEE pelos pares	Não existe discriminação entre os alunos surdos com os ouvintes.	“Os alunos deficientes auditivos não discriminam as crianças sem NEE”	1

				“Não há discriminação entre eles e nem com outros meninos apesar de eles não ouvirem e não falarem.”	1	
			Apoio do colega face a inclusão.	“Peço ao colega de lado para explicar-lhe algo quando ele não compreende.”	1	
		Boa interação com grupo turma	Existe uma interação forte entre os alunos surdos.	“Vantagens é que há interação forte entre eles.”	1	
			Ajudam-se mutuamente.	“Ajudam-se mutuamente.”	1	
			Os alunos brincam juntos	“brincam juntos “	1	
		Os surdos têm privação sensorial auditiva	São alunos normais, mas têm dificuldades em ouvir e falar.	“São alunos normais, o problema está na incapacidade de falar e ouvir.”	1	
		Surdos têm dificuldade em desenvolver a língua oral e escrita.	É prioritário aprender a ler e escrever	“Hoje em dia a prioridade é aprender a ler e a escrever.”	1	
			Nem todas as crianças com NEE têm possibilidades para aprender.	“Nem todas os alunos têm hipóteses para aprender”	1	
		Concordância com reserva	Receio face à inclusão no Ensino Regular.	Os pais têm receio de matricular os filhos	“Nem todos os pais aceitam. matricular os filhos. No ER”	1
			Dificuldade em aceitar a problemática dos filhos	Os pais não aceitam que os filhos têm problemas.	“Na zona de Desejada e Santo Amaro há muitos meninos com NEE que não vêm à escola”	1
	Uma criança. compareceu na escola			“Só apareceu uma criança na escola”	1	
	Dificuldades económicas dos pais dificultam a inclusão		Condições financeiras da parte dos pais.	“Os pais não reúnem condições para suportar as despesas dos seus filhos em termos de transporte.”	1	

			As crianças com deficiência auditiva não vão para a escola devido condições financeiras.	“Em Caixão Grande há três crianças com deficiência auditiva. Os pais não reúnem condições para suportar as despesas com transporte e muito mais.”	2
Discordância com a legislação	Os Professores têm dificuldades acrescidas na intervenção	Incapacidade de lidar com crianças com NEE	“incapazes de lidar com essas crianças”	2	
		Dificuldade na intervenção de alguns conteúdos.	“Torna difícil transmitir alguns conteúdos aos alunos surdos.	1	
		Dificuldades em desenvolver estratégias para promover aprendizagens	“Tenho algumas dificuldades na intervenção da leitura e escrita como também no aumento do vocabulário”	1	
	Falta de transporte escolar para a criança com NEE	“Os alunos com NEE, que residem nas zonas distantes não vão para a escola.	“Os alunos das zonas de Desejada e Santo Amaro não vão para a escola”	1	
	Falta de materiais didáticos	Falta de materiais didáticos	“Não há materiais didáticos para concretizar as minhas aulas. “	1	
		Manuais escolares para os alunos.	“Há necessidade de manuais escolares para os alunos”	1	
		Manuais escolares para os professores.	“e também para os professores de como desenvolver alguns conteúdos”	1	
		Implementação de estratégias específicas	“Trabalho mais a base de mímicas, imagens, língua gestual. gravuras e grafia.”	1	
	Inexistência de apoios	Nenhum apoio	“Nenhum apoio”	1	

2.Percepção sobre práticas de inclusão de alunos com NEE	Reações iniciais face aos alunos com NEE	Receio	Receio inicial	“Tive receio inicialmente, sem saber o que fazer”	2
		Insegurança inicial	A inclusão foi difícil	“Não foi fácil”	1
		Aquisição profissionais de competências com a experiência	Consegui adquirir a confiança	“Com o andar de tempo consegui ganhar a confiança da parte deles,”	1
			Com experiência já consigo já consigo lidar com esses alunos.	“Com a experiência e apoio da minha formadora adquiri alguma prática já consigo lidar com esses alunos”.	1
			Aprendi muito com a experiência	“Desde a minha formação inicial que aprendi algumas estratégias.”	1
			Temos ultrapassado as dificuldades.	“Assim temos superado as barreiras”	1
	Implementação de novas estratégias de ensino e aprendizagem	Participação nas conversas dos alunos surdos	Faço ver aos alunos que temos de trocar as ideias.	“Faço ver aos alunos que tenho também algo para lhes dar”	1
			Os alunos surdos falam muito uns com os outros. Percepção sobre práticas de inclusão de alunos com NEE	“Os alunos surdos e mudos falam muito entre eles durante as atividades.”	1
			Devo interagir mais com os alunos.	“A minha formadora ensinou-me que devo intervir nas suas conversas”	1
				“Agora, dialogamos mutuamente”	1
			Necessidade de alargar o vocabulário para desenvolver a linguagem.	“Os alunos estão no segundo ano de escolaridade e temos necessidade de alargar o nosso vocabulário. imagens e grafia”	1

		Utilização de língua gestual para comunicar	Uso duas formas de linguagem para comunicar com os alunos surdos.	“Trabalho praticamente em duas línguas ao mesmo tempo, o uso do código e a Língua gestual é uma linguagem diferente”	1
	Existência de Desenvolvimento de trabalho colaborativo e de equipa.		Os colegas pedem para assistir a minha aula	“Umaz vezes pedem para assistir a minha aula.”	1
			Reunimos para trocarmos opiniões sobre os alunos com NEE.	“No intervalo reunimos para trocar ideias, de como trabalhar com essas crianças.”	1
Imagem sobre o aluno com NEE	S/ explicitação	Os alunos surdos são interessados e inteligentes	“Eles são interessados e inteligentes”	1	
	Imagem positiva face à aprendizagem	Os alunos surdos têm as mesmas capacidades de aprender	“Eu não esperava que eles tivessem tantas capacidades em aprender.”	1	
		Existe alunos surdos e mudos que possuem melhores capacidades para aprender que os alunos ouvintes.	“Há alunos surdos e mudos que têm melhores capacidades de aprender em relação aos alunos normais “	1	
	Imagem negativa face ao comportamento do aluno.	Este aluno é o mais distraído	“Este aluno é o mais distraído”	1	
Dificuldade na identificação/ Sinalização de crianças com NEE	Responsabilidade do Centro de saúde	Os técnicos do centro de saúde notificam as crianças com NEE	“Através dos centros de saúde as crianças são notificadas. Andam em diferentes Distritos para despistarem crianças com problemas”	1	
	Responsabilização dos professores	Responsabilização dos professores no decorrer de aulas.	“Os professores sinalizam as crianças no decorrer das aulas”.	2	
	Responsabilização da família	Responsabilização dos pais	“Reúnem com os pais”	1	

Necessidades de formação de professores	Ao nível da formação contínua	Formação para desenvolver atividades com crianças NEE	Há necessidade de professores formados para trabalhar com alunos com NEE	“Deve haver pessoas especializadas/formadas para trabalhar com esses alunos para o desenvolvimento da aprendizagem destas crianças.”	2
		Atualização de conhecimentos sobre a inclusão.	Permite aprofundar os conhecimentos sobre a inclusão.	“Tenho necessidade de atualizar os meus conhecimentos.”	2
		Falta de formação no âmbito da deficiência auditiva	Tenho necessidade urgente, de fazer a formação na área da deficiência auditiva.	“Tenho necessidade urgente de fazer formação ao nível da deficiência auditiva”	1
			Há necessidade de professores formados para trabalhar com alunos com surdez.	“Dá sim. Eu estou a precisar.”	1
				“Todos nós precisamos. de formação contínua nesta área.”	1
	Ao nível da formação inicial	S/ explicitação	Há necessidade de formação inicial.	“Há sim”	1
		Falta de preparação profissional no âmbito de Educação Especial	Formar professores para intervir com os alunos com NEE	“Melhor é preparar os professores. para trabalhar com essas crianças”	1

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA P5

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades De Registo	Fr
Perceção sobre a inclusão de	Concordância com a legislação publicada sobre a inclusão	A inclusão garante o acesso de todos à escola	Decreto-Lei nº2/2003 vem ajudar as crianças com NEE a desenvolver as suas capacidades.	“No meu ponto de vista esse decreto lei vem ajudar as crianças com NEE desenvolver as suas capacidades.”	1

crianças com NEE			Garante o direito de todos a estudarem	“Garante o direito de todas as crianças estudarem”	1	
		Promove a aceitação da criança com NEE pelos pares.		Inicialmente ficam assustados	“No primeiro dia ficam assustados”	1
				Gradualmente ganham confiança	“com o andar do tempo vão se habituando”	1
				Os colegas reagem normalmente.	“agora reagem normalmente.”	1
				É vantajoso ter alunos com NEE numa turma reduzida.	“Torna-se mais fácil ter alunos com NEE numa turma reduzida.”	1
		Aceitação do professor face à inclusão de alunos com NEE	Os professores aceitam os alunos com NEE	“Aqui os professores aceitam os alunos com NEE “	1	
		Desafio para o professor.	O professor vê a inclusão como um desafio.	“vêm como um desafio.”	1	
	Concordância atribuída à comunidade educativa	Aceitação dos pais	Aceitação dos pais	“Aceitaram de bom grado”	1	
	Concordância com reservas	Os pais aceitam a inclusão, mas com algum receio	Receio na aceitação dos filhos na escola.	“Alguns têm receio porque as crianças têm dificuldades”.	1	
			Acham os seus filhos diferentes de outras crianças.	“Imaginam que os seus filhos não vão ser como as outras crianças.”	1	
		Inclusão depende da aceitação dos professores	Esperemos que a legislação seja aceite pelos professores.	“Esperemos que este decreto lei seja aceite pelos colegas”.	1	

		Professores têm de aceitar as crianças com NEE	Os professores aceitam as crianças com NEE	“Que as crianças sejam bem aceites por todos”	1
			Existe poucas crianças com NEE nesta escola	“Há poucas crianças com NEE nesta escola”.	1
	Discordância com legislação	Falta de adaptações dos edifícios escolares	Falta de condições de acesso à escola.	“É necessário fazer algumas alterações em termos de acesso de alunos que se deslocam em cadeiras de rodas.	1
			Eliminação de barreiras arquitetónicas	“Deve-se eliminar as barreiras.”	1
		Falta de recursos materiais e equipamentos	O professor precisa de materiais didáticos adequados	“materiais didáticos adequados”	1
		Falta de respostas adequadas na escola e na sociedade	A escola tem tantas coisas para fazer	“A escola tem tantas coisas para fazer!... Vou focar no que é essencial”	1
				“A escola por si só não consegue”	1
			É preciso um trabalho conjunto das entidades.	“Então precisa um conjunto de sociedade, entidades aí que poderão ajudar.”	1
				“Não só na escola como em toda a sociedade”	1
	Inexistência de apoios	Não têm apoios.	Não têm apoios nenhuns	1	
	Discordância atribuída aos professores	Falta de informação à família	A família não tem informações suficientes para intervir.	“A família manifesta boa vontade, mas “não tem informações suficientes para intervir.”	1
			As famílias devem conhecer os problemas dos filhos.	É importante conhecer os problemas dos filhos	3

		Falta de conhecimento das famílias sobre problemas	Falta de conhecimento da família	As famílias muitas vezes não fazem porque não têm conhecimento.	1
			Nem toda a família está à altura de resolver os problemas dos filhos	Porque é a primeira sociedade que a criança convive.	2
		Falta de articulação com a família	Fazer reuniões para esclarecer a família.	Informar a família. Fazer reuniões de esclarecimento	3
		Excesso de alunos por turma	Excesso de alunos por turma, torna difícil a inclusão	“Quando há um excesso de alunos por turma e com alunos com NEE inseridos torna difícil gerir a turma.”	2
		Condições da sala de aula	Necessidade de melhoria das condições da sala de aula	“Alterações no edifício escolas, condições na sala de aula “	1
Perceção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE	Reações pessoais face a alunos com NEE	Receio	Receio da parte dos colegas.	“ele fica pouco receado”.	1
		Aceitação	Tenho dois alunos. com NEE	Neste momento tenho dois alunos. com NEE	1
			Reagi normalmente	Reagi normalmente	1
			Os professores reagem bem e necessitam de experiência de inclusão	“Reagem bem. Os professores devem estar preparados para lidar com os problemas”	2
		Dificuldade na intervenção com alunos com NEE	Os professores teriam outra atitude face a inclusão.	Eles teriam outra visão diferente “	1
			O professor não sabe lidar com alunos com NEE.	“Então o professor sente assim porque não sabe lidar com essas crianças,”	2
		Mudança de atitudes/aceitação face	Com experiência, já consigo lidar melhor com criança com NEE.	“Com o tempo e experiência, hoje já consigo lidar melhor com crianças com NEE,”	1

	Efeitos /implicações de inclusão na prática do professor	a competências profissionais de crianças com NEE	As crianças com NEE precisam de um acompanhamento individualizado.	“É preciso um acompanhamento mais individualizado dar mais atenção a estes alunos para ultrapassarem as dificuldades.”	4	
		Desenvolvimento trabalho colaborativo e de equipa	Troco experiência com a minha colega, vou para sala de aula conversar com o aluno.	“Muitas vezes vou para sala conversar com o aluno “	3	
			O professor dá algumas sugestões para melhorar o comportamento	“dar umas dicas para o melhorar o comportamento deste aluno.”	1	
		Implementação de novas estratégias de ensino/aprendizagem	Cuidado na colocação do aluno na turma	“Perto do professor, para dar mais atenção, ficar sentado à frente. A nossa sala tem carteiras bipessoal e assim arranjei uma carteira individual para ele.”	1	
			Trabalho com os pares	“mudar de lugar para trabalhar com aqueles que sabemos que se dão melhor”	1	
			Adequação de estratégias	“Trabalhar muito próxima do aluno”	1	
			Realização de atividades de acordo com a preferência do aluno.	“procurar conhecer os seus gostos e preferências e trabalhar nesta base.”	1	
		Imagem negativa do aluno do aluno	Inquietação	Ele é agitado	“A colega diz que é difícil trabalhar com um aluno hiperativo.	1
				Ele é agressivo	“O aluno é agressivo”	2
		Dificuldade na identificação	Responsabilização da escola	A escola sinaliza os alunos.	“A matrícula é normal. No processo costuma haver observações acerca do aluno. Tem havido apoios da parte da diretora da escola.”	1

	/sinalização de alunos com NEE	Responsabilização do professor	Os professores sinalizam os alunos	“Às vezes é o professor que sinaliza o aluno Este comunica a família.”	1
		Responsabilização da família	As famílias sinalizam. os filhos	“Outras vezes são as famílias que sinalizam.”	4
			Os pais é que trazem as crianças com NEE às escolas.	“Muitas vezes são os pais é que trazem essas crianças às escolas.”	1
			A matrícula é feita muitas vezes da iniciativa dos familiares	“A matrícula dela na escola muitas vezes é da iniciativa dos familiares,”	3
3.Necessidade de Formação de professores	Ao nível da formação contínua	Sem explicitação	Sim. Há necessidade de fazer a formação.	“Sim. Há necessidade de fazer a formação”	1
		Necessidades de visitar instituições para ter uma ideia sobre NEE	Há necessidade de professores visitarem instituições com crianças com NEE	“Os professores deveriam visitar instituições que têm crianças com NEE.”	1
		Falta de formação contínua no âmbito das NEE	É necessária formação contínua no âmbito das NEE	“É preciso muita formação contínua para os professores ficarem habilitados”.	1
	Temas a abordar na formação inicial e contínua	Aquisição de conhecimento sobre inclusão	Permite aprofundar o conhecimento sobre a inclusão	“para aquisição de conhecimentos”	1
		Aquisição de conhecimento sobre a deficiência auditiva	O professor deseja a área da deficiência. auditiva.	“Gostaria de aprofundar conhecimentos na deficiência auditiva”	1
		Aquisição de conhecimento sobre a deficiência visual	O professor deseja a área da deficiência. visual	“deficiência visual”	1

		Aquisição de conhecimento sobre a dificuldades de aprendizagem	O professor deseja a área de dificuldades de aprendizagem.	“dificuldades de aprendizagem”	1
--	--	--	--	--------------------------------	---

Análise de conteúdo aos Educadores de Infância de STP

Análise de conteúdo da entrevista E1

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidade Registro	Fr	
Percepção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação publicada	S/ explicitação	A legislação sobre a inclusão é favorável.	“Eu acho que é bom”	1	
		A inclusão garante o acesso de todos à educação.	Inclusão é boa, pois permite o acesso à escola.	“Eles acham ser bons porque anteriormente quando tinham problemas não iam à escola.”	1	
			A inclusão propicia que as crianças com problemas possam ter acesso à educação.	“Porque faz com que todas as crianças, mesmo com problemas possam também ter acesso à educação.”	1	
		Promove o desenvolvimento da autonomia.	Contribui para o desenvolvimento da autonomia	“Pode ser que elas possam ter problemas num lado / ramo, mas pode desenvolver também um outro lado e desenvolver a sua autonomia”	1	
		Criação de condições e equipamentos na escola	Condições das salas de aulas para integrar crianças com NEE.	“Em algumas escolas por exemplo já criaram pelo menos duas salas para integrar essas crianças.”	1	
				Existência de equipamentos adequados	“Na escola onde trabalho há rampa”	1
					“Se tiverem cadeira de rodas não há problemas.”	1

		Responde a necessidades da família	Os pais matriculam as crianças e estas são colocadas todas na mesma sala de acordo com a faixa etária.	“As crianças que os pais matriculam vão para qualquer sala de crianças da idade delas e ficam todas na mesma sala”	1
		Professores têm a obrigação de intervir junto de alunos com NEE	Os alunos com NEE realizam algumas atividades apesar de apresentarem dificuldades	“Também, assim podem de uma forma qualquer coisa que podem fazer”	1
			Os professores manifestam a sua disponibilidade para trabalhar com crianças com NEE.	“Às vezes com respeito aos “professores, às vezes pode ser atitude dos professores à disposição de trabalhar com essas crianças.”	1
		Assegura a igualdade de oportunidades	O tratamento é igual para todos na sala do ensino regular.	“O tratamento é igual para todas na sala de aula”	1
			O ensino é igual para todos.	“O ensino é mesmo para toda a gente.”	1
			As crianças aprendem umas com as outras.	“Vantagens é que elas podem aprender através de outras crianças,”	1
		Promove a aprendizagem com os pares	As crianças sentem-se motivadas a desenvolver atividades com os colegas.	Elas também podem sentir -se motivadas/estimuladas a acompanhar os passos de outras crianças mais quando vão brincar, há crianças que sozinhas não conseguem mais quando vê outras a fazer atividades elas também tentam acompanhar e pouco a pouco elas podem não fazer exatamente como outras, mas elas desenvolvem um bocado”	1

		Promove a interação com os pares.	As brincadeiras são uma forma de interação e comunicação de uns com os outros	“Logo podem ver que as outras crianças participam junto com elas e brincam com elas, fazem amizade, elas tornam mais à vontade procuram sempre brincar, e essas crianças ajudam elas “	1
		Promove a motivação para aprender	Vontade de aprender e brincar ajuda a aumentar a auto estima.	“E essa vontade de acompanhar e aprender é que fazem aumentar o astral um bocado.”	1
		Promove a aceitação das diferenças	Através desta troca de interações as crianças sentem-se otimistas	“E outra coisa elas não vão sentir retraídas por dizer eu sou diferente, esquisita, que ninguém gosta delas”	1
				“E então é a mesma forma como elas trabalham com as outras é a mesma forma que trabalham com essas.”	1
	Concordância com reservas	Necessidade de mudar mentalidades	É necessária uma mudança de mentalidade dos intervenientes.	“Acho que deve mudar de mentalidade dos que trabalham lá dentro. Deve –se começar a partir da diretora até os empregados de limpeza. É preciso mudar a mentalidade de toda essa gente.”	1
		Necessidades de desenvolver maior cooperação.	É necessário a cooperação de todos.	“Toda gente tem que cooperar”	1
		Inclusão como processo difícil.	A inclusão é difícil	“E um trabalho que não é fácil.”	1

	Discordância atribuída aos professores	Professores não aceitam alunos com NEE	O professor não aceita a criança com NEE na sala de aula	“Esse é um problema! (Ri se). Este aluno não é para aqui,” “Esta escola não é para estes alunos.”	2
				“Ela estava com um professor. O professor não estava nem aí para ela.”	1
		Professores só preocupam com as crianças sem problemas.	As professoras preocupam-se mais com crianças ditas normais do que com crianças com problemas.	Elas aqui fizeram ou não fizeram, elas preocupam-se mais com as outras do que com essas. As professoras realmente dão mais atenção a aqueles que correspondem.	1
		Professores não se preocupam com crianças com NEE	Falta de atenção do professor face à criança com NEE	“A criança saía da sala e o professor não se preocupava.” “Porque o professor não assumia a criança.”	1
			Os professores não se preocupam com as aprendizagens das crianças com NEE.	“Elas não se importam, se as crianças com dificuldades fizeram ou não. O problema é da criança.”	1
		Professores sentem dificuldades acrescidas na intervenção	Dificuldades e descontentamento por trabalhar com estas crianças com NEE.	“Eles encontram muitas dificuldades e então não têm muito agrado para trabalhar com estas crianças.”	1
			Diferentes ritmos de aprendizagem das crianças com NEE	Muitas vezes elas ficam para trás porque elas não conseguem seguir o passo de aprendizagem de outras crianças que são consideradas normais	1
			Preferência pelos alunos dito “normais”	Logo as crianças normais vão avançando e as outras ficam para trás.	1

				“Os professores preferem os normais do que os que têm dificuldade de aprendizagem”	1
			Dificuldades em realizar adequações curriculares	“Aqueles alunos considerados ditos normais, eram considerados os melhores e o professor trabalhava sempre mais com esses alunos”	1
				“O método de ensino é igual para todos na escola onde trabalho não se verifica nenhuma separação.”	1
Perceção positiva das práticas de inclusão	Aceitação das crianças com NEE pelos pares	Apoio dos colegas face a inclusão		“Quem apoiava muito era os colegas é que cuidavam dela. Os colegas levaram-na para sala”	1
			Os colegas serviam o lanche.	“Esses alunos lidam com todos e sem distinção por serem crianças.”	1
		Boa interação com grupo turma	“Os colegas é que serviam o lanche à colega.”	1	
			“Eles lidam com todos da mesma maneira.”	1	
			“As crianças interagem umas com as outras.”	1	
		“Brincam todos juntos e sem problemas nenhuns”	1		
	Aceitação de criança pela escola	A criança foi bem aceite noutra escola.	“A mãe ligou para a antiga escola e disse que foi uma excelente decisão em a criança trocar de escola”	1	
Falta condições de trabalho	A escola não está preparada	“A escola não está preparada “	1		
	Falta água na escola	A água falha na escola	1		

Percepção sobre práticas de inclusão	Percepção negativa sobre práticas de inclusão	Falta de adaptações dos edifícios escolares	O edifício escolar não está adequado	O edifício escolar não está adequado para trabalhar com essas crianças	1
			O tamanho da porta não cabe uma cadeira de rodas.	“E depois nos edifícios das escolas, por exemplo essa porta é bem pequenina e uma criança com cadeira de rodas não consegue cá entrar.”	1
		Ausência de estratégias específicas de intervenção	Não existem estratégias de ensino específicas	Para falar a sério não há estratégia para trabalhar com crianças com NEE no nosso jardim-de-infância.	1
			Aplica-se o mesmo nível de exigência face a todas as crianças.	“A exigência que se faz para os alunos normais são as mesmas para estas crianças”.	1
			Sem modificações na sala de aula.	“Eu, alterações nunca fiz nenhuma”	1
			O trabalho é igual com todos alunos.	“Trabalhamos com todos como se não tivessem problemas”.	1
		Falta de cooperação entre os docentes	Ausência de troca de experiências.	“No ano passado até ao momento, nunca há troca de experiência, nenhum entusiasmo no trabalho”	1
		Inexistência de apoios	Ausência de trabalho colaborativo.	“Ninguém diz: olha aplicamos isso e fizemos aquilo e o resultado foi esse. Querem experimentar?”	1
			Nenhum apoio	Nenhum apoio.	1
		Falta de trabalho em equipa	Dificuldades em identificar os problemas das crianças com NEE	Temos um aluno que vai para a casa às doze horas. Ele tem problemas de audição e fala tudo trocado. Num belo dia ele ficou até ao	1

				período da tarde. Ele não fala e não ouve. Conheci o através da foto que se pede no ato da matrícula. Foi bom porque de lá consegui retirar o número de telefone dos pais e liguei para os pais. Se não fosse a fotografia eu ficaria sem identificar a criança.	
			Os processos dos alunos são arquivados na escola.	“Os processos são guardados, quando necessitamos pedimos à diretora para consultarmos”	1
Reações iniciais face à inclusão dos alunos com NEE	Aceitação da criança com NEE	Sem explicitação		Eu achei normal, não tenho problema nenhum como trabalhar com estas crianças	1
		É uma escola integrada. A criança A tem síndrome de Down.		Na escola há crianças com NEE. Na sala onde trabalho é escola integrada há criança com síndrome de Down. Trabalho com esta criança desde o berçário até agora	1
		Tenho que dedicar mais apoio e atenção à criança.		“. Mas só que essa criança para mim temos que ter muito cuidado com ela, mais cuidado e maior atenção.”	1
	Preocupação com o estabelecimento da relação pedagógica	É importante estabelecer uma relação privilegiada de amizade com a aluna.		“Ter cuidado com as emoções dela, eu estava sempre a fazer perguntas, saber o que ela precisa, se não quer nada”	
				“É bom fazer amizade porque é mais fácil lidarmos com ela e é um ponto essencial porque qualquer coisa que ela quer, ela vem	1

				logo solicitar ajuda. Ela não quer brincar. Quando se faz amizade é mais fácil”	
			A interação/relação professor/aluno é fundamental	“Não é em vão, quando há dois professores, há sempre uma que elas mais aproximam do que a outra dependendo da interação entre o professor e o aluno”	1
Perceção sobre o aluno com NEE	Imagem negativa do comportamento do aluno com NEE	O aluno B perturba os outros	“Ele tem emoções que saem fora do normal e perturba os outros. Tenho que me impor.”	2	
		O aluno tem comportamento inadequado face aos pares	“Na semana passada ele despejou a papa e meteu o prato sujo na mochila do colega.” “No quadro não aceita que os outros estejam.” “Tive que dividir o quadro para evitar problemas quando os outros se aproximassem.”	3	
		Bate nos colegas e tira os objetos	“Para bater nos colegas ou tirar objetos do outro.	1	
		Sai frequentemente do lugar	De repente volta a sair do lugar	1	
		O aluno B tem um comportamento fora do normal.	O comportamento dele é muitas vezes para além do normal. “Certa manhã, ele deu um empurrão e despejou logo três baldes de água.	1	
		Ele porta-se mal com outras educadoras.	Duas professoras que trabalham com ele de manhã, queixam-se dele. Obrigó-lhe a portar-	1	

				se bem, imponho, no entanto ele tem que cumprir	
			De repente o aluno dá gritos estridentes	Muitas vezes ele está a trabalhar com a educadora, de repente dá gritos estridentes.	1
		Imagem positiva do aluno face à aprendizagem	O aluno B aprende com facilidade.	Porque no ramo de aprendizagem ele aprende, mas aprende com facilidade. Introduzi uma matéria e no dia seguinte pergunto e ele fala do que falámos.	1
			Fazemos atividades no pátio.	Trabalhamos no pátio, trabalhamos no chão, fazemos contagens, no chão	1
		Imagem positiva face ao comportamento	Quando realiza as atividades ele porta-se muito bem.	Ele porta – se muito bem comigo na parte da tarde. O nosso trabalho é chamar quando realiza as atividades.	1
			O aluno obedece	Quando é chamado à atenção ele fica quieto e obedece por uns instantes.	1
	Perceção da família face à inclusão	Receio de alguns pais face à inclusão	Os pais têm receio de matricular os filhos no Ensino Regular.	Acho que os pais não devem ter receio de matricular os seus filhos	1
			Pais preferem que a criança fique em casa.	O pai disse que não adianta a mãe matricular a criança, mais valia ficar em casa.	1
			Os pais não aceitam que os filhos têm problemas.	“Próprios pais não aceitam que as suas crianças têm problemas.” “Os pais fazem questão de esconder ao máximo para elas não virem à escola.”	2

			Os pais criam dificuldades	“As vezes é próprio dos pais criarem dificuldades.”	1
			Preocupação da mãe com a exclusão	“A mãe ficava muito desmoralizada com essa situação.”	1
		Influência da direção da escola no comportamento da família/ pais	A anterior diretora da escola era muito acessível	“A anterior diretora da escola com que eu trabalho era muito acessível, compadecia muito com eles, ela gostava muito de trabalhar com essas crianças, era muito acessível.”	
			A diretora da escola ajudava os pais-	Ela ajudava bastante, ela ajudava os pais”	
			Os pais sentem-se seguros e enviam os filhos para a escola.	“Os pais sentiam-se mais seguros e assim enviavam as crianças para a escola”	
		Aceitação da inclusão por parte dos pais	Os pais enviam os filhos para a escola dada as vantagens de inclusão.	“Mas agora, abriu um bocado e sentem à vontade de enviarem os meninos à escola porque tem tido alguns benefícios.”	1
				“Alguns matriculam as crianças, quer dizer que essas pessoas têm o conceito correto sobre essa necessidade, têm consciência disso e querem que elas vão para a escola.” “Elas vão para a escola embora com dificuldades e podem desenvolver-se”	2
			Pais querem que os seus filhos vão à escola.	“Os pais querem que os filhos aprendam. Porque eu quando andava na escola eu fazia muita coisa. Tens que estudar muito. Os pais	2

				exigem que as crianças estudem e aprendam como eles.”	
			Há articulação entre a família e os educadores	“Devem visitar os alunos na escola, dialogar com os educadores para saber as dificuldades e os progressos e também os apoiá-los em casa”	1
				“O avô recebe muitas queixas dele e sabe que ele tem problemas”	1
	Dificuldades na identificação/sinalização de crianças com NEE	S/ explicitação	Eu não sei bem sobre esse assunto	“Eu não sei bem sobre esse assunto”	1
		Desconhecimento do processo de sinalização das crianças com NEE	Não sei como se processa a sinalização.	“Não recebemos nada e assim não tenho nada a acrescentar, nem como desenvolver”.	1
			Sinalização depende da gravidade do problema	Depende do grau do problema da criança. Quando o caso for grave é fácil detetar	1
		Falta de recursos e equipamentos adequados para avaliação dos alunos com NEE	Não existem equipamentos para identificar a problemática dos alunos.	“Não há aparelhos para provar as incapacidades dos alunos.”	1
	Perceção sobre práticas de inclusão de	Responsável pela identificação das NEE	Responsabilidade do professor	Muitas vezes é o professor que sinaliza a criança	Muitas vezes a criança é sinalizada quando trabalhamos com ela no dia-a-dia, normalmente recebemos uma informação”.

crianças com NEE		Responsabilidade do Ministério de Educação	A equipa do Ministério de Educação sinaliza a criança.	“Tem a ver com a equipa do Ministério de Educação.”	1
		Responsabilidade da escola no ato da matrícula.	Há um formulário para ser preenchido pelos pais onde constam muitas perguntas.	“Na matrícula há um formulário, onde consta o nome dos pais”	1
				“Depois vê se a criança tem algum problema, se é alérgica (alérgica a quê) que medicamentos toma”	1
				“A diretora no ato de matrícula fazia muitas perguntas aos pais, tudo isso de acordo com o formulário. A diretora da escola exige dos pais uma fotografia para ser colocada no cabeçalho do formulário do aluno.”	1
Necessidades de formação de professores	Ao nível de Formação Contínua	S/ explicitação	Falta de formação especializada	“Não há nenhuma formação.” Não temos nenhuma formação especializada	
		S/explicação	A formação contínua contribui para melhorar a intervenção com crianças com NEE	Sim, se eles forem chamados a formação vai capacitá-los para ajudar melhor essas crianças.	
		Falta de formação no âmbito das NEE	Os professores não têm conhecimentos para trabalhar com as crianças com NEE	A grande dificuldade é que os professores não têm, não são dotados de conhecimentos	1
			Os professores precisam de metodologias na prática.	“e metodologias para trabalhar com essas crianças”	1
		Ausência de ações de formação sobre NEE	Deveria selecionar professores experientes para dar formação	Deveria selecionar professores com conhecimento em educação especial para dar	1

				formação por forma a saber como lidar com essas crianças	
	Inexistência de professores especializados	Não há orientações nenhuma na área das NEE		“Não se faz nada a pensar na criança com dificuldade, não há orientação nenhuma a não ser o plano quinzenal”	1
				Mas a grande maioria das escolas não tem especialidade na área das NEE	2
		Não existe professores especializados na área das NEE		Não existem ações de formação direcionadas para alunos com NEE nessa especialidade	2
				Fazemos seminário, mas nunca envolveu aspetos de inclusão. Não temos nenhuma formação em educação especial	3
	Formação contínua	Falta de formação contínua	Necessidade de formação contínua promovida pelo Ministério de Educação	Vejo na notícia crianças com dislexia e muitas coisas sobre necessidade especial. Será que nós cá em STP não temos esses problemas? O ministério de educação não promoveu nenhuma formação para os professores na área de educação especial.	1
	Formação inicial	Falta de preparação profissional no âmbito da Educação Especial	Necessidade de formação inicial na área da Educação Especial	Deveria haver formação inicial na área do especial	1
		Falta formação em educação especial	Inexistência de formação inicial em educação especial	Na escola de formação não há nada de educação especial	1

Análise de conteúdo da entrevista E2

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	FR	
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação sobre inclusão	S/ explicitação	O decreto-lei nº2/2003 chegou num momento oportuno.	“Esse decreto-lei, hum... vem num bom modo”.	1	
		Assegura a igualdade de oportunidades	Apresenta vantagens		“Sim, sim teve vantagens	1
			As vantagens da inclusão é garantir o acesso de todos à escola		“Todas têm direito de estar na escola e na sala de aula; todas têm o mesmo direito.”	2
					“Depois da implementação da lei fizeram os pais saber que todas as crianças têm o direito de ir à escola.”	2
			Todos aprendem alguma coisa.		“Ficaram a saber que estando na escola têm o mesmo direito e estão a aprender alguma coisa”	1
		Promove a socialização.	As crianças interagem-se		“Essas crianças ficam à volta dela e são amigos uns dos outros.”	1
		Dá informações aos pais sobre a inclusão	Alguns pais têm conhecimento sobre a inclusão.		“Já têm esse conhecimento”	1
			Iniciativa de sensibilizar os pais		“Depois de convencer/sensibilizar os pais, eles puseram mesmo as crianças na escola.”	1
		Possibilidade de formação sobre inclusão	Organização de uma ação de formação sobre a inclusão.		“E a irmã L. como responsável organizou uma ação de formação acerca disso e deu-nos uma formação.”	1
		Dá maior autonomia às escolas para integrarem	Existência de adaptações nos edifícios escolares		“Há uma pequena rampa na minha escola e assim as crianças com cadeira de rodas sobem sem problemas.”	1

		estruturas de apoio aos alunos com NEE	A escola muda de estratégia quando as crianças com NEE apresentam dificuldades.	“Se ficarem a perceber que as crianças com NEE não estão a adquirir conhecimentos, estruturam alternativas para ultrapassar essas dificuldades.”	1
		Possibilita existência de recursos materiais e equipamentos na escola	Existência de um transporte escolar.	“Apoio no transporte escolar. A carinha escolar traz e leva os alunos.”	1
				“No jardim de Infância vão busca-los nas zonas onde moram e trazem para a escola”.	1
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância atribuída à comunidade educativa	Professores aceitam os alunos com NEE	Os professores aceitam as crianças com NEE na sala de aula.	Temos mais crianças com NEE no jardim Pimpolho. Os meus colegas aceitaram bem estas crianças com NEE na sala.”	1
				Na sala de aula os professores estão satisfeitos em ter estas crianças.”	1
				“Às vezes os professores vêm de casa com problemas e as crianças fazem esquecer os seus problemas pessoais.”	1
				“Para eles essas crianças é a solução do problema que acontecem em casa.”	1
			Trabalham com todos os alunos com NEE	“Eu trabalho no jardim pimpolho em Neves. As irmãs já pronunciaram sobre isso e todos que trabalham com estas crianças, já têm algum conhecimento e assim apoiam estas crianças”	1
			Pais aceitam inclusão	Os pais enviam os filhos para a escola e estão satisfeitos com a inclusão	“Puseram mesmo as crianças na escola., ficaram satisfeitos e passaram a acompanhar os seus filhos na escola.”
			Cá em São Tomé Príncipe muitos pais já aceitam que os seus filhos têm problemas de aprendizagem.”	1	

			Atualmente já levam os filhos para a escola”.	1
	Aceitação da criança pelos pares com NEE	Esta criança tem problemas e foi aceite pelos outros.	Antes disso o educador teve que conversar com os alunos e dizer que esta criança tem problemas	1
		Os outros meninos passaram a aceitar os alunos com NEE.	“e devem ser mais amigos uns dos outros, eles passaram a ser amigos dos meninos com NEE”	1
	Aceitação do aluno com NEE pela vizinhança/comunidade	O aluno com NEE precisa de socializar com outras crianças da vizinhança de acordo com a sua faixa etária por forma a desenvolver a sua autonomia.	“Ele estava muito gordo. Num dos diálogos com a mãe eu disse a mãe para pô-lo a andar e passear e levá-lo a brincar com os vizinhos. Quando ele passou a estar com vizinhos, brincar com criança da sua idade as coisas começaram a evoluir”	2
	Pais aceitam a inclusão	A família é recetiva e colaboradora	Um dia eu mandei chamar a mãe e conversei com ela. A mãe disse que em casa ele fala e faz tudo.	1
			“O aluno não vive com o pai, só vive com a mãe e a avó. A mãe não sabe ler e nem escrever.”	1
			“No encontro de pais, a mãe pediu apoio a uma outra pessoa para assistir a reunião de pais e assinar as papeladas. Mesmo assim há muita colaboração da parte dela. Conversamos com a mãe e estamos sempre em contacto com a senhora.”	1
		Há um trabalho conjunto /parceria com a família	“Através de diálogo de professores com os pais. A família passou a ter mais atenção, a participar e dar mais atenção às orientações dos professores. “	1
			“Enviamos desenhos feitos pelos alunos Numa semana enviamos com uma nota e na outra semana enviamos mais	1

				e depois fazemos uma análise comparativa. Assim fazemos ver aos pais que devem acreditar no seu filho e que ele vai mudar”	
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Discordância com a legislação publicada	Por desconhecimento da legislação.	Por falta de preparação do professor no que refere a legislação.	“Já ouvi falar, Não entrei mesmo na matéria. Nunca tive conhecimento aprofundado da lei.”	1
		Atribuída aos professores	Muitos professores não aceitam crianças com dificuldades.		2
			Os professores apontam o aluno como doente mental.	“Alguns professores dizem que ele é doido.”	1
		Atribuída aos pares.	Os colegas riem-se da forma de comunicar da criança com NEE	“A maneira de falar desta criança, faz com que todos os colegas se desatam a rir quando o educador diz quem quer contar histórias? “	1
				“Todos começaram a rir. Esse menino dá-nos muita graça mesmo.”	1
			Os colegas riem-se porque não sabem lidar com a criança com NEE	“Ao entrar para a sala, pergunto: quem quer dizer bom dia? E muitos oferecem, mas digo eu quero que seja o E. a dizer-nos bom dia. Os colegas que convivem com ele dizem que ele não assim em casa, ele é diferente”	1
Perceção sobre as práticas de inclusão de	Imagem sobre o aluno com NEE.	Imagem positiva face à aprendizagem	Os alunos com NEE estão a aprender.	“Eles estão a aprender algumas coisas.”	1
			Os alunos com NEE são capazes de aprender.	“Elas são capazes de aprender e têm competências”	1
		Imagem negativa face à aprendizagem	Os alunos com NEE têm dificuldades em participar.	“Mas há algo que lhes dificulta a participar”	1
				Às vezes julga-se que estas crianças não aprendem nada.”	1

alunos com NEE			Os alunos com NEE têm dificuldade na comunicação.	“Através da conversa e do diálogo eu percebi que um aluno que tenho na sala “não fala. É uma criança com dificuldades, não fala.”	3
			Os alunos com NEE têm dificuldades de aprendizagem	“Esta criança tem dificuldades de aprendizagem.”	1
				“Dificuldade que ele tem, se pedimos para escrever o número um, ele só sobe e não desce. Ele só gosta de fazer bolinhas, riscos”	1
Perceção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE	Imagem sobre o aluno com NEE	O aluno tem dificuldade ao nível do desenvolvimento	Os alunos com atraso no desenvolvimento	“Vimos que no meio da cabeça dele é mole. Dissemos isso a irmã L. e ela disse que este aluno tem um atraso no desenvolvimento.”	1
				A sua mioleira mexe como um bebé até aos cinco anos.”	1
		O aluno tem dificuldades na motricidade global e fina	O aluno com NEE tem dificuldade na motricidade fina	“Ele tem a mão muito presa, não tem motricidade fina desenvolvida.”	1
			O aluno com NEE tem dificuldade na motricidade global	Tem dificuldade em correr. Para correr tinha que ser ajudado aos três anos. Só aprendeu a correr aos quatro anos de idade.”	1
Perceção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE	Reação face ao aluno com NEE	Receio inicial face à possível ausência de resultados	Perante ao aluno com NEE pensei que ele não teria bons resultados escolares.	Sim, tenho um aluno com NEE.”	1
				“Eu tenho na turma uma criança com problemas de desenvolvimento.”	1
				“A maneira que vi esta criança parti do princípio que ela não teria bons resultados.”	1
				“Começamos a colocar o aluno ao lado do colega que parece estar mais habilitado.	1

		Adequação de estratégias de ensino e aprendizagem	Implementação de estratégias de intervenção que promovam a aprendizagem com pares.	Coloquei o aluno entre duas crianças que não têm problemas de aprendizagem para ele sair da bolinha e trabalhar a sério.”	1
	Identificação/ Sinalização de crianças com NEE	Responsabilização do Ministério de Saúde	Realização de campanhas de sensibilização nas zonas residenciais.	“Os responsáveis de saúde pública, andavam em zonas de residência mobilizar todos as pessoas que conhecessem famílias com crianças deficientes (problemas mentais, com mão cortada, pés cortados, aleijados)	2
Identificação/sensibilização de casos					
Responsabilização da família		Os pais sinalizam os filhos.	“São os pais que sinalizam as crianças”	1	
		Os pais matriculam os filhos.	“Os pais passaram a matricular mais crianças.” Elas chegam à escola, depois dos pais ficarem sensibilizados.”	1	
Necessidades de formação de professores	Ao nível da formação contínua	Falta de formação contínua no âmbito das NEE	A formação de professores é fundamental.	Primeira coisa, se na escola se não tiver pessoa formada ou que está a formar não consegue trabalhar com estas crianças.”	1
		Formação orientada para professores e para os pais.	A formação deveria abranger os pais, a família e os professores.	“Há necessidade de formação em duas partes: família e professores”	1
	Temas a abordar na formação	Formação sobre inclusão	Esta formação pode ajudar.	“Esta formação pode ajudar, sim”.	1
			Permite aprofundar o conhecimento sobre a inclusão	“Os professores precisam ter mais conhecimento acerca da inclusão.”	1
				“Quando vim para aqui fiquei a saber que esta constituição saiu e o prof começou a dar-nos aula sobre inclusão. A partir daí passamos a falar disso na escola onde trabalho”	1

		Formação sobre a deficiência	O professor deseja a área da deficiência.	“formação na deficiência	1
		Formação de acordo com as necessidades do professor	O professor deseja formação sobre a inclusão na sociedade	Inclusão na sociedade;	1
			O professor deseja formação sobre a inclusão escolar	Inclusão escolar;	1

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA, E3

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	FR
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação sobre inclusão	S/ explicitação	O decreto-lei nº2/2003 ajuda a criança a integrar na sociedade.	“Essa lei ajuda a criança a se integrar na sociedade.”	1
		Assegura o acesso de todos à escola.	A Lei exige que todas as crianças devem ir à escola.	“A lei propõe para a criança deve vir à escola, mas depende também da cultura dos pais”.	1
		Sensibilização do professor para a implementação da lei	É necessário sensibilizar o professor para aplicação do decreto Lei.	“Sobre a aplicação desse decreto lei nas escolas, era necessário sensibilizar o professor”	1
		Capacitação do professor para intervir com as crianças com NEE	O professor deve estar habilitado para receber as crianças com NEE	“o professor deve estar pronto para receber essas crianças”	1
		Criação de condições	Criação de ambientes favoráveis e adequados	“Criar ambiente propício e adequado”	1
			Criação de equipamentos adequados, confortáveis.	“equipamentos adequados, confortáveis.”	1
		Assegura a igualdade de oportunidades	Não somos todos iguais	“Somos iguais, mas cada um tem a sua ideologia.”	1
			Somos todos iguais	“fazer ver que são todas iguais”	1
	Concordância com a legislação sobre inclusão	Promove a socialização	As crianças socializam-se interagindo com os outros.	“Acho que tem vantagens porque uma vez que estão em contacto com outras crianças, ajuda a desenvolver as suas capacidades.”	4

		Promove auto estima	As crianças com NEE podem ensinar as outras.	“Há qualquer coisas que as crianças com NEE podem ensinar. outras crianças sem problemas.”	2
			A criança com NEE sente se confiante com o apoio dos colegas.	“Ela não sente triste porque tem dificuldade”.	1
		Promove a solidariedade	A colaboração promove a solidariedade	“A colaborar com esses colegas cria solidariedade, amor, paz com todos”	4
Percepção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância atribuída à comunidade educativa	Os educadores aceitam as crianças com NEE na sala de aula.	Trabalham em parceria.	“Na minha sala somos três e trabalhamos de mãos dadas”	1
			Dão o seu melhor	“Ajudar, dar o seu melhor e ter a capacidade de ser paciente”.	1
			Trabalham em prol da inclusão	“Devemos trabalhar com amor e dedicação, vocação, assim poderá trabalhar em prol da inclusão.”	1
			Dão afeto às crianças com NEE	“Quanto a outros colegas verificamos que dão afeto como se fossem mãe “	1
	Concordância atribuída à família	Os pais aceitam a inclusão.	Os pais têm algum receio,	“Embora com algum receio”	1
			Os pais não sabem como ajudar.	“Os pais dizem não saber como ajudar., querem que o seu filho vai para a escola”	2
			Os pais enviam os filhos para a escola.		
		Realização do congresso sobre a família	“No ano trespassado fizeram congresso sobre a família.”	1	
		Aceitação da família	O papel da família é ajudar os filhos.	“O papel dos pais, ou seja, da família é contribuir para educar essas crianças com NEE”.	2
Percepção sobre a		Os educadores não aceitam a inclusão	O professor não tem disponibilidade para trabalhar com as crianças	“Os colegas queixam que não têm paciência para acompanhar essas crianças”	1

inclusão de alunos com NEE	Discordância com a legislação publicada	Trabalhar com crianças com NEE é difícil	Torna tudo difícil trabalhar com as crianças com NEE	“Quando as pessoas não têm paciência torna tudo mais difícil”.	1
		Dão muito trabalho	As crianças com NEE dão muito trabalho.	“As crianças com NEE dão muito trabalho”	1
		Ficam entregues a sua sorte	As crianças com NEE ficam entregues a sua sorte.	“É na sala de aula que passa tudo, a criança com problema fica entregue a sua sorte”	1
		Não têm o apoio do adulto	A criança não tem apoio do adulto.	“A criança não aprende porque não tem o apoio do adulto.”	1
			A educadora não trabalha com a criança com NEE.	“A educadora não interroga a criança com dificuldades.”	1
		Existe trabalho só com um grupo	A educadora só trabalha com as crianças ditas normais.	“Só trabalha com as que não têm problemas”	1
		Criação de uma escola especial	Criar uma escola especial	“é melhor criar uma escola especial”	1
	Discordância atribuída aos professores/educadores	Os educadores não aceitam as crianças com NEE	É difícil aceitar as crianças com NEE	“O colega diz que é difícil de aceitar e que não está para sacrificar.”	1
		Queixam-se do baixo salário	Queixam-se do baixo salário	“Diz também que o salario é baixo”	1
		Desconhecimento do decreto lei	Desconhecimento do decreto lei	“Muitos professores não têm conhecimento desse decreto lei,”	1
		Falta de conhecimento do professor	O professor tem pouco conhecimento sobre as crianças com NEE.	“só sabe que se está a falar de crianças com necessidades educativas especiais,”	1

		Falta de preparação do professor	O professor não sabe lidar com crianças com NEE	“o professor não sabe como lidar com crianças com NEE”	1
		Necessita de preparação	Necessita de estar preparado para aceitar as crianças com NEE	“porque não foi preparado para receber estas crianças”.	1
	Discordância atribuída aos pares	Não aceitação dos pares.	Fico atenta às provocações dos colegas	“Quando os colegas provocam eu fico muito atenta e evito que essa atitude não se torne a repetir”.	1
Percepção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE	Imagem sobre o aluno com NEE.	Imagem negativa face à aprendizagem	Rasga o trabalho dos colegas.	“A criança porta-se muito mal, rasgou o trabalho dos colegas”	1
			Sai frequentemente da sala de aula.	“Falta muito as aulas”	1
				“Sai muitas vezes da sala de aula”	2
			Dificuldade na comunicação.	“Quando se fala para ele, só olha e não fala”	4
			Dificuldades de aprendizagem	“nem escreve”	1
“não colabora nas atividades do dia a dia”.	1				
Percepção sobre as práticas de inclusão	Reação face às crianças com NEE	Receio inicial	Tenho duas crianças com NEE	“Tenho duas crianças com NEE”	1
			Tive dificuldades	“Pela 1ª vez tive dificuldade. porque vi que outros alunos são diferentes deles”	1
		Aquisição de experiências para lidar com crianças com NEE	Fui adquirindo a experiência pouco a pouco.	“Fui trabalhando pouco a pouco até adquirir capacidades.”	1
			Não é fácil trabalhar com crianças com NEE	“É difícil”	1
		Adequação de estratégias de ensino e aprendizagem	Implementação de estratégias de intervenção	“Dou tarefas que sei que eles conseguem fazer “	1
			A criança é colocada à frente	“Troco de lugar, coloco estas crianças à frente ou ao lado de outros com menos dificuldade.”	1

			Faço-lhe várias perguntas	“É sempre interrogado.”	1
			Acompanhamento individualizado	“Quando ele está sozinho, converso muitas vezes com ele.”	1
			Dou-lhe carinho.	“Dou-lhe muito afeto para ajudá-lo.”	1
			Prestação de apoio ao aluno	“Estar sempre atenta para ver se a criança está a entender ou não”	1
			Trabalho com muita paciência.	“Na sala de aula trabalho com muita paciência, e amor porque sem amor, não podemos ajudar essas crianças.”	1
	Identificação e sinalização de crianças com NEE	Responsabilização do Ministério de educação	Apoio do ministério de educação	“Neste sentido o ministério de educação pediu que fosse aceite a matrícula sem dinheiro.”	1
		Responsabilização do Ministério de Saúde	Realização de campanhas de sensibilização nas zonas residenciais.	“Essa sensibilização foi feita nas roças e nas diversas localidades”	1
				“Existe muitas crianças em casa com necessidade de frequentar a escola e os pais não reúnem de condições monetárias.”	1
		Responsabilização da família	Identificação/sensibilização de casos	“O papel dos pais é matricular os seus filhos”	1
				Os pais sinalizam os filhos.	“É obrigado matricular os filhos”.
		Responsabilização dos professores	Os professores sinalizam as crianças.	“Na maioria das vezes são os professores”.	1

		Responsabilização das instituições de solidariedade social	As Cáritas assumem responsabilidades	“O papel da família é assumir a responsabilidade dos seus filhos. Mas quando têm deficiência as Cáritas assumem responsabilidades”.	1
	Apoios	Existência de apoio à família	Tem apoio do ministério de educação	“O jardim das Madres Canossianas é semiprivado. O Ministério de Educação entra com uma parte”.	1
			Tem apoio do ministério de educação	“Temos o apoio das Cáritas. Anteriormente a diretora era. Italiana, vinha sempre o apoio da Itália.”	1
Necessidades de formação de professores	Ao nível da formação contínua	S/ explicitação	Sim, há necessidade de formação	“Sim”	1
		Falta de formação no âmbito das NEE	Cada distrito deveria mobilizar ações de formação para professores e para família.	“Cada distrito deve fazer sempre formação.”	1
		Falta de formação no âmbito das NEE para a família	Formação orientada para professores e para os pais.	“Ajudar a reduzir um pouco as dificuldades e esclarecer algumas dúvidas aos pais. “	1
	Temas a abordar na formação	Formação sobre a dificuldades de aprendizagem	O professor necessita de formação na área das dificuldades de aprendizagem	“Há necessidade de formação em problemas de aprendizagem, deficiência, comportamento e sobre necessidades educativas especiais”	1
		Formação sobre a deficiência	O professor necessita de formação na área da deficiência	“deficiência”	1
		Formação sobre a hiperatividade	O professor necessita de formação na área da hiperatividade	“comportamento”	1

		Formação sobre as NEE	O professor necessita de formação na área das necessidades educativas especiais	“Necessidades Educativas Especiais”	1
--	--	-----------------------	---	-------------------------------------	---

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA, E4

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	FR
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação publicada sobre a inclusão	s/ explicitação	É uma boa ideia a inclusão de crianças com NEE.	“Acho que é uma boa ideia”	2
		Porque todos têm direito à educação	O decreto Lei sobre a inclusão chegou num bom momento.	“Chegou em boa hora tendo em conta que as crianças antigamente ficavam isoladas em casa,”	1
		A inclusão assegura o princípio de acesso de todos à escola	As vantagens da inclusão é garantir o acesso de todos à escola	“todas as crianças estão juntas na escola”	1
			As crianças com NEE estão inseridas na sala de aula	“é muito vantajosa”	1
		Assegura a igualdade de oportunidades	Ajuda a criança a sentir igual aos seus colegas.	“Agora estão inseridas na sala de aula”	1
			São todas iguais.	“Na escola ela é tratada sem diferença.”	6
		São todas iguais.	“São todas iguais”	1	
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância atribuída à comunidade educativa	Necessidade de educar para a aceitação da diferença	Ensino as crianças a tratar os colegas sem preconceitos.	“Na sala de aula conversamos com todos alunos em jeito de alerta para tratar a colega sem preconceito.”	4
			Educar para a solidariedade.	“Quando estamos na escola conversamos com os alunos, não o marginalizamos.”	1
			Educar para a amizade	“Chamo sempre a atenção de todos os alunos, para não baterem nela”	3
		Os colegas apoiam	“Eles apoiam a colega com NEE”	1	

		Aceitação da criança pelos pares	Os colegas ajudam	“Os colegas ajudam-na bastante”	1
			Os colegas faziam os trabalhos	“Numa ocasião os colegas faziam-lhe os trabalhos”.	1
		Educadora promove a autonomia da criança com NEE	A educadora impede o apoio dos colegas na realização das tarefas.	“Eu disse para a deixarem fazer os trabalhos sozinha”	1
			Agora realiza as atividades sem apoio.	“Agora ela faz os trabalhos sozinha”	1
		Promoção da interação/comunicação com os pares	Interage bem e percebe o que se diz.	Eles têm interagido bem com ela e percebem o que ela diz.	4
			As brincadeiras são uma forma de interação e comunicação de uns com os outros aprender.	Brincam todos no receio sem problemas.	2
			Brinca com os outros	Ela fica muito satisfeita quando brinca com os outros.	2
			Ela está a aprender e a evoluir com outras crianças	Depois de estar em contacto com as crianças normais ela está a aprender coisas importantes.	4
	Concordância atribuída à família	Aceitação da família	A inclusão dos filhos na escola é bem aceite pelos pais.	“Os pais acham que é uma boa ideia. a inclusão de crianças com NEE.”	1
		Responsabilização da família.	A família manifesta interesse. Está sempre presente.	A mãe tem muito cuidado com ela A mãe pergunta sempre pela evolução da filha. É uma mãe interessada e presente.	2
	Concordância atribuída à comunidade educativa	Responsabilização do professor	Os professores aceitam os alunos	Tenho uma criança com NEE. Entrou este ano para a escola. Tem cinco anos de idade. Nasceu normal, mas neste momento apresenta um problema de desenvolvimento.	3
		Responsabilização atribuída aos vizinhos	Os vizinhos levam a criança para casa quando a mãe está atarefada.	“A mãe tem boas relações com os vizinhos e quando a mãe está atarefada, são os vizinhos que a levam para casa”.	1

	Discordância com a legislação publicada	Falta de adaptações dos edifícios escolares	Falta de adaptações nos edifícios escolares.	“A escola era um hospital, no entanto não há condições para ser uma escola. “	1
			As escolas não estão preparadas para implementar a inclusão de crianças com NEE	“Nesta escola não há nada adaptada para as crianças.”	5
		Falta de equipamentos e recursos materiais didáticos	Salas de aulas impróprias	“Tipos de salas.”	1
			As salas de aulas não estão preparadas para a inclusão.	“As cadeiras e mesas não são adaptados às crianças da pré-escolar. “	1
			Ausência de materiais didáticos	“Deveríamos fazer muitas atividades não há materiais”	1
			Dificuldade na utilização da casa de banho	“As crianças utilizam a casa de banho com muita dificuldade”.	3
			Falta de água canalizada	“Aproveitamos a água da chuva para casa de banho.”	4
				Não há água canalizada.	1
		As empregadas têm que ir buscar a água canalizada para beber.		3	
		Inexistência de apoios à família	Não têm apoios.	“Não há apoios.”	2
Perceção sobre as práticas de inclusão de	Imagem positiva sobre o aluno com NEE	Boa coordenação óculo manual, preensão. palmar	A aluna com NEE segura bem o giz.	“E segura bem o giz “	1
			A aluna com NEE segura bem o lápis. Só rabisca	“Segura bem nos lápis e só rabisca.”	1
		Comportamento adequado	Cumprir regras	“Ela cumpre as regras segue as ordens dadas”.	1
		Alimentação fácil	A criança come qualquer tipo de alimento	“Ela come qualquer tipo de alimento.”	1

alunos com NEE	Imagem negativa sobre o aluno com NEE	Dificuldades na comunicação	Não escreve	“A aluna não escreve nada “	1
			Mexia os lábios e batia as palmas.	“Só mexe os lábios. ela veio com muita destreza, mexia os lábios, batia as palmas,”	1
			Não consegue cantar.	“Ontem pedi que ela viesse à frente da sala cantar uma música, ela não consegue cantar só fazia de conta.”	1
			Não fala. Diz algumas palavras isoladas.	“Na sala não fala, mas não fala. mas não fala. Só diz algumas palavras isoladas “	4
			A criança tem dificuldade em interagir.	“Isolamento é um prejuízo na nossa vida. Ela tem muitas dificuldades na interação”	2
		Dificuldades de aprendizagem	Não tem iniciativa.	“Esta aluna não tem iniciativa, necessita de apoio para realizar as suas tarefas.”	2
			Necessita de apoio para realizar as suas tarefas escolares.		
		Dificuldades na autonomia/higiene pessoal	Não controla os esfíncteres	“Não controla os esfíncteres. Os adultos é que têm que a lembrar para fazer as necessidades. Às vezes ela defeca no corpo.”	2
		Dificuldades na motricidade global	A aluna com NEE tem dificuldade na motricidade global.	“Inicialmente ela não andava, só gatinhava. Começou a andar com dois anos e falou aos três”.	2
Percepção sobre práticas de inclusão	Percepção face às crianças com NEE	Receio inicial	Os colegas tinham receio de lidar com a criança.	“Inicialmente os colegas achavam-na diferente “	1
				“Com o tempo foram-se habituando”	1
		Aceitação decorrentes da experiência	Tenho uma criança com problemas de desenvolvimento.	“Tenho uma aluna na minha sala uma criança com problemas de desenvolvimento.”	1
			Tenho algumas noções sobre NEE.	“na formação inicial tive algumas noções de como intervir com crianças com NEE. e tenho estado a aplicar. “	1

		Receio inicial por falta de experiência	Na escola onde eu trabalhava. não tinha nenhuma criança com NEE	“Onde eu trabalhava não tinha nenhuma criança com NEE”	1	
			Tinha uma criança com pés virados e foi de junta médica.	“a não ser uma criança com os pés virados e foi de junta médica.”	1	
		Aceitação associada à experiência	Com experiência, já consigo lidar melhor com criança com NEE.	“Com esta formação já consigo lidar com estas crianças”.	1	
			É uma boa criança.	“É uma boa criança, com o tempo ela vai reagir melhor”.	1	
			Com trabalho vai haver implementação de estratégias específicas a aluna poderá melhorar o desempenho.	“Se ela iniciasse o percurso escolar mais cedo, quem sabe, ela falaria e faria mais coisas”	1	
		Percepção sobre as práticas de inclusão	Percepção face às crianças com NEE	Implementação de estratégias de aprendizagem	Coloco a criança à frente da turma	“Coloca-la em frente à turma perante os colegas e assim as coisas têm corrido normalmente.”
Apresentar a colega às turmas	“conversar com todos os alunos, apresentá-la às outras turmas para a conhecerem e de terem cuidado com ela e fazê-los ver que ela é normal.”				2	
Uso muito diálogo	Uso muita conversa e dialogo com as crianças.				1	
Identificação /sinalização de crianças com NEE	Colaboração entre professores.		Desconhecimento do processo de sinalização	Conversamos sobre intervenção dos alunos com NEE nos intervalos	“Conversamos e trocamos experiências nos intervalos e nas reuniões de grupo.”	2
				Quem faz matrícula é o diretor da escola.	“Não sei explicar”	1
			Responsabilidade da escola pela matrícula.	Quem faz matrícula é o diretor da escola.	“Quem faz matrícula é o diretor da escola”.	1
				S/ explicitação	Sim. Há necessidade de fazer a formação.	“Sim”.

Necessidades de Formação	Falta de formação no âmbito da inclusão	Ao nível da formação inicial	Necessidade de formação com todos os educadores. Anualmente há novidades sobre a inclusão.	“Fazer formação com todos educadores pelo menos quinze dias, nos meses de julho ou setembro. Cada ano que passa há sempre novidades.”	2
		Ao nível de formação contínua	uma colega fez a formação sobre a inclusão.	“Onde trabalho só uma colega que teve a formação sobre a inclusão. não posso dizer nada sobre outras pessoas”.	1

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA, E5

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	UR
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação publicada sobre a inclusão	s/ explicitação	É um decreto que vale a pena.	1
		O decreto lei é significativo	O decreto Lei sobre a inclusão trouxe benefício.	1
		A inclusão garante o acesso de todos à escola	As crianças com NEE não podem ser deixadas em casa.	1
			As crianças com NEE devem estar inseridas na escola.	1
			As crianças com NEE ficam inseridas na sala do ensino regular.	2
		Promove a interação / socialização entre todos os pares	As crianças com NEE socializam-se em interação com outras.	1
		Promove a motivação para aprender	Gradualmente as crianças com NEE vão aprender alguma coisa.	1
	Existência de condições de acesso	A escola tem rampa	1	
	Concordância atribuída à comunidade educativa	Educadores aceitam as crianças com NEE	As professoras prestam apoio as crianças com NEE	1
		O educador interessa-se pela aprendizagem da criança	Pesquiso assuntos relacionados com NEE	1
		Implementam estratégias novas de ensino/aprendizagem i	Modificam as estratégias.	1
			Gosto de observar os meus alunos nas atividades recreativas.	1
			Reunimos com os pais.	1

	Comportamento da família face à inclusão	Desconhecimento da reação da família	Não sei se os pais conhecem esta medida legislativa.	2
		Preconceito de alguns pais face à inclusão	Os pais pensam que a inclusão não dá em nada.	1
		Os pais têm receio	As crianças com NEE não deveriam vir à escola.	1
	Articulação entre JI e família	Apoio psicológico	A criança tem consulta de psicologia marcada para maio.	1
		Existência de um trabalho de colaboração entre família e educadores	A família colabora com os educadores	1
	Discordância com a legislação	S/ explicitação	Não sei o que fazer	1
		Os educadores não aceitem crianças com NEE	A educadora não aceita as crianças com NEE	1
			Preconceito dos educadores	2
	Inexistência de apoios à família	Não têm apoios.	1	
	Perceção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE	Perceção sobre o aluno com NEE	Imagem negativa do comportamento do aluno com NEE	A criança manifesta um comportamento desajustado.
Eu não sabia que esta criança tem problemas de comportamento.				1
A criança reage brutalmente com os pares.				1
Os colegas queixam-se.				1
Falei com o avô sobre o seu mau comportamento.				1
Sai frequentemente do lugar				3
Mexe nos materiais dos colegas				1
Bate nos colegas				1
É uma criança agressiva.				1
Imagem sobre o aluno com NEE		Imagem negativa face à aprendizagem do aluno com NEE	Dificuldade de atenção/ concentração.	1
			Não termina as tarefas.	1
		Imagem positiva face à aprendizagem	A criança comporta-se bem em casa.	1
			Ele fez um lindo desenho, alusivo ao Dia da Mãe.	1

			É uma criança inteligente.	1
			Faz recados	1
			Realiza trabalhos com apoio	1
Percepção sobre práticas de inclusão	Reações do educador face à inclusão	Inquietação	Fiquei assustada	1
			Fiquei muito preocupada	1
		Preocupação	Há uma grande ansiedade quanto a transição desta criança para o primeiro ciclo.	1
			Desafio	Necessidade de paciência
		Aceitação	Tenho dois alunos com NEE	1
			Um dos alunos tem deficiência auditiva.	1
			Esteve integrado na unidade de surdos.	1
	Evolução da criança é fonte de satisfação	Transferido do ensino especial para escola do ensino regular	1	
	Identificação /sinalização de crianças com NEE	Processo de sinalização no ato da matrícula	A criança surda foi submetida a uma cirurgia. Melhorou a audição e comunica com os adultos e os pares.	3
		Responsabilização da escola	A matrícula é feita através da ficha de inscrição.	1
Necessidades de Formação	Falta de formação no âmbito da inclusão	S/ explicitação	Na matrícula, os familiares não dão informações sobre a problemática da criança com NEE.	1
		Ao nível da formação inicial	Sim. Há necessidade de formação.	1
	Temas a abordar na formação contínua	Formação sobre a baixa visão	Necessidade de formação sobre a inclusão para todos os educadores e professores.	1
		Formação sobre a hiperatividade	O professor deseja as áreas sobre baixa visão.	1
		Formação sobre NEE	O professor deseja as áreas sobre a hiperatividade	1
			O professor deseja as áreas da NEE.	1

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA, E5

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	FR
Perceção sobre a inclusão de alunos com NEE	Concordância com a legislação publicada sobre a inclusão	s/ explicitação	É um decreto que vale a pena.	Eu acho que é um decreto que vale a pena.	1
		O decreto lei é significativo	O decreto Lei sobre a inclusão trouxe benefício.	Eu acho que trouxe benefício	1
		Através da inclusão é garantido o acesso de todos à escola	As crianças com NEE não podem ser deixadas em casa.	“São crianças que não podemos deixar em casa abandonadas, embora tenham necessidades educativas especiais”	1
			As crianças com NEE devem estar inseridas na escola.	“Têm que estar inseridas no grupo de outras crianças na escola. ou num centro”	1
			As crianças com NEE ficam inseridas na sala do ensino regular.	É bom que ficam inseridos na sala de aula com os alunos ditos normais,	2
		Promove a interação / socialização com os pares	As crianças com NEE socializam-se em interação com outras.	“Elas devem estar em convívio com outras crianças, socializam-se, nas brincadeiras e na sala.”	1
		Promove a motivação para aprender	Gradualmente as crianças com NEE vão aprender alguma coisa.	“pouco a pouco vão aprendendo qualquer coisa de bom” “A escola tem rampa para facilitar a deslocação dos alunos.com deficiência.”	1
		Existência de condições de acesso	A escola tem rampa	“A escola tem rampa para facilitar a deslocação dos alunos.com deficiência.”	1
Perceção sobre a inclusão de	Concordância atribuída à comunidade educativa	Professores aceitam as crianças com NEE	A professora presta apoio as crianças com NEE	“Procuro ajudar as crianças trabalho individualmente com este aluno”	1
		O professor interessa pela aprendizagem da criança	Pesquisa assuntos relacionados com NEE	“Procuro temas sobre alunos com necessidades educativas especiais”	1

alunos com NEE		Implementação de estratégias de intervenção	Modifica as estratégias.	“diversificar a metodologia”	1
			Gosto de observar os meus alunos nas atividades recreativas.	“Gosto de observar os meus alunos, na brincadeira, nas atividades do dia a dia, nas atividades recreativas estou sempre atenta.”	1
			Reunimos com os pais.	“Fazemos reunião de pais.”	1
	Comportamento da família face à inclusão	S/ explicitação	Não sei se os pais conhecem esta medida legislativa.	“Eu não sei que conhecimento os pais têm sobre a inclusão.”	2
		Preconceito de alguns pais face à inclusão	Os pais pensam que a inclusão não dá em nada.	“Os pais pensam que a inclusão não dá em nada.”	1
		Os pais têm receio sobre a inclusão.	As crianças com NEE não deveriam vir à escola.	“Acham que as crianças com NEE não deveriam vir à escola”	1
		Recurso de técnico	A criança tem consulta de psicologia marcada para maio.	“O avô disse que esta criança tem a consulta com um psicólogo marcada para maio de 2016.”	1
		Existência de um trabalho de colaboração entre família e professores.	A família colabora com os professores	“A família colabora bastante connosco”	1
	Discordância com a legislação publicada	S/ explicitação	Não sei o que fazer	“não sei o que fazer com essa criança.”	1
		Os educadores não aceitem crianças com NEE	A educadora não aceita as crianças com NEE	“havia vozes que diziam: para quê se preocupar com esta criança.”	1
			Preconceito dos educadores	“A opinião varia de colega para colega”.	1
	“Quem tem amor a profissão pensa de maneira diferente”.	1			

		Inexistência de apoios à família	Não têm apoios.	“Não há apoios.”	1
Percepção sobre as práticas de inclusão de alunos com NEE	Percepção sobre o aluno com NEE	Imagem negativa do comportamento do aluno com NEE	A criança manifesta um comportamento desadequado	“Tenho uma criança com comportamento fora do normal.”	1
			Eu não sabia que a criança tem problemas de comportamento.	“Eu não sabia que ele tem problemas. depois reparei que ele tem qualquer coisa que não era normal.”	1
			A criança reage brutalmente com os pares.	“Qualquer criança que encosta nele sem querer ele reage brutalmente”	1
			Os colegas queixam-se dele.	” Os colegas estão sempre a se queixar dele”	1
			Falei com o avô sobre o seu mau comportamento desta criança.	“Falei com o avô sobre o seu mau comportamento. O avô disse que o pai faleceu recentemente e a mãe sofre de uma doença mental.”	1
		Imagem negativa face à aprendizagem do aluno com NEE	Dificuldade de atenção/ concentração.	“Não presta atenção a realizar as tarefas. Dificilmente fica quieto e atento”	1
			Sai frequentemente do lugar	“levanta-se do lugar constantemente provoca os colegas, “	1
			Mexe nos materiais dos colegas	“mexe nos materiais dos colegas”	1
			Bate nos colegas	“Bate nos colegas”	1
			É uma criança agressiva.	“É uma criança agressiva.”	1
	Tem um comportamento desajustado.		“É uma criança com comportamento fora do normal.”	1	
	Não termina as tarefas.		Não termina as tarefas	1	
			A criança comporta-se bem em casa.	“O avô disse que em casa ele comporta-se muito bem.”	1

	Imagem sobre o aluno com NEE	Imagem positiva face à aprendizagem	Ele fez um lindo desenho, alusivo ao Dia da Mãe.	“Hoje estivemos a fazer uma um postal para o dia da Mãe. Assim ele fez um lindo desenho, alusivo ao Dia da Mãe. “	1
			É uma criança inteligente.	“Ele é inteligente”	1
			Faz recados	Ele faz recados.	
			Realiza trabalhos com apoio	Com incentivo e apoio realiza os trabalhos atrasados.	
Perceção sobre práticas de inclusão	Reações iniciais face às crianças com NEE	Baseada à problemática	Fiquei assustada	Quando dei conta do comportamento do V. fiquei assustada	1
			Fiquei muito preocupada	muito preocupada.	1
		Inquietação	Preocupações relativas à sua transição para o primeiro ciclo.	A minha grande preocupação é saber como é que vai ser a transição da pré-escola ao primeiro ciclo?	1
	Reações do educador face à inclusão	Preocupações	Necessidade de paciência	É preciso muita paciência para dar volta a situação.	1
		Desafio	Tenho dois alunos com NEE	Neste momento tenho dois alunos com NEE.	1
		Aceitação	Um dos alunos tem deficiência auditiva.	Um deles tem deficiência auditiva.	1
			Esteve integrado na unidade de surdos.	O aluno esteve integrado na unidade de surdos.	1
			Transição do ensino especial para escola do ensino regular	A mãe viu que lá a criança não evoluía, decidiu coloca-lo na escola regular.	1
			A criança surda foi submetida a uma cirurgia.	“A criança foi submetida a uma pequena cirurgia”	1
			Melhorou a audição e comunica com os adultos e os pares.	“e evoluiu bastante deixou de comunicar por gestos”	1
	“comunica bem com os colegas e com adultos”.	1			

Percepção sobre as práticas de inclusão	Identificação /sinalização de crianças com NEE	Processo de sinalização	A matrícula é feita através da ficha de inscrição.	“A matrícula é feita, através de uma ficha de inscrição. Na ficha de inscrição é assinalada os problemas da criança-	1
		Responsabilização da escola	Na matrícula, os familiares não dão informações sobre a problemática da criança com NEE.	Quando fazem a matrícula os familiares mesmo sabendo que a criança padece de um mal não deixam registado nada na ficha de inscrição.	1
Necessidades de Formação	Falta de formação no âmbito da inclusão	S/ explicitação	Sim. Há necessidade de formação.	“Sim. Há necessidade de fazer a formação”.	1
		Ao nível da formação inicial	Necessidade de formação sobre a inclusão para todos os educadores e professores.	Há necessidade de formar professores e educadores, para trabalhar com crianças na área das necessidades educativas especiais.	1
	Temas a abordar na formação contínua	Formação sobre a baixa visão	O professor deseja as áreas sobre baixa visão.	“Gostaria que abordassem temas como baixa visão”	1
		Formação sobre a hiperatividade	O professor deseja as áreas sobre a hiperatividade	“hiperatividade”	1
		Formação sobre NEE	O professor deseja as áreas da NEE.	“necessidades educativas especiais”	1

**ANEXO F. FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NO
ESTUDO**

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NO ESTUDO

Este questionário/ficha de caracterização surge como complemento da entrevista, no âmbito da recolha de dados para o desenvolvimento do estudo de investigação. É dirigida aos educadores e professores do 1º ciclo, a fim de caracterizar o seu perfil socioprofissional. Garante o anonimato.

I Dados Pessoais:

Idade: _____ anos

Género: Feminino _____ Masculino _____

II. Dados Profissionais:

Habilitações académicas: _____

Formação inicial _____

Formação especializada _____

Anos de Serviço _____

Cargo atual: _____

Experiência em apoio educativo _____

Experiência com alunos com necessidades educativas especiais(NEE) _____

Outras:

Obrigada pela sua colaboração

**ANEXO G. GRELHAS DE REGISTO DAS PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES
NATURALISTAS E RESPETIVAS ANÁLISES**

Grelha de observação naturalista

Análise categorial da 1ª observação naturalista			
Atividade desenvolvida	Os animais da selva. A educadora mostra os animais		
Intervenientes	Educadora	Grupo/turma	X
		Crianças com NEE	X
Contexto Educativo/ Espaço	Sala de jardim de infância		

Análise dos dados da observação			Dados de observação	Unidades de	E1
Categorias	Subcategorias	Indicadores	Registo		obs
Estratégia para facilitar a gestão do grupo.	Cumprimenta o grupo de crianças e reúne para iniciar o dia	Cumprimenta todos as crianças da sala. incluindo a criança com NEE	A Educadora dirige-se às crianças e diz: “– Bom dia meninos!”.		1
		As crianças dão resposta ao cumprimento da educadora	Todas as crianças respondem em coro: “– Bom dia!”.		1
Estratégias relacionadas com motivação das crianças	Recorre a música para a aprendizagem dos dias da semana	Todos cantam a canção da semana incluindo as crianças com NEE	A Educadora dirige-se à turma e diz: “– meninos, vamos cantar a canção da semana”		1
	Questiona o grupo sobre o tempo.	Coloca questões à criança no sentido de dar resposta ao cumprimento de rotinas	A educadora pergunta: “– Que dia foi ontem, N (criança sem NEE)?”		2
			A Educadora pergunta C “– E que dia é hoje?”		
	Desperta o interesse no grupo.	Coloca questões ao grupo /turma	A Educadora pergunta: “– Vamos ao calendário ver?”		1
	Solicita a participação da criança	A educadora pede a B para ir indicar a data no calendário.	A educadora pede B: “-B, vai ao calendário indicar”.		1
	Solicita a criança participar nos conteúdos de rotina.	A criança responde à pergunta relacionada com a atividade	A J responde: “– Hoje é sexta feira!”		1
	Explica o que vai consistir em aula	Dar informação sobre o que vai acontecer durante o dia	A Educadora começa por explicar em que vai consistir a aula		1

	Conhece as competências da criança	Coloca questões à criança sem NEE	A N responde: “– Ontem, foi 5ª feira, 28 de abril de 2016.	1
Estratégias utilizadas com aluno com NEE	Para obter a opinião da criança com NEE e motivá-la a participar	Coloca questões à criança com NEE	A educadora dirige-se a Fi (criança com NEE) e diz: “– data de hoje?”	1
	Promove o apoio dos pares	Ausência da resposta da criança com NEE e a educadora pede apoio de pares	A Fi não responde. A Educadora pede a B para ajudá-la. B leu a data corretamente no calendário.	1
	Chama a atenção da criança desatenta de modo a motivá-la a participar	Questiona e estimula a participação da criança	No mesmo instante a Educadora olha para o Gui (criança com NEE) e diz:” - diz lá tu Gui?”	1
	Chama a atenção a criança com NEE	Comenta o comportamento da criança com NEE	“– Presta atenção!”, pois o Gui está a brincar com uma peça de legos.	1
	Reforça o comportamento adequado da criança com NEE	Toca com carinho na cabeça da criança	A Educadora toca com carinho na cabeça e diz-lhe: “–Volta para o teu lugar; obrigada Gui, eu já me tinha esquecido deste pormenor.”	1
	Promove a interação da criança com o grupo /turma e com a educadora	A criança acena com a cabeça e sorri para os colegas	O Gui acena com a cabeça e sorri para os colegas.	1
Estratégias de monitorização do comportamento do grupo	Pede ao grupo para a auto-regular o comportamento	Chama a atenção ao grupo devido ao comportamento	A educadora diz oralmente ao grupo: “Metam o dedo no ar”, não podemos falar todos ao mesmo tempo, assim não entendemos”	1
	Pede para prestarem atenção	Chama atenção ao grupo	A Educadora diz ainda: “– Calem-se por favor!”	2
		A educadora exige comportamento adequado.	Vejam -la:” -comportam-se como deve ser!”	
Faz pergunta ao aluno com NEE	Não responde	Então vamos lá ver: Gui diz-me a data por favor?	1	

Estratégias de apoio à realização das atividades.	Relaciona os conteúdos da aula com a aprendizagens anteriores	Dá informação oral ao grupo sobre a atividade que vai ser desenvolvida	A educadora continua: “– Na segunda feira, estivemos a falar de animais selvagens, agora vamos falar de animais aquáticos. Vamos abordar como é o seu habitat (quer dizer o local onde eles vivem), a alimentação (ou o que comem)”.	1
	Dá reforço positivo	Elogia a criança com NEE	A educadora elogia oralmente: muito bem Fi, respondeste bem.”	1
	Solicita a participação da criança com NEE	A criança responde a questões colocadas pela educadora	A criança K. diz: “– Eu vejo peixinhos, tubarão, tartaruga...”	1
	Estimula o grupo para uma maior participação	Questiona o grupo sobre a atividade desenvolvida.	A Educadora desloca-se para o quadro e diz: “– Vejam lá meninos, o que vêm mais?”	1
	Dá apoio individualizado à criança com NEE	Apoia a criança com NEE na resolução das tarefas	A educadora parece ter uma postura atenta com a criança com NEE	1
	Desperta e chama a atenção a criança com NEE.	Faz perguntas relacionadas com a atividade à criança com NEE	A Educadora dirige-se a Fi e pergunta-lhe: “– O que vês, Fi?”	1
	Promove a participação da criança com NEE na atividade	Responde corretamente à questão	A Fi responde: “– Peixe.”	1
		Pede a criança para completar a resposta do colega.	A Educadora interrompe, e pede: “– Q e mais “O Q responde: voador, sardinha.	1
		Faz pergunta relacionada com a atividade à criança com NEE	A educadora pergunta ao Fi. Onde está o polvo?	1
		A criança com NEE responde à questão colocada	O Fi (criança com NEE) diz: “– Está aqui ao lado deste peixe grande”	1
Estimula as crianças a pensar, motivar para o tema	Dá explicação oral ao grupo sobre o desenvolvimento da atividade	A Educadora explica oralmente: “– Como vêm, todos estes animais vivem na água.”	1	

	Promove a participação das crianças no grupo	Coloca questões ao grupo relacionadas com a atividade	A Educadora pergunta aos meninos: “– sabem o que acontece aos peixes, se saírem da água?”	1
			A educadora pergunta ao grupo: “que nome damos a este peixe grande?”	1
		Respondem a perguntas relacionadas com a atividade incluindo as crianças com NEE	“Todos os alunos incluindo os com NEE respondem:” -: peixe andala”.	1
	Chama a atenção das crianças para a atividade	A educadora dá mais informações sobre a atividade desenvolvida para o aumento da aprendizagem /conhecimento	A educadora completa: -peixe andala, carapau, baleia, caranguejo, lagosta, polvo, lulas e muito mais	1
Estratégias para promover a participação das crianças	Faz perguntas para o grupo responder	As crianças respondem em coro as questões	Todos responderam: “– Morrem.”	1
		As crianças respondem à questão.	As crianças respondem em coro: “– Não!”	1
	Recorre à experiência pessoal da criança com NEE para ilustrar os temas em estudo.	A criança com NEE faz uma afirmação relacionada com a atividade	O Gui levanta-se do lugar e dirige-se para a Educadora e afirma: “– O meu pai costuma levar muitos peixes para casa.”	1
		A educadora presta a atenção ao discurso da criança com NEE	A Educadora escuta o Gui e explica para a turma: “– Meninos, o Gui disse que o seu pai leva muitos peixes para casa; sabem porquê?”	1
		A educadora dá a explicação ao grupo sobre os conhecimentos da criança com NEE	A Educadora diz: “– O pai do Gui é pescador. Ele vai ao mar apanhar o peixe para vender.”	1
	Utiliza a imagem para despertar interesse sobre o tema	Chama a atenção do grupo/ turma, incluindo a criança com NEE	A Educadora chama a atenção: “– Todos atentos; vamos observar esta paisagem.”	1
		Organiza o trabalho de grupo	A Educadora avisa a turma: “– Vamos trabalhar em grupo. A	1

			Educadora circula pela sala e diz:” - D. Olga pode dar-nos uma ajuda?	
	Organiza as crianças em diferentes grupos	A educadora faz pergunta a AO sobre o procedimento o processo de formação e distribuição do grupo	A Educadora volta-se para a D. Olga e pergunta: “– Como é que vamos proceder à distribuição do grupo?”	1
		Dá instruções ao grupo para a execução da tarefa	Com a ajuda da D. Olga(AO), quero que desenhem em papel cenário muitos peixes	1
			A educadora diz: podem desenhar peixes que quiserem e com tinta de várias cores. Quero um trabalho bonito.	1
	Trabalha em articulação com AO	A D. Olga(AO) aceita a proposta da educadora	A D. Olga(AO) responde: “– Podemos formar grupos A/B/C/D/E/F.”	1
Estratégias de organização e gestão do processo de ensino aprendizagem	Dá um modelo para facilitar a execução da tarefa	Desenha peixes no quadro	A educadora diz:” -. Vou desenhar alguns peixes no quadro”	1
	Distribui materiais para os diferentes grupos	Distribui o papel cenário para todos os grupos	A Educadora diz: “– Vou distribuir o papel cenário. Vão ser seis grupos, porque a turma tem um número elevado de crianças. Vai ser um papel para cada mesa.”	1
	Sugere a forma de disposição do trabalho realizado	Propõe sugestões relativas a atividade realizada	Terminado o trabalho, a Educadora propõe: vamos por o trabalho num canto da sala para secar. Pode ser?	1
		Dão resposta à questão colocada pela educadora e pelos colegas	Sim, respondem todos.	1
Estratégias da avaliação e discussão das tarefas	Pede aos alunos feedback do trabalho realizado	Reúnem no tapete para avaliarem o trabalho do grupo	A educadora diz: amanhã vamos reunir no tapete para falarmos do trabalho.	1

proposta às crianças.				
-----------------------	--	--	--	--

Grelha de Registo da Observação Naturalista

Análise categorial da 3ª observação			
Atividade desenvolvida	Área do Conhecimento do mundo: visita de estudo à Empresa Agostinho Neto. Observação da natureza		
Intervenientes	Educadora	Grupo	X
	AO	Crianças com NEE	X
Contexto Educativo	Sala de jardim de infância (JI)		

Análise dos dados				
Categorias	Subcategorias	Indicadores	Dados de observação Unidades de Registo	obs
Estratégias relacionadas com a motivação das crianças	Explica o que vai consistir em aula	Da informação sobre o que vai acontecer durante a aula.	A educadora diz: Meninos, recordam - se que ontem fomos fazer a visita à empresa Agostinho Neto. Agora vão fazer um desenho relacionado com a visita. “Vamos lá, façam o desenho. “Vai junto da criança M (com NEE) e vê o desenho.	1
	Descrevem oralmente	Explicam o que viram através do desenho	A educadora pede individualmente aos meninos para falarem sobre a visita efetuada na empresa Agostinho Neto.	1
Estratégia para facilitar a gestão do grupo	Dá ordem	Dá orientação para o lanche	A professora diz: todos vão se sentar à volta destas mesas para lancharem. Olha quando estiverem em silêncio. Dizem.	1
	Pede ao aluno para executar tarefas	Formula questões	Não há leite. Diz o” Posso ir buscar mais leite”. Vai pedir a D. H.(AO). Só quero ouvir a música.	1
		Distribui o leite	G. dá o leite. L. distribui as bolachas.	2
			A educadora pergunta:” – O que vimos em Agostinho Neto?”	1

	Desperta o interesse e o raciocínio	Questiona o grupo sobre a atividade em estudo	Ora bem. Quando estávamos a fazer um passeio na carrinha vimos uma ave a passear pelo campo. Lembram-se qual era a ave?	1
			A educadora continua: além do javali o que é mais que nós vimos?	1
		Faz perguntas a criança com NEE sobre o passeio.	Faz perguntas a criança com NEE sobre o passeio.	1
Estratégias utilizadas com criança com NEE	Promove a participação do grupo incluindo a criança com NEE	Estimula as crianças durante a atividade	A educadora diz oralmente:” - Então vimos o javali, vimos, cabra, macacos, vacas, ovelhas, papagaio,	1
		Descreve com as crianças sobre o que viram.	A Educadora diz: “-eu estava distraída, tinha muitas árvores. Era mesmo muitas arvores”	1
	Encoraja a criança com NEE	A educadora oferece -se para dar ajuda.	Queres ajuda? Estás com medo amor?	1
	Para obter a opinião e participação da criança com NEE	A criança responde questões colocadas pela educadora.	A educadora diz: “ela não se esqueceu. Que animais que vimos?”	1
			A educadora pergunta a Ma.:” - O que vimos mais?”	1
			A educadora questiona:” - O que é mais que nós vimos? Que animal que nós vimos. Ma?	1
Estratégias de apoio à realização das atividades	Desloca-se nas mesas para controlar os trabalhos.	Dá pistas para a realização da tarefa	A educadora desloca-se pelas mesas de trabalho, relacionando -se apenas, com a criança de que está próxima.	1
	Exige a concentração no trabalho	Pede para prestarem a atenção no assunto que estão a tratar.	Estamos a falar do passeio e não quero ouvir outra coisa.	1
	Desperta e chama a atenção das	Dá mais informações sobre a atividade	O senhor Manuel, andou a explicar como que as abelhas produzem o mel. Havia o mel de várias cores. Havia o	1

crianças para a atividade	desenvolvida para o aumento da aprendizagem /conhecimento	mel mais escuro e mais claro. Por causa das flores.	
		G. vai dizer o que é isto? Estavas a brincar com o A. e não prestas atenção	1
Dá o reforço positivo às crianças	Manifesta satisfação, pelo trabalho da criança.	A educadora explicou: “O A. desenhou os meninos na praia. A educadora diz: gostei do teu trabalho. Foi a parte que eu gostei mais”.	1
	Comenta o trabalho.	O A. fez a menina a fazer o pino. Comentou a educadora.	1
	Elogia os trabalhos feitos pelas crianças.	A S. foi única menina que gostou da igreja. Ela desenhou o altar e a nossa senhora com menino ao colo.	1
		A educadora reforça: “no desenho da P. estava lá a mãe e o filho.”	1
Dá reforço positivo a criança com NEE	A educadora elogia o desenho da criança com NEE	A educadora diz:” - Mãe javali e o filho javali”. Está muito lindo!	1
	Demonstra ao grupo o trabalho da criança com NEE	“Olha, a Ma desenhou uma carrinha com os meninos a passearem”	1
Dá feedback do trabalho realizado pela criança	Chama a atenção do grupo pelo trabalho	Só tenho um desenho de uma menina que não desenhou a vila de Guadalupe. Ela desenhou, o que vimos na parte da manhã. Ela pintou a igreja da Conceição por onde passamos. Pintou a coroa da imagem da nossa senhora. Essa coroa é muito linda e é dourada.	1
Desperta o interesse do grupo	Aprecia o trabalho da criança	Nesta igreja tudo está coberto de azulejos, até no teto.	1
Realiza a correção da atividade	Dá sugestões relacionadas com o trabalho realizado pela criança.	A educadora diz oralmente:” - Devias pintar melhor o desenho pintaste com alguma pressa.	
	Corrige do discurso da criança.	O G diz:” - A minha mãe quer lá ir. A minha mãe está de boca aberta para lá	

			ir”. Eu contei tudo. A educadora corrige:” - A tua mãe está ansiosa para lá ir”	
	Incentiva as crianças na realização da atividade	Faz perguntas relacionadas com a atividade	Não fomos para outro lado porque estavam a fazer o quê? Porque estava em obras. F., chama uma criança. Há uma parte da igreja que não vimos porque estava em obras. Estavam a pintar. A I. não estava a falar?	1
		A educadora chama a atenção ao descuido das pessoas.	A educadora diz que alguém possa te deixado cair uma beata de tabaco. É muito perigoso deitar fora os restos de cigarro ainda acceso.	1
Estratégias para promover a participação das crianças	Promove a participação da criança	Incentiva as crianças para descreverem mais sobre o que viram.	A educadora acrescenta: “- Além de ter muitas arvores, havia animais em abundância. Se eu tivesse os óculos poderia ver melhor:”	1
		Estimula a participação da criança com NEE	A AO não sabe do que estamos a falar. A educadora (F) não contou a AO	1
		Formula questões à criança com N	Eu vou pedir, deixa-me cá ver, pode ser a Ma, a criança com NEE para explicar a AO, onde é que fomos na 5ª Feira?	1
		Estimula a participação da criança com NEE	A AO não sabe onde fomos na 5ª feira? Eu não contei a AO	1
	Promove a participação da criança com NEE	Solicitação da participação da criança com NEE	A educadora diz: “- Ma não te enerves”.	1
			“Queres ajuda?” O quê mais que nós vimos?	1
		Mostra o trabalho da criança com NEE para promover a inclusão.	No desenho da P. está la a mãe e o filho. O D: diz:” ela esqueceu-se professora”	1
		Chama a atenção à criança para focar	A educadora diz a Ma: “Tu não estás a trabalhar. Estamos a trabalhar!	1

		mais na atividade em debate.	Trabalhar não é só fazer fichas com apoio da AO”	
Estratégias de monitorização do comportamento do grupo	Pede ao grupo para auto-regular o comportamento	Aguarda a vez para intervir.	“Então esperam por favor a vossa vez. Agora vamos ouvir o A. Não podíamos passar por baixo das obras porque tinham grandes andaimes”.	1
		Chama a atenção à criança e apela ao bom comportamento	A educadora aconselha:” - B eu quero falar do passeio e não de outra coisa. Não quero ouvir asneiras. A educadora acrescenta:” - vimos javali, vacas, coelhos, libelinha, cobra, aves de rapina (coruja e falcão), cabras, patos, galinhas e galos.	1
			Diz a educadora: “Eu quero ouvir” Havia outros que não eram os macacos. Uns dizem, primo do macaco, é da família.	1
		Chama atenção as crianças para reduzirem o barulho na sala	A educadora diz: “-Meninos, pouco barulho”	1
		Pergunta se podem deixá-la ouvir.	Pergunta:” - Posso ouvira colega falar por favor?”	1
		Manter bom clima de trabalho na aula	A educadora pergunta:” - Porquê que os meninos não estão com as pernas cruzadas.”	1
		Pede as crianças para ficarem em silêncio	“Posso ouvir a colega a falar, por favor.”	1
		Chama a atenção aos meninos pelo comportamento desajustado	A educadora diz: eu quero ouvir! Não eram gorilas!	1
		Pede às crianças para se auto controlarem	A educadora diz, num tom de voz um pouco alterado. “Meninos, calem-se.”	1

		Chama a atenção da criança com NEE para concentrar na tarefa.	“Não estivemos no recreio? Cruze lá as perninhas e preste atenção, Ma.”	1
		Chama a atenção para uma boa postura e um bom comportamento na sala	A educadora chama a atenção ao grupo: “vamos sentar como deve ser. não estivemos no recreio? Todos bem sentados. I afasta-te mais um bocadinho	1
		Chama a atenção à criança, para moderar o comportamento.	Vimos elefante, diz o Gonçalo. A educadora afirma:” - Olha G, se for para dizer asneiras, é melhor calar, porque não estamos aqui para brincar.	1
		Chama a atenção para estar atento à explicação	Búfalos, não tem graça nenhuma. Se for para dizer asneiras não vale a pena.	1
		Exige silêncio	“Pede o bom comportamento de todas crianças”	1
			A educadora diz:” - quero todos calados e não quero mais conversa	1
			A educadora diz” - todos de olhos fechados e de boca fechada.	1
			Quero ouvir a I. Diz lá I. Disseram que ouve um incêndio.	1
		Chama a atenção à turma devido ao barulho persistente.	A educadora protesta “- está barulho outra vez!”	1

Grelha de Observação Naturalista

Análise categorial da 4ª observação			
Atividade desenvolvida	Estudo do meio. Seres vivos - plantas comestíveis		
Intervenientes	Professora	Grupo/turma	X

		Crianças com NEE	X
Contexto Educativo/ Espaço	Sala de aula		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	Ob4
Estratégias para facilitar a gestão de aula e do grupo.	Cumprimenta o grupo de alunos e reúne para iniciar a aula	Cumprimenta todos os alunos da sala, incluindo a criança com NEE	Ao entrar na sala o professor cumprimenta os alunos: Boa tarde meninos.	1
		Os alunos dão resposta ao cumprimento do professor	Os alunos respondem: Boa tarde senhor professor.	1
	Explica o que vai consistir em aula	Da informação sobre o que vai acontecer durante o dia.	O professor diz: Meninos hoje vamos falar sobre os seres vivos que é a continuação da aula anterior.	1
	Recorre aos objetos concretos para ilustrar o tema.	Dá mais explicação ao grupo sobre o tema em questão	A professor diz: L, podes falar. Esta frase quer dizer que se os animais têm necessidade de comer, se não se alimentarem podem morrer.	1
			O professor acrescenta que todo o ser vivo tem necessidade de se alimentar, porque sem o alimento, não existe vida.	1
	Parte de situações da realidade do aluno para abordar os temas em estudo	A criança com NEE faz uma afirmação relacionada com a atividade	O aluno, diz: professor, uma vez, tínhamos um aquário com peixes e o meu irmão esqueceu-se de dar comida e os peixes morreram.	1
		O professor faz comentários relacionados com a atividade, encoraja os alunos a reconhecer os seus sucessos	O professor diz: o que aconteceu a teu peixe, pode acontecer aos outros animais. Os animais como outros seres vivos têm necessidade de respirar e de reproduzir para continuarem as suas espécies	1
	Solicita o apoio dos pares	O professor pede apoio dos pares.	Meninos vamos ajudar A, a ler a frase.	1
		Solicita a participação do aluno com NEE	E tu A, conheces esta planta?	1

Estratégias para promover a participação dos alunos	Solicita a participação do aluno com NEE	Pede a aluno L para dar resposta a questão formulada.	E tu, L, o que dizes	1
		Chama a atenção do aluno com NEE	O aluno deita a cabeça sobre a carteira e dorme cerca de 20 minutos	1
		O aluno não responde	N não responde.	1
	Promove a participação dos alunos na atividade	Coloca questões relacionadas com a atividade	O aluno P dirige-se ao quadro para ajudar o colega.	1
			O professor diz: prestem a atenção. Ora vejam. Tenho aqui uma pequena planta silvestre, mas comestível. O professor pergunta: “conhecem esta planta?”	1
			O professor pergunta: “o que quer dizer espontaneamente?”	1
		Solicita a participação	Quem sabe? G e B põem dedo no ar.	1
			Diz lá G.	1
	Dá resposta correta.	G, responde: espontaneamente quer dizer, que nasce só por si	1	
	Estratégias de apoio à realização das atividades	Chamar a atenção dos alunos para a atividade	Dá a resposta	O aluno H diz é gimboa.
Reforça a confiança			O professor responde: sim é gimboa.	1
A educadora dá mais informações sobre a atividade desenvolvida para o alargamento do conhecimento.			O professor diz: “Folha de ponto e gimboa são plantas que nascem espontaneamente, enquanto que a couve e cebola, cenoura, são cultivadas”.	1
			Gimboa e folha de ponto são plantas que nascem espontaneamente.	1
Pede para responder.		Podes responder?	1	
Dá explicação oral ao grupo sobre o desenvolvimento da atividade		O professor escreve no quadro algumas frases.	O professor escreve frases no quadro 1. Os animais comem para sobreviverem. 2. Também, os animais como outros seres vivos têm ainda necessidades de respirar e de reproduzir para continuarem as suas espécies. 3. As árvores são maiores do	1

			que as ervas e servem para a construção de casas e fabrico de mobílias.4. A folha ponto e gimboa de mato são plantas espontâneas, enquanto que a couve e a cebola são cultivadas.	
Estratégias de monitorização do comportamento do grupo/turma	Exige o comportamento adequado	Professor chama a atenção dos alunos para regular o comportamento	Outros meninos gritam eu sei.	1
		Regulação do comportamento dos alunos	Todos fazem barulho e querem falar ao mesmo tempo.	1
		Chama a atenção para facilitar a gestão da sala de aula.	O professor diz: todos calados, silêncio. Deste jeito não entendemos.	1
	Circula pela sala	Controla o trabalho dos alunos	O professor circula pela sala.	
	Incentiva o grupo na realização da tarefa	Fazem o desenho relacionado com a atividade	Vamos copiar esta frase para o caderno e façam a ilustração de uma das frases.	1
	O grupo participa ativamente	O grupo turma trabalha aplicadamente	Enquanto toda a turma trabalha.	1
	Senta-se no seu lugar	O professor pede o aluno voltar para o seu lugar.	Vai-te sentar, diz o prof.	1
	Usa o apoio dos pares	Apela o trabalho de pares	P lê a frase com apoio dos colegas.	1
	Pede ao aluno com NEE para a auto-regular o comportamento	Chama a atenção do aluno com NEE para regular o comportamento	Observa tudo à volta	1
			Levanta-se com frequência	1
			Não presta atenção	1
			Vira-se para trás	1
			Parece desinteressado.	1
Bate na colega.			1	
Dificuldade na interação com os colegas	O aluno A passa o tempo a discutir com a colega.	1		
Fica agitado	O professor diz não fiques agitado.	1		

Estratégias utilizadas com o aluno com NEE	Promove a participação do aluno com NEE	Pede ao aluno com NEE para ler	O professor pede o aluno A com NEE para ler a frase escrita no quadro.	1
		O aluno com NEE lê incorretamente	O aluno A começa a ler a frase, mas não consegue concluir	1
		O professor questiona o aluno com NEE	O professor pergunta: queres ajuda?	1
	Solicita a participação do aluno com NEE	Ausência da resposta	A, aluna com NEE, dá um sorriso e olha para a planta e para o professor e agita a cabeça com um gesto de negação.	1
	Chama atenção ao aluno com NEE na atividade	O aluno com NEE deita a cabeça sobre a mesa.	O professor diz:” oh A, levanta a cabeça e toca a trabalhar. Quero o desenho feito e lindo.”	11
		O aluno com NEE parece desinteressado.	Enquanto o professor explica o aluno A preocupa -se com os seus objetos pessoais, limpa o prato.	1
	Desperta e chama a atenção a criança com NEE.	Dá mais informações acerca da atividade.	Muito bem. O professor responde que espontaneamente quer dizer que nasce, sem nós plantarmos, aparece por acaso.	1
			C, reforça quando fui passar férias com a minha madrinha em Almeirim, ela tinha no quintal.	1

Análise dos dados da observação			E1	E3	
Categorias	Subcategorias	Indicadores	Obs1	Obs2	Frq.
Estratégia para facilitar a gestão de aula e do grupo.	Cumprimenta o grupo de alunos e reúne para iniciar o dia	Cumprimenta todos os alunos da sala. incluindo a criança com NEE	1		
		As crianças dão resposta ao cumprimento da educadora	1		
	Dá um modelo para facilitar a execução da tarefa	Desenha peixes no quadro	1		
	Distribui materiais para os diferentes grupos	Distribui o papel cenário para todos os grupos	1		

	Sugere a forma de disposição do trabalho realizado	Propõe sugestões relativas a atividade realizada	1		
		Dão resposta à questão colocada pela educadora e pelos colegas	1		
	Pede ao aluno para executar tarefas	Formula questões		1	
		Distribui o leite		1	
	Procedimento de regras	Dá orientação para o lanche		1	
Subtotal			6	3	9
Estratégias relacionadas com motivação dos alunos	Recorre a música para a aprendizagem dos dias da semana	Todos cantam a canção da semana incluindo as crianças com NEE	1		
	Questiona o grupo sobre o tempo.	Coloca questões à aluna no sentido de dar resposta ao cumprimento de rotinas	3	5	
	Explica no que vai consistir em aula	Dá informação sobre o que vai acontecer durante o dia	1	1	
	Conhece as competências do aluno	Coloca questões à aluna sem NEE	1		
	Descrevem oralmente	Explicam o que viram através do desenho		1	
Subtotal			6	7	13
Estratégias utilizadas com aluno com NEE	Para obter a opinião da criança com NEE e motivá-la a participar	Coloca questões à criança com NEE	1		
	Promove o apoio dos pares	Ausência da resposta da criança com NEE e a educadora pede apoio dos pares	1		
	Chama a atenção a criança com NEE	Questiona e estimula a participação do aluno	1		
		Comenta o comportamento da criança com NEE	1		
	Reforça o comportamento adequado do aluno com NEE	Toca com carinho na cabeça da criança	1		
	Promove a interação da criança com o grupo /turma e com a educadora	A criança acena com a cabeça e sorri para os colegas	1		
	Desenvolver a aptidão para explicar coisas oralmente	Estimula os alunos durante a atividade		1	
		Descreve com as crianças sobre o que viram.		1	
Encoraja a aluna com NEE	A educadora oferece -se para dar ajuda.		1		

	Para obter a opinião e participação do aluno com NEE	Responde questões colocadas pela educadora.		1	
	Solicitar a participação do aluno com NEE	A criança responde a questões colocadas pela educadora	1		
	Dá apoio individualizado à criança com NEE	Apoia a criança com NEE na resolução das tarefas	1		
	Desperta e chama a atenção da criança com NEE	Faz perguntas relacionadas com a atividade à criança com NEE	1		
Subtotal			9	4	13
Estratégias de apoio à realização das atividades.	Relaciona os conteúdos da aula com as aprendizagens anteriores	Dá informação oral ao grupo sobre a atividade que vai ser desenvolvida	1		
	Organiza os alunos em diferentes grupos	Organiza o trabalho de grupo	1		
		A educadora faz pergunta a AO sobre o procedimento o processo de formação e distribuição do grupo	1		
		Dá instruções ao grupo para a execução da tarefa	1		
	Trabalha em articulação com AO	A D. Olga(AO) aceita a proposta da educadora	1		
	Estimula os alunos a pensar, motiva-os para o tema	Dá explicação oral ao grupo sobre o desenvolvimento da atividade	1		
	Chama a atenção dos alunos para a atividade	A educadora dá mais informações sobre a atividade desenvolvida para o aumento da aprendizagem /conhecimento	1		
	Desloca-se nas mesas para controlar os trabalhos.	Dá pistas para a realização da tarefa		1	
	Exige a concentração no trabalho	Pede para prestarem a atenção no assunto que estão a tratar.		1	
	Incentiva as crianças na realização da atividade	Dá mais informações sobre a atividade desenvolvida para o aumento da aprendizagem /conhecimento		1	
		Faz perguntas relacionadas com a atividade		1	
A educadora chama a atenção ao descuido das pessoas.			1		

	Dá o reforço positivo aos alunos do grupo e da criança com NEE	Manifesta satisfação, pelo trabalho pelo aluno.		1	
		Comenta o trabalho.		1	
		Elogia os trabalhos feitos pelos alunos.		1	
		A educadora elogia o desenho da criança com NEE	1	1	
		Demonstra ao grupo o trabalho da criança com NEE		1	
	Dá feedback do trabalho realizado pelo aluno	Chama a atenção do grupo pelo trabalho		1	
		Aprecia o trabalho do aluno		1	
	Realiza a correção da atividade	Dá sugestões relacionadas com o trabalho realizado pelo aluno.		1	
		Corrige do discurso da criança.		1	
	Recorre à experiência pessoal do aluno com NEE para ilustrar os temas em estudo.	A criança com NEE faz uma afirmação relacionada com a atividade	1		
		A educadora presta a atenção ao discurso do aluno com NEE	1		
		A educadora dá a explicação ao grupo sobre os conhecimentos da criança com NEE	1		
	Utiliza a imagem para despertar interesse sobre o tema	Chama a atenção do grupo/ turma, incluindo o aluno com NEE	1		
	Subtotal			12	14
Estratégias para promover a participação dos alunos	Promove a participação da criança com NEE na atividade	Estimula a participação da criança com NEE		3	
		Formula questões à aluna com NEE		2	
		Presta apoio individualizado		1	
		Mostra o trabalho da aluna com NEE para promover a inclusão.		1	
		Chama a atenção à aluna para focar mais na atividade em debate.		1	
		A criança com NEE responde à questão colocada	2	1	
		Pede a criança para completar a resposta do colega.	1		
	Promove a participação dos alunos no grupo/turma	Coloca questões ao grupo relacionadas com a atividade	5	1	

	Estimula o grupo para uma maior participação	Questiona o grupo/ turma sobre a atividade desenvolvida.	1		
	Solicita a participação do aluno com NEE na atividade	Não responde	1		
Subtotal			10	10	20
Estratégias de monitorização do comportamento do grupo/turma	Pede ao grupo para autorregular o comportamento	Aguarda a vez para intervir.		1	
		Chama a atenção para uma boa postura e um bom comportamento na sala	1	7	
		Pergunta se podem deixá-la ouvir.		1	
		Manter bom clima de trabalho na aula		3	
		Exige silêncio		2	
		Chama a atenção da aluna com NEE para concentrar na tarefa.		1	
		Chama a atenção para estar atento à explicação		2	
Subtotal			1	17	18
Estratégias da avaliação e discussão das tarefas propostas aos alunos.	Pede aos alunos feedback do trabalho realizado	Reúnem no tapete para avaliarem o trabalho do grupo	1		
Subtotal			1	0	1
TOTAL			45	55	100

Tabela Síntese das Observações dos Professores do 1º CEB

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Obs2	Obs4	Freq.
Estratégias para facilitar a gestão de aula e do grupo.	Estabelecimento de rotinas e práticas na sala de aula.	Cumprimenta os colegas	2		
		Procedimento de regras	1		
		Pede ao aluno para ir lavar as mãos.	1		
	Cumprimenta o grupo de alunos e reúne para iniciar a aula	Cumprimenta todos os alunos da sala. incluindo a criança com NEE		1	
		Os alunos dão resposta ao cumprimento do professor		1	

	Explica o que vai consistir em aula	Dá informação sobre o que vai acontecer durante o dia.	2	1	
	Recorre aos objetos concretos para ilustrar o tema.	Dá mais explicação ao grupo sobre o tema em questão		1	
	Parte de situações da realidade do aluno para abordar os temas em estudo	A criança com NEE faz uma afirmação relacionada com a atividade		1	
		O professor faz comentários relacionados com a atividade, encoraja os alunos a reconhecer os seus sucessos		1	
	Recorre à musica para a aprendizagem dos números	Baseia na canção para dar o conceito do número.	1		
		subtotal	7	6	13
Estratégias de apoio à realização das atividades.	Estimula o grupo para uma maior participação	Responde a questões	4		
	Despertar o interesse.	Declara	1		
		Expõe	1		
		Coloca questões relacionadas com a atividade	2		
	Reforço positivo	Pede para responder corretamente	1		
		Motiva o aluno com NEE	1		
		Elogia o trabalho do aluno.	1		
	Dá explicação	Explica o exercício	1		
	Circula na sala	Controla o trabalho dos alunos	1	1	
	Controla o grupo	Chama a atenção para manter -se atento	2		
		O aluno X realiza as tarefas propostas	1		
	Chamar a atenção dos alunos para a atividade	Dá a resposta			1
		Reforça a confiança			1
		Dá mais informações sobre a atividade desenvolvida para o alargamento do conhecimento.			1
		Pede para responder.			1
Dá explicação oral ao grupo sobre o desenvolvimento da atividade	Escreve no quadro algumas frases.			1	

	Incentiva o grupo na realização da tarefa	Fazem o desenho relacionado com a atividade		1		
	O grupo participa ativamente	O grupo turma trabalha aplicadamente		1		
		subtotal	18	8	26	
Estratégias utilizadas com o aluno com NEE	Incentiva o aluno para concluir a tarefa	Chama a atenção para concluir a tarefa	3			
		Desperta o interesse	1			
		Dá apoio individualizado ao aluno	1			
	Orienta o aluno com NEE na arrumação dos materiais	Pede o aluno com NEE para arrumar o trabalho.	1			
	Usa o apoio dos pares	Apela o trabalho de pares	2	3		
	Chama atenção ao aluno com NEE na atividade	O aluno com NEE deita a cabeça dobre a mesa.			1	
		O aluno com NEE parece desinteressado.			1	
		Dá mais informações acerca da atividade.			1	
	subtotal	8	6	14		
Estratégias para promover a participação do grupo/turma	Promove a participação do grupo/turma	Dá explicações específicas ao grupo.	1			
		Formula questões aos alunos	2			
		Pede aos alunos para formar grupos de dez com pauzinhos	1			
		Chama a atenção para desembaraçar na tarefa proposta	1			
		Pede o aluno para ir ao quadro	1			
		Orienta o aluno nas atividades	1			
		Coloca questões relacionadas com a atividade	4			
	Pede a participação dos alunos nas atividades	Pede aos alunos para decompor o número 40.	1			
		Solicita participação dos alunos	1			
		Desloca-se para a aluna que está com o dedo no ar	1			
		Chama a atenção ao aluno com NEE	1			
		Aproxima-se do aluno e chama-lhe a atenção	1			
		Dirige-se ao aluno.	1			
		Colocam o dedo no ar	1			
		Coloca questões relacionadas com a atividade			1	
Solicita a participação			1			

		Dá resposta correta.		1		
	Promove a participação do aluno com NEE	Pede a aluno L para dar resposta a questão formulada.	1	2		
		Chama a atenção do aluno com NEE		1		
		Ausência da resposta		2		
		Pede ao aluno com NEE para ler		2		
		subtotal	19	10	29	
Estratégias de monitorização do comportamento do grupo/turma	Dá ordem ao aluno com NEE	Levanta-se do lugar e desloca-se até a professora.	1			
		recusa-se a trabalhar	1			
	Os colegas riem-se do aluno com NEE	Uma colega a queixa -se da aluna com NEE	1			
		Os colegas riem-se da pergunta feita pelo aluno com NEE	1			
	Pede ao aluno com NEE para regular o comportamento	Chama a atenção do aluno com NEE para regular o comportamento	13			
		Dá ordem ao aluno com NEE	1			
		Manifesta preocupação com a aluna com NEE	1			
	Exige o comportamento adequado	Chama a atenção dos alunos para regular o comportamento			1	
		Regulação do comportamento dos alunos			2	
		Pede o aluno voltar para o seu lugar.			1	
		Dificuldade na interação com os colegas			1	
		Fica agitado			1	
			subtotal	19	6	25
		TOTAL	71	36	107	